

MEMORIAL

Dulcilia Helena Schroeder Buitoni
Dulcilia Helena Schroeder Buitoni
WENOBIAT

DULCÍLIA HELENA SCHROEDER BUITONI

MEMORIAL

Edéia Borin Paulista
1990
Gracia

Apresentado como requisito ao Concurso para provimento efetivo de cargo de Professor Titular para o Departamento de Jornalismo e Edição da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SÃO PAULO - 1991

A todos que me
deixaram sinais
sensíveis:

- Ricardo, Sylvia, Januária, Maria Emília, Nieta, Rolf, Magaly, Geny, Coracy, Ric, Mariângela, Carolina, Marcelo, Guilherme, Waldemar, Filomena, Joyce, Ariovaldo, Marísia, Funaro, Sofia, Maria.
- Sílvia, Virgínia, Ana, Stella, Lilly, Kica, Sidinei, Dante, Ângela.
- Jandira, Janga, Carlota, Zamali, Leda, Célia, Elvira, Wladi, Mário, Regina, Iara, Flávio, Ulla.
- João Alexandre, Bôris, Walnice, Antonio Cândido, Gilda, Eva Blay, Miriam Moreira Leite, Ecléa, Alfredo Bosi, Nádia, Fúlvia, Heloísa, Oswaldo Ubríaco, Celso Beisiegel, Schaden.
- Jair, Gileno, José Marques, Torquato, Saito, Freitas Nobre, Lupe, Isidoro, Sônia, Joseph, Ciro, Carlos Eduardo, Alice, Jeanne, Jerusa, Maria Otília, Socorro, Fernanda, Bernardo, Maria Elena, Cremilda, Edvaldo, Waldimas, Sinval, Proença, Sílvia, Gisela.
- Peñuela, Virgílio, Cida, Adilson, Barco, Dora, Teixeira, Johanna, Ismail, Jean Claude, Leone, Sarah Da Viã, D'Ávila, Elsa Pacheco, Toni, Ana Balogh.
- Vera, Paulo Cézar, Fausto, Carla, Denise, Sofia, Eliana.
- Adélia, Flávia, Fábio, Carlos, Lena, Clarice.
- Ivete, Cleide, Tânia, Shirley, Ema, Zilda, Eliane, Isabela, Surano, Margarida, Penha, Lurdes, Marina, Edival, Mercedes.
- Terezita, Marisa Greeb, Naíza, Maria Emília, Verônica, Suzana, Ciça, Amélia, Hilda, Sílvio, Arnaldo, Pi.

Para

Ademir, pelo companheirismo intelectual e
pelas infinitas vivências

Cã, olhar e mão

Lu, música e espaço

Gal, ternura e dança.

SUMÁRIO

NARRATIVAS SINGULARES

Pré-Escritas	1
Recorrências	8
Primeiras letras	17
Escritas	22
Compreensões e apreensões	35
Consonâncias	43

TEXTO PLURAL

Horas e Lugares Jornalísticos	56
-------------------------------------	----

DADOS PESSOAIS	75
----------------------	----

ATIVIDADES REALIZADAS

1 Campos principais de atuação	76
2 Títulos Acadêmicos	80
3 Carreira Universitária	82
4 Atividades Profissionais	83
5 Produção científica, literária, filosófica ou artística	85
5.1 Teses	85
5.2 Livros (autoria individual)	85
5.3 Trabalhos em coletâneas	86
5.4 Revisão técnica de tradução	86
5.5 Apresentação editorial	87
5.6 Artigos em revista	87
5.7 Resenhas	88
5.8 Trabalhos para Congressos, Semanas de Estudos, Seminários	89
5.9 Trabalhos técnico-profissionais	91
5.10 Pesquisas	92
5.11 Realização de audiovisual	98

5.12	Conselhos Editoriais	98
5.13	Consultoria e Concursos Externos	99
5.14	Participação em Núcleo de Apoio à Pesquisa	100
5.15	Emendas e pareceres	100
6	Atividade didática universitária - Graduação	101
7	Atividade didática universitária - Pós-Graduação	107
8	Atividades de formação e orientação de discípulos	112
8.1	Orientação de dissertações e teses	112
8.1.1	Dissertações de mestrado já concluídas	112
8.1.2	Teses de doutoramento já concluídas	121
8.1.3	Orientação de Mestrados em andamento	123
8.1.4	Orientação de Doutorado em andamento	124
8.1.5	Orientação de trabalhos de Conclusão de Curso ..	124
9	Participação em comissões julgadoras de livre-docência, doutorado, mestrado, exames gerais de qualificação e trabalhos de conclusão de curso (TCC)	128
10	Atividades relacionadas à extensão e à prestação de serviços à comunidade	141
11	Participação em Congressos, Semanas de Estudos, Semi- nários	145
12	Atividades Administrativas	151
12.1	Chefia do Departamento	151
12.2	Conselho do Departamento de Jornalismo e Editoração ..	151
12.3	Comissão de Ensino do CJE	152
12.4	Colegiado do CJE	152
12.5	Comissão de Graduação da ECA	152
12.6	Comissão de Pós-Graduação do CJE	153
12.7	Comissão de Pós-Graduação da ECA	153
12.8	Congregação da ECA	154
12.9	Outras comissões do CJE e da ECA	155
12.10	Concursos de seleção de docentes	158
12.11	Seleção para preenchimento de vagas jacentes	158
	PÓS-ESCRITA	159

OBS.: Os documentos relativos às atividades descritas neste memorial estão numerados na mesma seqüência aqui utilizada e encontram-se ordenados em caixas.

Nº de caixas: 8

NARRATIVAS SINGULARES

PRÉ-ESCRITAS

DESCRIÇÃO À VISTA de um quadro. Devia ter uns nove ou dez anos, e nas aulas de português do colégio havia um suporte com uma série de gravuras penduradas. A professora escolhia uma, e nós escrevíamos. No outro ano, de novo a mesma seqüência de gravuras; sabíamos até a ordem. Eram ilustrações antigas, material didático da década de 20 ou 30; roupas e objetos denunciavam que várias gerações descreveram essas cenas.

UM DIA, um cavalo. Eu sempre fizera redações medianas; corretas, mas sem muita vivacidade. Não gostava muito do que escrevia. Nesse dia, ficcionei. Inventei uma historinha, o cavalo acabara de chegar, estava cansado, falei dos caminhos por onde passara. Descobrira a paixão pelo escrever, eu que já era uma apaixonada leitora, de ficar horas e horas com livros ou revistas, esquecendo da vida.

LIA JORNAL desde pequena. Também, meus pais liam O Estado de São Paulo de ponta a ponta. Nunca foram assinantes, apesar de comprarem-no religiosamente todos os dias. Meu pai me trazia o Tico-Tico, Vida Infantil, Pato Donald. A revista preferida, Pato Donald, começara um pouco antes de eu ser alfabetizada, e seria o início do império da Editora Abril. A imprensa de massa estava-se estabelecendo no país. Colecionei até a adolescência.

SAUDADE, de Thales de Andrade, é um livro lembrança da infância.

Caminho Suave foi a cartilha. Colégio de freiras francesas, do jardim até o colegial, só para meninas. Com uniforme diário e de gala, filas, capela, retiros espirituais, nota de comportamento, medalhas para as primeiras alunas. Externato, semi-internato, internato.

ALGUMAS ALUNAS tinham aulas de música no colégio. Uma vez, no recreio, ouvi o som de "La Cumparsita" vindo de uma das salas de piano; a freira que tomava conta do recreio saiu voando, para interromper o tango profano. Nós não conseguíamos entender porque tanto alvoroço. Havia uma pequena biblioteca de ficção e eu li todos os infanto-juvenis de uma coleção francesa traduzida pela José Olympio. "Tio Jerry, o detetive" era um deles. As obras eram emprestadas de acordo com a idade; as religiosas faziam toda uma classificação do que podíamos ou não ler. Monteiro Lobato não era recomendável.

TIVE UMA PROFESSORA de português, Irmã Inês Maria, brava e competente, que nos deu uma boa base de língua. O colégio não era muito puxado na maioria das matérias, mas as aulas de português e os cadernos de pontos — que nós fazíamos e ilustrávamos com decalcomanias, cromos e figuras recortadas de revistas, formando uma espécie de edição pessoal, que substituiu o livro — deixaram profundas marcas lingüísticas.

EM CASA, eu podia ler o que queria; pouquíssimas eram as restrições. José de Alencar, Machado de Assis, Balzac, Dostoievski; de alguns, as obras completas; de outros, o que havia nas estantes. Os romances de M. Delly, a freira guardiã dos livros e da moralidade ia dando conforme eu crescia. A atração por viagens, aventuras — li os oitenta e tantos volumes da coleção de Júlio Verne. E me entusiasmei com as aventuras de Tarzã.

GOSTAVA MUITO de cinema. Ia uma vez por semana, e minha mãe era a companheira mais constante (meus pais só me deixaram sair com amigas quando eu já estava no clássico; fora da escola, não tive uma adolescência vivida em grupo). Filmes americanos, alguns franceses, alemães, espanhóis e brasileiros — o cinema era mais entretenimento. Assisti a um festival de Greta Garbo: sua imagem marcante dominava qualquer cena. "Spartacus" foi um épico memorável. No capítulo rock, minhas preferências recaíam sobre Pat Boone, mais comportado do que Elvis Presley.

A CULTURA DE MASSA estava ganhando espaço. O cinema americano já vinha colonizando o imaginário há tempos. No entanto, foi talvez a minha geração que assistiu a comunicação de massa se instalando definitivamente no Brasil. Tinha três anos quando houve a primeira transmissão de televisão — o meio que teria a hegemonia das comunicações e das mentes. O novo eletrodoméstico não conseguiu adeptos na minha casa; pelo contrário, era combatido como dese-

educativo. Só fomos ter um aparelho de TV uns dez anos depois. Assim, vi uns poucos "Sítio do Picapau", apresentação de Júlio Gouveia e programas de desenhos, de auditório, em casa de tios ou amigos. Passei a infância imune à TV.

POR IRONIA, A TV morava ao lado. Minha casa ficava no Sumaré, perto dos estúdios e da torre da TV Tupi, canal 4, Emissoras Associadas, a primeira estação brasileira a entrar no ar. Meu vizinho, o locutor e ator Walter Forster, participara do programa inaugural. Por causa da Tupi, no bairro moravam muitos artistas, que eram figuras muito familiares, e com quem cruzávamos na padaria, no açougue, na feira. Ainda não havia "superstars", nem imprensa especializada em televisão.

AS RISADAS de Hebe Camargo ainda ressoam na sacada vizinha, nas longas visitas semanais ao amigo Walter Forster, que para mim era apenas o pai de um casal de filhos um pouco mais velhos que eu. Ainda vejo as pipas que eu soltava nos morros ventosos do Sumaré, junto com meu único irmão. Nossa rua tinha umas cinco ou seis casas, duas delas construídas por meu pai. Quando fomos morar lá, garotos conduziam rebanhos de cabras e vendiam leite à nossa porta. A avenida Sumaré não existia; era apenas um enorme vale com lagoa, charcos e muitas chácaras.

BRINQUEI MUITO. Além do quintal, eu e meu irmão tínhamos os terrenos baldios da rua de trás, e lá podíamos ficar, desde que não nos afastássemos muito das vistas maternanas. Fazíamos barracas de pano, navios com pedaços de madeira, jogávamos bola, pião, passeávamos com o cachorro, brincávamos com os vizinhos. A vizinha da esquerda era filha do poeta Cassiano Ricardo, e frequentemente eu o via, calvo e lábios grossos, muito pouco falante. Mais que literato, ele era o avô do Rubens e da Regina (os outros netos tinham todos nomes indígenas).

ESCOLA, LER, brincar, cinema quase toda semana, idas ao centro da cidade fazer compras, passeios aos domingos, clube — uma infância razoavelmente tranqüila. Teatro só fui conhecer na adolescência. "My Fair Lady", com Bibi Ferreira: a música, os figurinos, as artes cênicas começando a me conquistar. Música, eu ouvia clássicos e populares. Meu pai gostava de por discos na vitrola: valsas de Strauss, Tocata e Fuga de Bach, e populares, como Luiz Gonzaga, apreciado por toda a família, inclusive pela avó espanhola, que morava conosco.

BRASIL DESDE 1600, Portugal, Espanha, Alemanha, Suíça: legítima mistura paulista nas minhas veias, sangue de muitos lugares. Filha de pais paulistas, antigos moradores das Perdizes — conheceram-se durante a guerra, ele estudante universitário, ela secretária. Vivos e juntos até hoje.

IMAGENS da mãe: leitora diária do Estadão, lendo-o inteirinho de internacional a nacional, editoriais, crônicas, suplementos (principalmente o feminino), anúncios fúnebres. E relatando as notícias principais para a família, ou comentando. Lia também a revista feminina argentina, Para Ti, que colecionava. Eu desde cedo comecei a ler espanhol nas páginas dessa revista (algum prenúncio do estudo da imprensa feminina?), o que me deu grande familiaridade com a língua. A mãe, que gostava muito de costurar, fazia roupas para os filhos, que fizera o curso de secretariado e que trabalhara numa grande construtora até a gravidez da primeira filha — eu. Imagens do pai: na prancheta ou lendo jornal ou livros. Muitos livros. E revistas especializadas: National Geographic, Cience et Vie, revistas técnicas. Na minha adolescência, chegou a ser editor, durante alguns anos, de uma revista de engenharia. Outra imagem: ao volante de um automóvel, uma de suas atividades preferidas. Viajávamos muito, de carro, geralmente viagens rápidas, pois ele nunca dispôs de férias muito longas. Dava aulas na universidade, primeiro na Politécnica, depois na Engenharia de São Carlos, mas sempre trabalhou concomitantemente em empresas; daí seus pequenos períodos de férias. São Sebastião — litoral norte, um dos destinos frequentes, e Rio Grande do Sul, e Bahia, Rio de Janeiro, e muito interior de São Paulo. Deslocamentos — um dos

traços de meu pai — traço que marcava toda a sua vida acadêmica. Começara com Estradas de Rodagem e depois abrangeria mais modalidades, trabalhando com a área de Transportes.

CIÊNCIA E TÉCNICA: duas palavras-chave para caracterizar meu pai. Até nas dedicatórias em livros que me dava, a presença do saber como condição para o aperfeiçoamento. Nunca foi muito ligado às Artes, apesar de haver projetado casas e prédios dentro de uma razoável modernidade estética. E de haver participado do concurso para o projeto de Brasília. Cinema, preferia comédias de Chaplin e Gordo e Magro, ou comédias mais recentes, tipo Deu a Louca no Mundo. Pai e mãe estimulavam-me muito nos estudos; porém nunca houve um direcionamento para esta ou aquela profissão.

RECORRÊNCIAS

A GUERRA DO IRAQUE começou ontem (16 de janeiro de 1991) e o mundo assiste, na televisão, bombas e mísseis caindo em Bagdá, no mesmo momento, AO VIVO. Acabei de decidir fazer o concurso de titular. A circunstância não podia ser mais jornalística. Começo a alinhar algumas idéias para o memorial, mas a guerra, as férias e o começo do semestre fazem com que eu retome o texto só em abril.

O ESPETÁCULO, modus vivendi da TV, encontrou nessa guerra, presenciada em vários lugares do mundo, o seu relato exemplar. Depois dos primeiros impactos, as informações tornaram-se repetitivas, mas mesmo assim as coberturas da televisão foram armas para conquistar e manter audiência — haja vista como a CNN ganhou pontos ao ser a única a ter um correspondente no ar.

INFORMAÇÃO E PODER: dois conceitos fortemente ligados, causando constantes questionamentos nos jornalistas que têm consciência da sua atuação nessas duas estruturas interdependentes. "Veja: o poder da informação em suas mãos". Esse anúncio da mais vendida revista brasileira é emblemático dessa aliança geralmente manipulatória dos anseios do povo — e também contribuindo, em maior ou menor



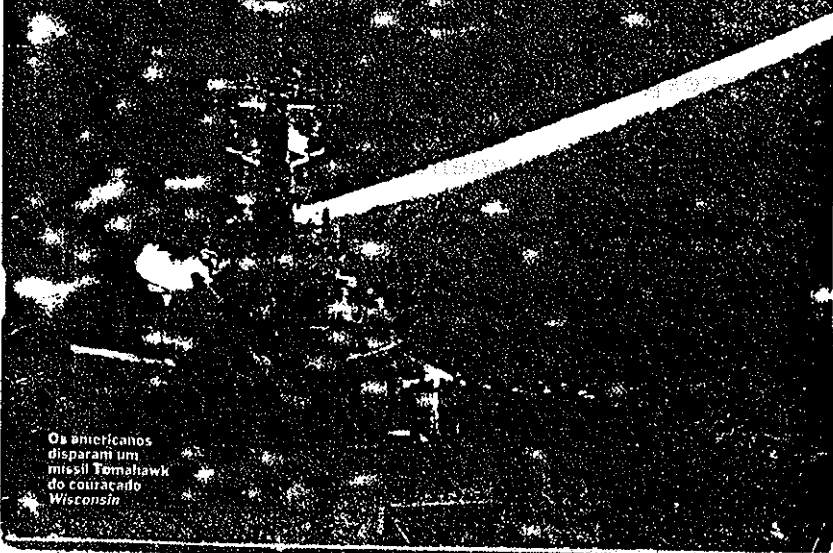
O preço
do revide de
Israel

veja

QUINTA-FEIRA 10/10/85
R\$ 2,00 N.º 4 C.R. 440.00
23 DE JANEIRO DE 1985

DEPARTAMENTO
DE ECONOMIA

O IMPACTO DA VIDEOGUERRA



Os americanos
disparam um
missil Tomahawk
do couraçado
Wisconsin

escala, para o crescimento da cidadania.

A MERCADORIA-INFORMAÇÃO oferecida como domínio; dentro da embalagem atraente, a promessa do saber e do poder. Quem se informa tem poder, dizem os jornais, as TVs, os livros de comunicação. E tanto tem repetido, e tanto a informação acaba sendo motor da economia capitalista, que para todos nós a qualidade poder parece estar impregnada à informação. À toda e qualquer informação. Logicamente, a cultura é a forma de dominação da natureza, já disseram os antropólogos, e as informações podem trazer ajudas a essa dominação. Mas não são todas as informações que trazem poder.

PARA VENDER a informação, nada melhor que reforçar uma idéia que parece tão natural. "O poder está em suas mãos", se você ler Veja. A revista anuncia-se poderosa e transmissora de poder — e o leitor, individualmente, ainda dispõe do "arbítrio" — a decisão de obter o poder é dele. Você compra a informação, você tem o poder.

O CONSUMO, META maior, transita por tudo, de bens duráveis a bens perecíveis, a bens culturais. Tudo se oferece, tudo se vende, devidamente embalado em fantasias e ideologias. Pode ser um reducionismo. Mas o exercício do pensar necessita de formulações diretas para passar a níveis mais complexos. O conceito da notícia como mercadoria está em vários autores e presente também em minhas preocupações.

SÃO FORMULAÇÕES que fazem parte do discurso crítico sobre as comunicações, e o meu lado pesquisador faz emergir análises e contrapontos sempre que reflito sobre o meu eu jornalista. Por isso, ao escrever o memorial, e iniciá-lo por uma narrativa pontilhada de afetividades, as considerações teórico-críticas vêm à tona.

VÊM À TONA as reflexões sobre os fatores de tempo e espaço, vem a fenomenologia, vêm as proposições de filósofos contemporâneos, como Virilio, e suas concepções de geopolítica e cronopolítica. Vem também uma série de problemas de metalinguagem. Como escrever? Em primeira ou terceira pessoa? Colocar fatos pessoais, familiares? Que tom dar ao relato? Como fazer confluir o discurso-lembrança e o discurso-teoria? Como ser repórter de mim mesma, quando no jornalismo, nos acostumamos mais a ser testemunhas?

APELO SEDUTOR do jornalismo, a "licença" de investigar, espiar, contar a vida (dos outros, é claro) nos seus mínimos detalhes, volta-se contra nós, quando o "eu" é objeto jornalístico. Andando em meio-fio, vacilando entre colocar a fala do soldado americano dizendo que o ataque a Bagdá parecia um "videogame" ou a tristeza pela colega de departamento que se aposentou, entre usar a crítica e a denúncia, tão inerentes ao jornalismo, ou salientar a colaboração daqueles funcionários da ECA que nesses 25 anos deixaram marcas indelêveis na minha memória, escrever esse texto é difícil. Há uma tensão entre rela-

tar-se e esquecer-se, entre dizer as coisas a mim relacionadas e não querer ser protagonista, como na maioria das vezes não fui. Fui mais é coadjuvante, seja na função de repórter ou redatora-chefe, de auxiliar de ensino ou de associado(a). Se a palavra associado significa trabalhar em conjunto, então ela define bem o espírito pelo qual eu sempre me pautei profissionalmente, seja na universidade ou no jornalismo.

EU ME PERMITO (estranho esse "eu" em caixa alta, mas faz parte da forma proposta) uma digressão sobre os atuais sistemas de cadastramento da USP, um índice da progressão da dominação das pessoas pela informática. Logicamente, a universidade precisa de ter informações a respeito de seus funcionários e docentes, e conservar uma memória central; mas será que já se pensou nesse sistema enquanto invasão de privacidade? Fiquei um pouco assustada quando, ao solicitar a expedição de um diploma (e naquela época eu era vice-chefe de departamento), vi na tela a listagem de tudo o que tinha feito, o dinheiro que recebi como adiantamento para o departamento, licenças, viagens para congressos, pagamento por participação em bancas, enfim, tudo... Os últimos quatro ou cinco anos iam sucedendo-se na telinha. Imaginei que basta alguém que tenha autorização para entrar no sistema e em segundos ele tem todas as informações a respeito de qual-

DISCURSO

DO PRESIDENTE

O Estado é a grande família. "A nossa renda nacional resulta, é só, daquilo que produzimos, consumimos e exportamos", lembra ainda Jânio, explicando em seguida e enganado dos que imaginam o Estado como "uma arca sem fundo na qual a todos é permitido meter as mãos, sem que os tesouros jamais se esgotem."

É essa coisa simples que todas as mulheres, as mães de família carecem compreender: para termos em casa estabilidade, pão garantido, é preciso que se cuide, que juntos cuidemos da estabilidade e do pão da casa grande de todos nós, que é o Brasil. Temos que nos reunir solidariamente na tarefa da recuperação e da poupança. Temos que nos preocupar com o orçamento nacional, tratando-o não como uma coisa fora do nosso alcance intelectual e só acessível aos iniciados, "negócio de homens e políticos", — mas como um problema nosso também, do qual depende a nossa vida de cada dia. As contas do Governo não são nenhuma alta matemática misteriosa: as contas do Governo são ao fim e ao cabo, simples contas de somar e diminuir, como as que anotamos no nosso caderno doméstico. Tanto de renda, tanto de gastos, tanto de prestação, — quanto sobra?

No momento, segundo nos revela o Presidente, nada sobra e faltam bilhões e bilhões: — as contas do Governo vão muito mal. E como se uma de nós, dispozo apenas dos modestos recursos do marido comerciante ou barnabé, resolvesse montar apartamento na Avenida Atlântica, de porteiro, elevador e ar refrigerado, como na cantiga de Aurora, decorador, alta fidelidade. As prestações se amontoam, os credores gritam, falta o dinheiro para o leite e o pão e o colégio das crianças. O pobre barnabé nosso marido, arrebolado e em desespero, clama por

socorro. Pois esse barnabé encalhado é o Brasil; Jânio está disposto a fazer o que a forças humanas for possível para o salvar e o repor de pé. Mas precisa de ajuda — ajuda de cada um e ajuda de todos. Precisa que nós aprendamos a renunciar ao supérfluo, a abrir mão do vultuário; apurar os excessos, cortar o pão-de-ló. Cortar as comissões no estrangeiro, as encargos gratuitos dos protegidos, para não termos que fechar escolas nem estrar gente pobre ao desemprego. Cada favorecido que abrir mão dos seus dólares de ajuda de custo — é talvez mais um leito de hospital que se garante por um ano. Cada automóvel oficial que não se compra, é uma ambulância ou um trator que se adquire; é um dilo que se constrói para armarinar feijão e milho. Cada negociação que não se fecha é um navio que se põe a navegar, são alguns quilômetros de rodovia que se asfalta, é uma locomotiva que sai puxando trem.

Ninguém quer parar Brasília, ninguém quer abandonar as barragens em construção, ninguém quer fechar estradas, impedir o crescimento das indústrias. O que se quer é fazer isso tudo, mas pelo custo real. Queremos desenvolvimento, sim, progresso, industrialização, eletrificação, petróleo — mas pelo justo preço. E uma impostoria pretender que essas coisas só se constroem num clima de dilapidação e suborno. Vá lá que para atravessar o rio São nos cobrasse alguma coisa — cobrasse o bol das piranhas. Mas querer deixar a boiada inteira no rio para a piranha comer, assim também é demais.

Foi isso o que o Presidente nos quis dizer no seu discurso; e se Deus lhe der saúde e todos nós lhe dermos ajuda, ele nos provará que disse certo.

RACHEL DE QUEIROZ



... não me falar divina, se não me se, se não me falar a Judiciária, sei de clava de li espem em Estado desoclam se governo de ova. O povo está L. O povo será a um e seu destino. In- cutivo, julga-me se ta de todos o estado indispensável que se no vulto da sua

mesmo tempo geral e específica dos reclamos com frequência contraditórios dessa coletividade. Ao termo do mandato aceita que me julgo pelo que restar de cotão entre e que recebo e a que por minha vez transmitirei. Não há ninguém pessoalmente na mira das prevenções que me atribuem mas também não haverá ninguém a começar dos mais altos escalões administrativos, que possa atuar-se fora das normas de ação, composição e integridade que caracterizam os negócios públicos neste edifício. Candidato, não revidar; presidente, não tenho palavras e comprometer nem adversários a ninguém. Derrotarei até o último extremo das minhas forças e

comigo, para os serviços empreitados. Usá-lo-ei em consonância com o que prometi e com o que me reclamam, mas em caráter da mais estrita imparcialidade. A estatística, todavia, demora infensas as frezas da retórica e a graça dos ditirambos. Se conclusões incertas é que estas se acham entrançadas no pensamento, quando nada para os juízes da história, que cada qual tome do seus costumes e quinhão que lhe caber.

A situação financeira

ciase fluxe ainda mais incoerente. Desenhadas em centenas de milhares, as estranhas devemos 2 bilhões e 502 milhões de dólares, e que marca, até a data citada e naquele período, a elevação de 1 bilhão e 485 milhões de dólares sobre o passivo anterior.

E a situação é tanto mais séria quando se sabe que somente durante o mês seguinte deverá saldar compromissos em moeda estrangeira no total de cerca de 2 bilhões de dólares. E só no corrente exercício, de 500 milhões de dólares. Importa assinalar que além de compromissos pontuais existem operações efetua-

os mais. De outra parte, causas intrínsecas de volume, os encargos aceitos pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico com avais e empréstimos externos. Este ascendem em nome do Tesouro Nacional a 1 bilhão e 200 milhões de cruzeiros e em nome do próprio Banco a 22 bilhões e 400 milhões de cruzeiros, perfazendo as duas cifras e total de 24 bilhões e 600 milhões de cruzeiros. Destarte, embora se tome por base o preço artificial de câmbio de cota, 100 cruzeiros por dólar, os estudos avulsos representam obrigação suplementar de 360 milhões de dólares.

1961 — ANO 47 — N. 3 — MARÇO — Cr\$ 30,00

MAGAZINE

quer professor da universidade, é só digitar o nome...

COMPLEXIDADES: o mundo da informação é um mundo de interferências e inferências. Um mundo onde a ética precisa ter seu lugar restabelecido, depois de se haver invocado tanta ciência e tanta técnica como critérios definidores do que é mais adequado para as pessoas, para as cidades, para os países, para este planeta, enfim.

SE A GUERRA DO IRAQUE parece ter acontecido há tanto tempo atrás, que até a esquecemos (e a mídia contribui para esse esquecimento), outros fatos surgem vívidos na memória. Eu tinha apenas sete anos quando Getúlio Vargas morreu, e a notícia foi ouvida no rádio de casa, a família comentando, sem querer falar muito em suicídio, para não impressionar as crianças, morte depois estampada nas fotos da revista O Cruzeiro. Fatos políticos da infância e adolescência. Juscelino, o projeto de Brasília, que por muito tempo foi assunto e prática concreta em casa.

JÂNIO, 1961, POSSE e renúncia. O discurso de posse foi publicado na íntegra numa revista feminina, A Cigarra, acompanhado de um comentário de Rachel de Queiroz (a imprensa feminina já teve mais política em suas páginas). Recorrências, permanências: "Tão graves como a situação econômica e financeira se me afigura a crise moral, administrativa e político-social em que mergulhamos. Vejo a administração emperrada pela burocracia e manietada por uma legislação obsoleta. Vejo as classes erguerem-se,

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891 - 1927)

Capital e Interior: dias úteis Cr\$ 30,00, domingos Cr\$ 50,00; assinatura Cr\$ 6.000,00. Expediente: R. Major Quadinho, 28 - Telefone: 34-6. Publicidade: 32-2002 - End. Teleg.: ESTAS

Diretores - Americo de Campos, 1875-1884; Francisco Rangel Pestana, 1875-1890; Julio Mesquita, 1891-1927; Nestor Rangel Pestana, 1927-1933; Plinio Barreto, 1927-1935

DIRETOR: JULIO DE MESQUITA FILHO

ANO LXXXIV

SABADO, 22 DE NOVEMBRO DE 1963

NUM. 27.176

DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTI

Assassinado o presidente Kennedy

O presidente foi atingido por um tiro na cabeça ao chegar a Dallas e agonizou nos braços da esposa

DALLAS, 22 (AP, AFP, UPI, ANSA e DPA) — John Fitzgerald Kennedy, trigésimo-quinto presidente dos Estados Unidos, foi assassinado na tarde de hoje, quando chegava a esta cidade, para pronunciar um discurso. Atingido por uma bala de fuzil na cabeça, o presidente foi rapidamente encaminhado a uma clínica local, onde recebeu várias transfusões de sangue. Contudo, a despeito de todos os esforços desenvolvidos pelos médicos que o assistiam, Kennedy faleceu vinte e cinco minutos depois de seu internamento no hospital. Seu falecimento foi anunciado por dois sacerdotes católicos que lhe ministraram a extrema-unção. Ao ter conhecimento da morte do presidente, a multidão que se concentrara na frente do hospital começou a chorar.

O governador do Estado de Texas, Tom Connally, que se encontrava em companhia de Kennedy, foi imediatamente retirado a tiros e está ferido na mesma clínica onde Kennedy faleceu. A esposa do presidente e a do governador, que se encontraram no lado de sua esquerda, nada sofreram.

O corpo do presidente Kennedy, seguiu para Washington, por via aérea. Anshah permaneceu aqui por uma visita pública. O vice-presidente Lyndon Johnson, substituto natural de Kennedy, recebeu o juramento de prestes alguns horas depois de seu falecimento. O juramento foi prestado em um momento de grande tensão na cidade, com milhares de pessoas se reunindo

em frente do hospital. O governador Connally foi atingido por uma bala de fuzil na cabeça, quando chegava a esta cidade, para pronunciar um discurso. Kennedy faleceu vinte e cinco minutos depois de seu internamento no hospital. Seu falecimento foi anunciado por dois sacerdotes católicos que lhe ministraram a extrema-unção. Ao ter conhecimento da morte do presidente, a multidão que se concentrara na frente do hospital começou a chorar.

Em Washington
WASHINGTON, 22 (AP, AFP, UPI, DPA e ANSA) — O aeroporto de Dallas, na mesma ambulância que conduziu o presidente Kennedy, que já estava em um hospital, por razões de segurança, estava à sua espera no aeroporto. Ali, o esquife foi colocado no bordo do avião e foi provido de um guarda-costas. Embarcaram no mesmo avião a sra. Kennedy e Lyndon Johnson, que prestou o juramento presidencial a bordo.

Comunicado oficial
No momento em que o aparelho partiu com destino a Washington, o secretário de Estado, Dean Rusk, comunicou a imprensa que o presidente John Fitzgerald Kennedy morreu aproximadamente às 19 horas (GMT) em Dallas. O chefe do governo norte-americano fez um comunicado em que declarou que a morte do presidente ocorreu em consequência de ferimentos no crânio, provocados por um disparo de arma de fogo. O comunicado prestado pelo presidente Rusk, também mencionou a morte de John Fitzgerald Kennedy em Dallas, Texas, em 22 de novembro de 1963.

quanto chegou ao Hospital. O governador Connally foi atingido por uma bala de fuzil na cabeça, quando chegava a esta cidade, para pronunciar um discurso. Kennedy faleceu vinte e cinco minutos depois de seu internamento no hospital. Seu falecimento foi anunciado por dois sacerdotes católicos que lhe ministraram a extrema-unção. Ao ter conhecimento da morte do presidente, a multidão que se concentrara na frente do hospital começou a chorar.

Nada sabem os filhos do presidente
WASHINGTON, 22 (ANSA, AFP, AP e UPI) — Caroline Kennedy e John, que terão 8 e 6 anos, respectivamente, na próxima semana, ainda não sabem de seu pai. A sra. Kennedy, ainda sob o efeito do choque produzido pelos acontecimentos em Dallas, não admitiu a presença e difícil dever de lembrar as crianças. Caroline e John ainda esperam que "Daddy", o presidente, volte de Texas, pois tantas vezes regressou de viagens pelo Texas (Estado de seu pai), porém de vez em quando.

O corpo do presidente Kennedy foi enviado de base aérea para o Hospital Naval de Bethesda, onde será embalsamado. Posteriormente, será enviado para a Casa Branca, onde será enterrado. O corpo do presidente Kennedy foi enviado de base aérea para o Hospital Naval de Bethesda, onde será embalsamado. Posteriormente, será enviado para a Casa Branca, onde será enterrado. O corpo do presidente Kennedy foi enviado de base aérea para o Hospital Naval de Bethesda, onde será embalsamado. Posteriormente, será enviado para a Casa Branca, onde será enterrado.



uma a uma, contra a coletividade, coisas de vantagens particulares, esquecidas de que o patrimônio é de todos. Vejo por toda a parte escândalos de toda a natureza. Vejo o favoritismo, o filhotismo, o compadrio sugando a seiva da Nação e obstando o caminho aos mais capazes. Na vida pública, mal se divisa a distinção entre o que é sagrado e o que é profano. Tudo se consente ao poderoso, nada se tolera ao sem fortuna." (trecho do discurso de posse do Presidente Jânio Quadros).

A MORTE DE KENNEDY, em 1962: o atentado também ouvido pelo rádio, e a angústia em saber se iria sobreviver. Afinal, os meios de comunicação haviam-no tornado um modelo de presidente, jovem, rico, inteligente, mulher bonita, dois filhos encantadores. Anos mais tarde, a jornalista iria ler um belíssimo ensaio de Piêr Paolo Pasolini que desvendou o caráter do plano-sequência e da montagem a partir do exemplo do documentário amador sobre o assassinato de Kennedy. Poucas vezes o real concreto e a teoria articularam-se tão bem. Pasolini, em texto poético e revelador nos diz que a morte é a realização da montagem final do filme da vida de cada um. Com a morte, a vida fica definitivamente montada.

MORREMOS UM POUCO a cada dia, um pouco a cada ano. Memória, registro, resgate — o ser humano sempre procura deixar marcas e sempre procurou recuperar e organizar os mo-

mentos de uma trajetória. Linguagem, linguagens: as palavras humanas encadeando-se, permanecendo. A aptidão narrativa de nossas mentes está diretamente ligada ao relatar, ao guardar, ao articular sentidos.

TRABALHOS DE LINGUAGEM: entre o científico e o clássico fiquei com o último. Letras e relatos me atraíam mais. Aí o maior contato com peças teatrais, professoras levando-nos ao teatro, e eu mesma atuando em algumas peças. Fui um médico velho (colégio só de meninas, tínhamos que fazer papéis masculinos) numa comédia de Martins Pena. Maria Thereza Strongoli, professora de português e francês, uma verdadeira educadora, mostrou os caminhos da literatura.

APESAR DO AMOR às letras, decidi prestar vestibular de Direito. Não tinha nenhum advogado próximo, nenhuma figura inspiradora; mas imaginava que seria uma profissionalização mais definida. Fiz um semestre de cursinho, ao final do 3º clássico: Castelões, em plena rua S. Bento, num prédio antiquíssimo, em cima da Botica Ao Veado D'Ouro. Primeira vez que estudava com colegas do sexo masculino, carteiras duplas, daquelas de grupo escolar do começo do século. Foi uma boa iniciação aos estudos universitários. Filosofia, História, novas linhas, uma visão mais progressista. Apesar do barulho das lojas de discos, do desconforto da sala pequena, janelas para a rua, muita coisa aprendi.

VESTIBULAR. PROVAS na própria Faculdade de Direito, do Largo de São Francisco, a solenidade do ambiente aumentando o nervosismo. A redação guarda atualidade até hoje, formulada mais ou menos assim: "Poderá o medo das armas nucleares contribuir para que não haja mais guerras?". Hoje, além das armas nucleares temos armas químicas, biológicas e outros tantos artefatos destruidores. As estratégias de guerra deslocaram-se de geopolíticas para cronopolíticas: ganha quem primeiro apertar o botão. E a cronopolítica inclui também a comunicação: se o serviço de inteligência já foi decisivo na Primeira e na Segunda Guerra, hoje os Estados Unidos sabem o quanto a comunicação, especialmente a TV, conduz os destinos da guerra. Se no Vietnã os jornalistas tiveram relativa liberdade de reportar, na América Central e no Iraque, a comunicação foi usada como arma decisiva: só foi a público o que o alto comando militar permitiu. O lingüista Noam Chomsky soube analisar muito bem essa progressão (ou regressão). Filosofia foi um exame difícilimo, pedindo para definir expressões que eu nunca vira. Mas acabei entrando em terceiro lugar.

COMECEI OS ESTUDOS de Direito; estávamos em 1966. A novidade de freqüentar a universidade, e numa escola que conhecia por fora desde pequena, a movimentação estudantil, o trote, a "peruada", receber diploma de "burro" (calouro), comemorar o dia 11 de agosto com "pindura", enfim todas

as tradições e formalidades brincalhonas que faziam parte do espírito das Arcadas.

NO ENTANTO, O JORNALISMO era uma pergunta em suspenso. Chegara a ir até a Cásper Líbero, antes do vestibular de Direito: a escola não me atraiu; queria viver em unidades maiores. Depois de treze anos estudando em colégio de freiras queria estudar numa universidade e não numa escola isolada. Foi então que a ECA começou a nascer: iniciavam-se os estudos de implantação. Aberto o vestibular, inscrevi-me. Não tive tempo de estudar. As provas foram no prédio da História; escolhi francês e me arrependi: o exame foi muito difícil, enquanto o de inglês foi fácil. Contingências. Fiquei na lista de excedentes, mas depois a universidade chamou-nos. A pergunta começava a ser respondida.

1966: DE LÁ para cá, 25 anos da Escola de Comunicações. 25 anos do Jornal da Tarde, jornalismo e linguagem inovando-se: outro marco da minha geração. Jornalismo e linguagem, articulação inseparável na carreira da jornalista que se confunde às vezes com a história da escola onde me formei.

PRIMEIRAS LETRAS

A CIDADE UNIVERSITÁRIA era uma espécie de loteamento em implantação, com ruas asfaltadas, guias, poucas calçadas, edifícios em construção e muito mato. De acabado, com ar de funcionamento normal, só mesmo a Reitoria, o relógio, o prédio da História, o conjunto das Químicas, a Botânica. Havia os barracões da FUNBEC, e um deles, o B-9, seria o local do nosso 2º ano.

O PRIMEIRO ANO de escola e de Cidade Universitária, 1967, marcou ainda mais os contrastes entre fazer a faculdade mais antiga, e a supernova, em efervescente gestação. Num único dia, dois fusos temporais. A velha academia, a São Francisco de arquitetura eclesial, de sacadas de comícios, da tribuna livre em frente, do pátio misterioso com o túmulo do maçom Júlio Frank, eternamente fechado àquela época e só visível de algumas janelas (hoje fica aberto), bem no centro velho de São Paulo, num dos locais mais tradicionais da cidade, e ela mesma a faculdade mais antiga do Brasil, junto com a de Recife.

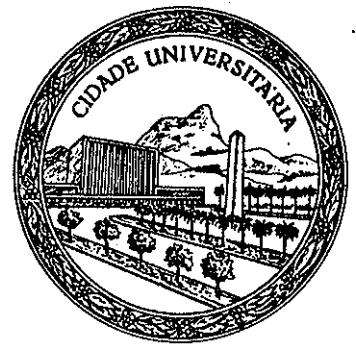
O URBANO, as normas, a obrigatoriedade de assistir às aulas de saia, as preleções imponentes, o professor do alto de sua mesa, a sala imensa com mais de cem alunos, o bedel

passando o livro tipo de atas, capa dura, para assinar-mos a presença, a quase ausência de perguntas, a platéia passiva ouvindo a oratória dos mestres. Alguns mitos, como Goffredo da Silva Telles, de fala brilhante, Cesarino Júnior e o Direito do Trabalho, mais concreto, mais ligado à vida de todo dia, e professores mais novos, mas nem tanto, e que iriam consolidar uma carreira em torno da retidão e da justiça, como Dalmo Dallari e Fábio Konder Comparato. Apesar da convivência distante, pois o ambiente da São Francisco não era propício a contatos professor/aluno, guardo com saudade a imagem desses eruditos ligados a seu tempo e para os quais a docência sempre representou uma parte muito importante na vida profissional.

EXAMES SEMESTRAIS, provas escritas e orais, cátedras, escadarias imponentes, elevador privativo dos professores, pé direito altíssimo, pátio interno de ares vetustos — mas um lugar de convívio entre as várias turmas —, bibliotecas antigas, um departamento feminino — para as alunas — com banheiros e sala de estar, leis, normas, regulamentos, direito romano, direito natural, direito comercial, a São Francisco movia-se num universo de interpretação e retórica. Falava-se pouco ainda de direitos humanos, um conceito que veio firmar-se somente anos depois.



GUIA
1967
II



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
REITOR: Prof. Dr. Luis Antônio da Gama e Silva
VICE-REITOR EM EXERCÍCIO: Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS
DIRETOR: Prof. Dr. Julio Garcia Morejón
SECRETÁRIO: Bel. João Nogueira Prado
CONSELHO TÉCNICO ADMINISTRATIVO:
Prof. Dr. Antônio Guimarães Ferri
Prof. Dr. Moacyr do Amaral Santos
Prof. Dr. Luis de Freitas Bueno
Sr. Rui Goethe da Costa Falcão
DIREÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira
Edifício da Reitoria — 2.º andar
Telefone 28-23411 — Ramal 87
São Paulo — Brasil
LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA: Cidade Universitária

SÃO PAULO
BRASIL

CURRÍCULOS (*)

CURSO DE JORNALISMO

	aulas semanais
Primeiro ano (Introdutório)	
1 — Teoria da Comunicação	2
2 — Introdução ao Jornalismo	4
3 — Língua Portuguesa (I)	3
4 — Cultura e Civilização do Brasil	2
5 — História da Civilização Contemporânea	2
6 — Fundamentos de Estética e Evolução dos Estílos Artísticos	3
7 — Uma língua estrangeira moderna (livre opção). (Alemão, espanhol, francês, inglês, italiano) ..	3
8 — Palestra e debates sobre matéria dos diferentes campos do conhecimento humano	1
	20
Segundo ano	
1 — Língua Portuguesa (II)	3
2 — Preparação e Impressão do Jornal	5
3 — Natureza, função e estrutura da notícia	2
4 — Geografia humana geral e do Brasil	3
5 — Princípios de Sociologia e análise da sociedade brasileira	2
6 — Literatura do Brasil contemporâneo	2
7 — Uma língua estrangeira moderna (2.º ano) ..	3
	20
Terceiro ano	
1 — História do Jornalismo e Jornalismo Comparado	3
2 — Reportagem e Entrevista	3
3 — O Editorial, o Comentário e a Crônica	3
4 — Fotojornalismo e Ilustração	3
5 — Literatura hispano-americana contemporânea	2
6 — História da Arte Moderna e Contemporânea	3
7 — Uma língua estrangeira moderna (2.º opção)	3
	20

(*) Estes currículos encontram-se sujeitos a reformulação a partir de 1968.

Quarto ano

1 — Técnica da Manchete	3
2 — Técnica do Jornalismo Audio-visual	3
3 — Administração de jornal	2
4 — Ética e Legislação	2
5 — Política e História das Ideias Políticas	3
6 — Economia e Técnicas de Planejamento Económico	2
7 — Uma língua estrangeira moderna (2.º opção, 2.º ano)	3
8 — Propaganda e Publicidade	2

20

Observação — O aluno fará estágio em redação de jornal ou revista.

A INSATISFAÇÃO com a pedagogia "bancária", suas aulas magistrais, seu sistema de avaliação, o curso genérico englobando todos os ramos do direito, sem direcionamento para especializações, a movimentação estudantil dos anos 60, a ditadura estendendo seus tentáculos, e eis 1968, com a tomada da São Francisco pelos alunos num frio domingo 23 de junho, véspera de exames. A surpresa e frustração de alguns que foram ao Largo imaginando fazer as provas foi substituída pela ansiedade e pela apreensão quanto ao evoluir dos acontecimentos. A tomada prolongou-se até uma noite de julho, quando a polícia penetrou no prédio, escudada numa ação de reintegração de posse, detendo o grupo de estudantes que se revezava na guarda e levando-os em camburão à delegacia, onde foram fichados, sofrendo depois um processo que quase lhes custou a expulsão da escola, quando vários deles estavam cursando o último ano.

EM 1968, eu estava no terceiro ano de Direito e no segundo ano de Jornalismo. Na Escola de Comunicações Culturais, acompanhando o clima geral, também houve a tomada do bloco B-9, mas foi algo mais simbólico. Foram formadas comissões paritárias, arriscamos julgamento de disciplinas e respectivos professores, mas as dimensões não podiam ser muito amplas: afinal, uma escola com dezoito meses de vida tinha pouca coisa cristalizada. Não participei diretamente no movimento da São Francisco, no entanto vejo

O QUE É A ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS

A Escola de Comunicações Culturais, integrada no artigo 3.º dos Estatutos da Universidade de São Paulo, como item XVII, tem por finalidades: formar pessoas habilitadas ao exercício das profissões técnico-artísticas e do magistério no campo das comunicações culturais, e promover, incentivar e divulgar, ao mesmo tempo, a cultura e a pesquisa. A Escola compreenderá, inicialmente, os seguintes cursos: jornalismo; rádio e televisão; arte dramática; cinema; biblioteconomia; documentação, e relações públicas. Outros cursos compreendidos no âmbito das comunicações culturais poderão ser incluídos na Escola, por deliberação do Conselho Universitário. Pelo mesmo Decreto de criação da Escola de Comunicações Culturais, fica a Universidade de São Paulo autorizada a incorporar a Escola de Arte Dramática de São Paulo, na forma e condições que venham a ser estabelecidas pelo Conselho Universitário.

Essa nova Escola, que vem atender às aspirações de milhares de jovens, marca o pioneirismo da Universidade de São Paulo em lançar a idéia e iniciar estudos com vistas a abranger, num único instituto, as diferentes disciplinas que integram o processo das comunicações culturais.

Desde a primeira divulgação dessa iniciativa, vem a Reitoria da Universidade de São Paulo recebendo, dos mais diversos pontos do país, manifestações de aplausos, bem como pedido de informação por parte de estudantes, o que atesta o interesse despertado pela Escola de Comunicações Culturais, que tantas oportunidades oferece aos desejosos de seguir os cursos que ela ministra, todos, inegavelmente, de suma importância e atualidade.

A iniciativa do Reitor Gama e Silva, criando um dos institutos de ensino de maior importância para o País, tem em vista elevar a nível superior a formação desses profissionais. Estes irão desempenhar, no mundo moderno, uma das mais importantes missões na sociedade, proporcionando o desenvolvimento da educação e da pesquisa e integrando a Universidade com as atividades de várias entidades privadas.

NOMEADO O DIRETOR DA NOVA ESCOLA

Em reunião realizada em 12 de setembro de 1966, o Conselho Universitário da USP encaminhou ao Magnífico Reitor Prof. Dr. Gama e Silva uma lista triplíce de professores catedráticos, entre os quais seria escolhido o Diretor, de acordo com os Estatutos da USP. Da lista faziam parte os professores Drs. Gofredo da Silva Telles Junior, José Carlos de Figueiredo Ferraz e Julio Garcia Morejón, respectivamente das Faculdades de Direito, Arquitetura e Urbanismo e Filosofia, Ciências e Letras.

a sua tomada como emblemática da luta contra as estruturas arcaicas da universidade. Reflexos desses anseios foram aparecer na reforma universitária que acabou com as cátedras mas mexeu ainda muito pouco nas estruturas de poder.

A ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS, que se iniciara numa parte do prédio da Reitoria e que ficara durante seu primeiro ano de existência, 1967, literalmente debaixo das vistas do reitor Luís Antonio da Gama e Silva (logo em seguida Ministro da Justiça e autor do AI-5), passara a ter aulas também no Bloco B-9, que chamávamos de barracão. No terceiro ano, as atividades estenderam-se ao esqueleto do atual prédio da administração. Cheguei a ter aulas no 1º andar, subindo por um andaime até uma sala sem paredes. Ao vento, portanto. Mas naquela época tudo fazia parte da aventura de estudar na Cidade Universitária, ainda mais para mim, que substituía a velha academia, seus códigos e grossos compêndios por uma estrutura literalmente em construção, multiplicidade de formas e conteúdos, aulas com filmes, slides, debates.

CONVIVENDO com pedagogias tão distintas, com as teorias mais recentes e os mais antigos textos, eu ia do Direito Romano às questões discutidas por Marcuse, do "pacta sunt servanda" à sociedade unidimensional e me encantava com o mundo de infinitas possibilidades que professores da Comunicações abriam. Para quem vinha de um curso clássico

Dual

LINGUAGEM E FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

I - Introdução

**Evolução do conceito de linguagem no pensamento do séc.XVI ao séc.XIX.
a visão arqueológica de Michel Foucault**

II- Filosofia e linguagem no séc. XX

1- Introdução à fenomenologia - Husserl

a- a concepção de Merleau-Ponty

b- a perspectiva de Heidegger

2- O existencialismo - Sartre

3- O estruturalismo - Lévi-Strauss

III- Investigações sobre linguagem e comunicação: Roland Barthes, Humberto Eco, Marshall McLuhan

Profa. Maria José Cotrim Garaude Giannotti

muito livresco, as primeiras aulas de Teoria da Comunicação com grande inserção de visualidade prenunciavam caminhos novos. E a junção com o anseio de justiça social: a Comunicação poderia ser a alavanca na superação das desigualdades.

ALGUNS PROFESSORES deixaram marcas para o resto da vida: a exigente Lupe Cotrim, que nos introduziu Marcuse, e fazia provas e exames orais; a mulher belíssima, olhos faiscantes, intelecto brilhante; as aulas do historiador Virgílio Noya Pinto, todo um jeito de encarar a História que eu desconhecia; as aulas sempre sensíveis de Isidoro Blikstein, reforçando meu amor já forte às letras, e a leitura de filmes "solares" cujas imagens estão vívidas até hoje. Basta lembrar e revejo mentalmente cenas de "Vidas Secas" de Nelson Pereira dos Santos e "Nuit et Brouillard" um inquietante documentário de Alain Resnais sobre campos de concentração. Fabiano andando na caatinga; sulcos esculpido pelas unhas de prisioneiros judeus nos tetos das câmaras de gás. Angústias e aflições humanas. Fui apresentada à semiologia de uma maneira muito concreta e muito emocionante. Nas trilhas do mistério das palavras, das imagens verbais, prenunciando o caminho visual, Eduardo Peñuela Cañizal nos fascinava. A literatura latino-americana, sua linha de terra e seus delírios. "A Morte de Artemio Cruz", inesquecível. Eduardo, o mestre dos sentidos e do sentido.

ESCRITAS

JORNALISMO. À tarde. (O curso funcionava em dois períodos: matutino e vespertino). Desde que entrei na ECC, minha opção era jornalismo. Mas os alunos de todos os cursos tinham várias disciplinas comuns; assim, pude conviver com o pessoal do cinema, do teatro, da biblioteconomia. Sempre estavam acontecendo coisas novas. Realmente, a vivência no campus da Cidade Universitária era mais viva e instigante do que na São Francisco. Os assuntos novos, as abordagens novas, a força do visual, dos novos suportes pedagógicos, os colegas de áreas tão diversas: eu ficava imaginando o que me esperava naquele dia de aula, enquanto viajava no ônibus Largo da Concórdia para a USP.

O CONTATO com o jornalismo foi mais lento do que atualmente acontece na ECA, pois tínhamos muitas matérias "básicas" nos dois primeiros anos. Havia professores bem jovens, como José Marques de Melo e Francisco Gaudêncio Torquato, mais jovens que muitos alunos. Naquela época, as turmas eram compostas de muitas pessoas maduras. Havia professores mais velhos, profissionais reconhecidos, como Flávio Galvão, de O Estado de São Paulo e Freitas Nobre, jornalista, político e advogado que formulou a proposta do primeiro órgão laboratório do curso de jornalismo, a

Agência Universitária de Notícias (AUN), para divulgação científica, fazendo-a então funcionar. Até hoje a AUN é um excelente espaço de treinamento jornalístico.

FOTOGRAFEI, escrevi, fiz jornal, fiz revista. A prática não era muito presente no curso; e os alunos já jornalistas também não tinham porque exigí-la. Cheguei a fazer umas matérias para TV, e até gravei um telejornal como locutora. Vários alunos faziam duas faculdades, ou já eram formados em outras áreas. A escola funcionava como complementação cultural para muitos que buscavam melhor conhecer as mídias contemporâneas, ou lidar com teatro e cinema. A profissionalização não era um objetivo tão determinante.

ESTRELAS internacionais também estiveram na Escola. Lembro-me de aulas com Abraham Moles, e de uma entrevista — feita por meia dúzia de alunos — com um dos papas do neorealismo italiano, Roberto Rossellini, numa das salas do B-9, hoje ocupado pelo Departamento de Música.

O PASQUIM era a sensação jornalística; conheci o jornal pelas mãos de um colega. Os ícones: Jornal do Brasil, Realidade, com seu estilo sério, fundamentado, as matérias de seu Departamento de Pesquisa, as excelentes reportagens, os grandes colunistas, os cronistas. Tivemos cursos e seminários com Alberto Dines, um dos mentores da reforma do JB. As grandes reportagens de Realidade,

textos e fotos memoráveis, síntese de uma fase de muita acuidade jornalística.

ESCREVER à máquina não era um hábito generalizado como hoje. A não ser os alunos jornalistas profissionais, entre o pessoal mais novo, vários não tinham muito traquejo em datilografia, entre os quais eu estava incluída. Também não tínhamos muitas aulas práticas, nem órgãos - laboratório, de modo que não éramos obrigados freqüentemente a escrever à máquina. Até o final do terceiro ano de curso (a ligação pensamento-movimento) eu escrevia textos à mão, ou pelo menos seu início, e depois passava à máquina. Em 1970, comecei a fazer estágios em jornal e em poucas semanas já escrevia as matérias datilografadas diretamente.

NOSSO CURSO foi mais um abrir de possibilidades teóricas muito estimulantes do que voltado preferencialmente para a profissionalização. Não havia essa pressão tão grande do mercado para a formação de profissionais. A escola estava experimentando conteúdos e abordagens, daí a grande quantidade de disciplinas ligadas à língua e literatura, não fosse essa a intenção dos principais inspiradores de sua criação, além de uma tendência que se verificava em outras escolas de Jornalismo, todas elas com raízes nas Letras. Tínhamos aulas de língua estrangeira dadas na própria ECC. Tínhamos também Economia, Geografia, Sociologia... Fiz um trabalho de

JORNAL

ANO PATRÃO, 11 DE OUTUBRO DE 1969 — PUBLICAÇÃO EXPERIMENTAL DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO DA ESCOLA DE COMUNICAÇÕES UELTIRAIN — CEP — 37.00

JORNAL marco na ECC

Aqui está o primeiro número experimental do jornal-laboratório. Uma das mais belas realizações dos alunos de Jornalismo da ECC, surge com o atraso equivalente à idade da Escola: quase três anos. Por que não veio antes? Porque não havia verbas para os equipamentos, à princípio. Depois, porque era preciso abrir concorrência pública para comprar linotipo, impressoras e outras máquinas. Depois, porque se decidiu importar máquinas novas. Depois, porque houve atrasos no processo de importação. Recentemente, as máquinas chegaram mas o prédio definitivo da Escola de Comunicações não foi concluído. Optou-se, então, pela concessão de uma verba destinada a custear a impressão do JORNAL em tipografia comercial. E aqui estamos!

Aprender Jornalismo sem jornal era uma tese muito estranha, desaconselhada por professores e alunos. Era assim como tentar aprender a nadar por correspondência, sem cair n'água.

No JORNAL, todos os alunos do Curso de Jornalismo poderão realmente aplicar os conhecimentos teóricos e experimentar conscientemente. É um jornal-laboratório, de cunho didático sob todos os aspectos. É feito inteiramente pelos alunos de Jornalismo da ECC, sob a orientação didática dos professores do Departamento.

Neste número, porém, os erros são talvez mais numerosos, em consequência do falta de experiência anterior da maioria dos que trabalharam. Mesmo assim, todas as falhas serão criticadas e, na medida do possível, corrigidas. O importante era — e é — fazer o JORNAL.

Finalmente, uma palavra sobre o conteúdo do JORNAL. Optamos, inicialmente, pelos assuntos ligados ao campo das Comunicações. A partir das próximas edições, serão incluídas matérias relativas à Universidade e outros campos de cultura, como Artes Plásticas, Publicidade, Música etc.

Aprender fazendo



Nixon entre nós

Pg. 2

Dia D para classe D

Pg. 2

Dumon prega curso de 60 horas

Pg. 4

Seis caixotes vermelhos

Pg. 6

Bolívar na Arena

Pg. 7

Farkas revela sertão

Pg. 7

A SOLUÇÃO FINAL

"Quero que vocês me ajudem a acabar com os picaretas da imprensa. Vocês são os maiores interessados nisso". Isto foi o que disse o Ministro do Trabalho, sr. Jarbas Passarinho, a um grupo de jornalistas credenciados no Palácio das Laranjeiras, logo após a regulamentação da profissão de jornalista, por decreto dos ministros militares, assinado, dia 8 de outubro, na Pátria do Trabalho.

A única alteração substancial feita no ante-projeto, publicado há dias, refere-se a obrigatoriedade prevista no parágrafo IV do artigo quarto, condicionando a admissão pelas empresas de jornalistas portadores de diploma de curso superior. No projeto aprovado, aquele artigo foi modificado, permitindo que as empresas possam contratar dois terços de jornalistas formados e um terço não formados.

A obrigatoriedade é válida para os cargos de redator, reporter e reporter de setor, excluídos os revisores. Ainda de acordo com a regulamentação, todo jornalista que ficar 2 anos sem exercer a função terá seu registro trancado e, se em futuro próximo, não provar sua atividade dentro da profissão, fica sujeito à cassação do registro.

O Ministro Passarinho salientou que o teto salarial ainda não foi fixado, mas as empresas não poderão admitir jornalistas com salários inferiores aos decretados pelo último acordo salarial da classe.

sociologia sobre a publicidade nas revistas femininas, mal imaginando que um dia imprensa feminina seria objeto de minha pós-graduação.

O JORNAL era o nome do nosso jornal laboratório. Fizemos dois ou três números, algumas matérias de denúncias, para não fugir à regra. Lembro-me de ter feito uma reportagem sobre a feira da Praça da República, inclusive com fotos. Mais de vinte anos depois, os alunos do departamento também fazem uma reportagem sobre o mesmo assunto. Há pautas que sempre retornam. Ou melhor, no jornalismo a realimentação é condição de existência.

AS PRÁTICAS jornalísticas sobrepunham-se às práticas jurídicas. Se eu entrara na Faculdade de Direito por causa da vinculação às humanidades, a convivência paralela com as comunicações e as artes mostrava, cada vez mais, que meu caminho era na direção da narrativa verbal e visual, do relato, das representações do mundo, ao invés das normas, leis, petições, processos, sentenças, recursos. Do curso de Direito, eu preferia as matérias gerais como Filosofia, Teoria do Estado, Economia, Direito Constitucional. Também gostava de Direito do Trabalho, apesar de seu caráter bastante detalhista enquanto prática.

DO DIREITO, eu recebi noções fundamentais sobre a estrutura das instituições sociais, o papel dos poderes públicos, a organização da justiça e as esferas de suas competências, e principalmente a consciência da importância de se lutar

pelos direitos das pessoas como dado essencial para a construção de uma sociedade democrática. O Direito ainda me trouxe um grande amor pela hermenêutica, que logo transpus para outros campos.

ESTÁGIO ainda era uma prática utilizada dentro do jornalismo nos fins da década de 60. No último ano de ambos os cursos, 1970, mudei de períodos — passei a estudar Direito à noite e Jornalismo de manhã — para poder trabalhar à tarde. Já havia feito um estágio na Justiça do Trabalho, quando acabei de me convencer de que advocacia não era meu ramo: a dependência de prazos que escapam ao controle, as minúcias burocráticas, o excesso de oratória tornavam a atividade jurídica pouco estimulante para mim. Comecei a procurar trabalho em jornalismo. Caí num reduto que também não me animava muito: o jornal Notícias Populares.

A REDAÇÃO tinha um ar de estereótipo cinematográfico: paredes velhas e descascadas, mesas escuras, máquinas de escrever velhas e enormes, uns dez jornalistas, todos homens, um redator-chefe gordo e careca que usava suspensórios e que se comprazia em mostrar truques sensacionalistas para escandalizar a jovem "foca". Como o retoque de fotos de assassinatos, em que a poça de sangue era aumentada a fim de causar mais impacto, coisa ainda freqüente no jornal. Aliás, se não havia foto de algum crime, pegava-se

no arquivo uma que tivesse as mesmas características. Fumava-se muito. Em armários de metal semelhantes aos de vestiários esportivos, os redatores e repórteres guardavam o casaco e outros pertences; quando abriam as portas, fotos de mulheres nuas estilo calendário de oficina apareciam. O ambiente realmente era bastante pesado. De vez em quando, Jean Mellé, um francês que fazia a coluna internacional e era uma espécie de diretor surgia, com sua figura um tanto sinistra.

MINHA PRIMEIRA MATÉRIA foi a manchete principal do dia seguinte. Copidesquei um texto da Agência Folhas sobre um cachorro louco que invadira um hospital mordendo médicos e pacientes, algo em torno de vinte linhas, fiz o título. Não aconteceu nada mais sensacional e por ironia do destino, contradizendo a fórmula de que só é notícia quando o homem morde o cachorro, o atacante canino foi parar na primeira página, em letras garrafais. Meu aprendizado de jornalismo popular começara de uma maneira bem real, embora pouco entusiasmante.

CONSEGUI PERMANECER por dois meses na redação de Notícias Populares. A decepção com o jornalismo lá praticado, a falta de entrosamento com meus colegas, a fumaça dos cigarros me faziam ficar muitas vezes com dor de cabeça, dificultando a atenção às aulas da São Francisco, à noite. Saí do jornal. Algum tempo depois, participei de uma seleção para estágio na Editora Abril. Foram escolhidos três

alunos: Carlos Marcos Avighi, hoje também professor da ECA, Lilly Degen, uma gentil descendente de alemães (por onde andarã?) e eu. Ficamos desiludidos com as opções (sonhávamos com Realidade): Capricho ou Intervalo, revista de televisão. Carlos desistiu, eu e Lilly tiramos cara ou coroa para ver quem ficava onde, bem pouco entusiasmadas. Lilly ficou com Capricho, saindo após alguns meses, por não haver gostado de atividade redacional bastante repetitiva que lhe coubera.

FUI PARA INTERVALO. Contrariando minhas fracas expectativas, a revista revelou-se um campo adequado para o exercício jornalístico. Semanal, me fez ir para a rua. Foi uma boa escola de reportagem. Jornalistas tarimbados comandavam a publicação. Seu diretor, Milton Coelho da Graça, dirigia também Realidade, cuja redação funcionava vizinha à nossa. Eu não havia chegado à Realidade sonhada, mas participava de seu ritmo, de suas pulsões. Ouvia o ruído das máquinas, gritos de raiva e de alegria, risadas: a divisória entre as redações tinha uns dois metros de altura e era comum alguém subir numa cadeira e conversar com outro do lado de lá e vice-versa. Sentia os fechamentos frenéticos e tensos da revista que já tivera dias de maior força, que já fora apreendida em bancas. Agora, ela estava enfraquecendo, mas ainda apresentava momentos de vitalidade e coragem. Paulo Patarra, José Hamilton Ribeiro, Sérgio de Souza, Mylton Severiano da Silva,

Narciso Kalili ainda trabalhavam na Realidade, junto a repórteres como o ex-padre gaúcho Carlos Moraes, personagem de uma polêmica capa "Sou padre e quero casar", que depois passou a jornalista.

JORGE ANDRADE é para mim uma lembrança muito sensível. Tímido, baixo, sempre o via com uma maço de laudas nas mãos; dava a impressão de que lapidava muito os textos. O teatrólogo e escritor que eu admirava tinha uma postura de muita humildade, um olhar bom de pai compreensivo. A princípio, cumprimentava-me no elevador, ou no corredor, como fazia com todos. Parenteses: na época, todas as revistas da Editora Abril funcionavam no prédio da Marginal, o que facilitava o convívio dos jornalistas, ou pelo menos o cruzar com algumas figuras míticas. Com o tempo, passei a conversar de vez em quando com Jorge Andrade. O jeito simples, a ausência de vaidade intelectual, a disposição em trocar experiências com a repórter iniciante de uma revista de televisão, enfim, o seu despojamento, fizeram com que esse trabalhador da palavra esteja até hoje presente em minha memória.

NO INÍCIO DE 1971, fui contratada como repórter de Intervalo. Da primeira matéria como estagiária, uma reportagem sobre Eva Wilma (ainda escrita a mão e passada a limpo) passei por todos os tipos de texto, vários já assinados antes de ser efetivada. Apesar de não recusar nenhuma tarefa de redação, por mais insignificante que fosse,

já estava despertada a paixão pela reportagem. Ir aos bairros mais distantes, conversar com mães de cantores famosos, assistir a shows, entrar nos bastidores da TV, acompanhar gravações de programas, penetrar em segredos da vida noturna, trabalhar quase sempre em conjunto com fotógrafos — Intervalo proporcionou uma grande intensificação da minha vivência jornalística, incluindo a pressão semanal do fechamento. A chefia de arte e os diagramadores trabalhavam com a redação: desde logo pude acompanhar a feitura visual das matérias e decidir o lay-out das páginas, tamanho e formato de títulos, legendas, olhos. A prática jornalística ia-se tornando mais completa: eu fazia a reportagem, redigia e participava da disposição de texto e fotos. Ao participar de todo o processo de edição, eu passei a imaginar as matérias enquanto articulação do verbal com o visual, algo geralmente impossível num jornal diário para um repórter iniciante. Nesse ponto, a experiência em Intervalo foi muito rica.

VEJA estava começando e a Editora Abril queria manter também uma revista semanal de atualidades mais popular, à semelhança das que existiam na Itália. Achava-se que nosso mercado tinha muitos pontos em comum com o italiano e que comportava perfeitamente um veículo nesses moldes. Além disso, Intervalo vinha sofrendo alguns problemas por divulgação de algumas notícias sensacionalistas e a Abril queria dar um pouco mais de respeitabilidade à revista.

Assim, a revista foi transformada em Intervalo 2000 (na redação brincávamos que era Oggivalo, uma mistura ítalo-brasileira). Passamos a fazer cobertura de política, de economia, de gente; mas havia um erro básico de identidade: quando íamos entrevistar um político, um empresário, tínhamos primeiro que explicar que não se tratava mais de uma revista de televisão. O projeto não fez o sucesso esperado e a Editora terminou por fechar a publicação em 1973.

AS PAUTAS de Intervalo centravam-se em pessoas; era um jornalismo mais de perfis e de reportagens sobre eventos culturais — e depois também políticos — num texto ilustrativo, sem grande apuração dos fatos. No entanto, trouxe excelentes vivências de reportagem. De Milton Nascimento a Roberto Carlos, de Pelé a Emerson Fittipaldi, de Paulo Autran a Eliseth Cardoso, passando por franceses como Mireille Mathieu e Michel Polnareff, grupos ingleses de rock, cantores, humoristas, costureiros, de tudo reportei um pouco. De estrelas falantes e pensantes a monossilábicos aspirantes à fama, ou já famosos que mal conseguiam articular um pensamento. Entrava em bastidores de shows, estúdios de novelas, de rádios, de gravadoras. A distância entre o Teatro Municipal e a casinha da periferia onde morava a mãe do galã era menor do que se imagina.

PEQUENAS OU GRANDES decisões éticas. A manequim italiana teve um filho com um famoso ator de novela. Pauta: ir ao

apartamento dela com o fotógrafo e distraí-la enquanto o fotógrafo tirava uma foto do bebê. Cheguei lá e disse que só fotografaria se ela permitisse. A moça, educada e discreta, estava prestes a voltar à Itália e não queria publicidade do caso. Voltei para a redação sem foto e sem matéria.

QUANDO LEILA Diniz morreu, num acidente de avião na Índia, deixando uma filhinha pequena, Janaína, escrevi um emocionado perfil em torno de seus papéis de atriz, mulher e mãe. A liberada Leila da famosa entrevista para o Pasquim, com asteriscos no lugar dos inúmeros palavrões, sempre atraiu reações fortes. Intervalo recebeu cartas apoiando a matéria, e uma carta criticando violentamente sua figura, num país em que os mortos quase sempre ganham uma aura positiva. Fiz também uma matéria especial sobre a televisão em cores que estava para chegar ao Brasil, entrevistando engenheiros, diretores de TV, cenógrafos, profissionais que antecipavam como seriam as mudanças. Assisti a transmissões experimentais. Hoje as crianças pensam que a TV sempre foi colorida.

SAÍIA DE UMA REPORTAGEM com Clodovil e ia assistir aula com Antonio Cândido. Paralelamente, eu estava fazendo pós-graduação em Letras, na USP. Ao terminar os cursos de Jornalismo e de Direito, eu não pensava em dedicar-me somente à vida profissional. Queria continuar estudando. As Letras me atraíam — um amor desde a infância. Havia

feito alguns trabalhos para Comunicações utilizando a biblioteca da Filosofia. Uma dessas vezes, conheci João Alexandre Barbosa, professor de Teoria Literária, que me emprestou uns livros do departamento; gostei de sua postura de colaboração com estudantes de outra unidade. Em fins de 70, meu colega Jair Borin avisou-me que estavam abertas as inscrições para mestrado na Letras. Inscrevi-me com o professor João Alexandre e fui selecionada. Meu projeto era tentar localizar um senso literário médio, levantando produções que se pretendiam literárias. Comecei a pesquisar os contos do Concurso do Paraná (FUNDEPAR), cedidos pelo professor Antonio Cândido — lembro-me dele tirando pilhas e pilhas de pastas de seu Volkswagen. Mergulhei num mar de contos e não conseguia achar formas de análise.

CONTINUAVA A VIVER em universos opostos: a televisão e os estudos acadêmicos. Assistia a aulas de Boris Chnaiderman, Walnice Galvão, Gilda de Mello e Souza, e fazia reportagens sobre cantores da jovem guarda. Em termos de pós-graduação, pude fazer cursos excelentes, e conviver com pessoas que sempre traziam contribuições: a tradução de um texto recém-editado na Alemanha, o empréstimo de um livro francês, ou a simples indicação de bibliografia. Considero esse período exemplar como atividade de pós-graduação. Professores e alunos realmente interagiam. Pude aprofundar os estudos sobre linguagem e comecei a utilizá-los quando fui dar aulas na ECA. Também lá, a



25 anos

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO!
DUAS FESTAS INESQUECÍVEIS
QUE VOCÊ TAMBÉM PODE FAZER

CARTA DO EDITOR



Vinte e cinco anos. Uma vida, muitas vidas. O que antes levava dez anos para acontecer, agora pode surgir em poucos meses. Ou dias. Ou horas. Hábitos, modas, objetos, modos de viver, modos de pensar. Em 1952, quem ia imaginar o homem pisando na Lua?

Quem pensaria na televisão transmitindo o mesmo programa para milhões de brasileiros? Quem vislumbraria as conquistas realizadas pela mulher?

CAPRICHU acompanhou tudo isso, ao lado da mulher brasileira. Começou em 1952 (18 de junho), quando nem se pensava ainda aqui em metrô, pílula anticoncepcional, TV a cores, alimentos congelados.

CAPRICHU começou pequena e humilde. Mas já trazia idéias de moda, conselhos de beleza, sugestões para viver melhor. E foi crescendo. A jovem que lia CAPRICHU se tornou mulher, casou, teve filhos. E continuou sua leitora, porque CAPRICHU dialogava com ela, porque CAPRICHU também representava a mensagem de amor que todos nós precisamos, para enfrentar esse mundo maravilhoso mas tão repleto de problemas. E porque em CAPRICHU ela encontrava receitas deliciosas, idéias de decoração, trabalhos, moda prática e bonita, artigos de psicologia, enfim, tudo o que interessava à mulher preocupada em viver melhor e contribuir para ser e fazer sua família mais feliz.

E a filha da jovem que lia CAPRICHU aprovou a revista da mãe. A nova geração também quer encontrar a melhor maneira de se realizar no amor. Então, lê a revista, porque CAPRICHU fala a linguagem da juventude.

Hoje, comemoramos 25 anos de vida e ocupando o posto de maior revista brasileira para adultos, a responsabilidade de CAPRICHU é muito grande. Nas suas páginas se encontram mensagens de comedido otimismo que queremos compartilhar com todas as nossa leitoras. CAPRICHU vai se esforçar cada vez mais para trazer os assuntos que interessam a você. Por isso, você pode ter certeza: estaremos sempre ao seu lado, falando de coração para coração.

*Para a amiga
e colega Dileia
que sabe o que
é trabalhar em
Capricho
14/6/77*

Vick. Cirica

troca e o incentivo. O professor Marques costumava me enviar recortes relativos às minhas pesquisas. Quando fazia o doutoramento, Ana Maria Fadul passou-me indicações preciosas.

A IMPRENSA FEMININA apresentou-se, então, como grande objeto. Ao constatar concretamente sua força, a enorme tiragem, conversei com o orientador e decidimos mudar a pesquisa. Não deve ter sido fácil para um estudioso de João Cabral aceitar orientar um trabalho sobre fotonovela, mas a realidade era mais forte e estava exigindo que a pós-graduanda e redatora de Capricho se dedicasse à imprensa dirigida às mulheres.

ANALISEI UM OUTRO tipo de literatura, ou sub-literatura, para alguns: a narrativa de fotonovela; e me surpreendi ao verificar suas raízes cinematográficas e a não padronização de suas primeiras publicações. Depois, enquanto esquema narrativo, Vladimir Propp e seu trabalho sobre a morfologia do conto forneceram os mapas dessa narrativa visual impressa, tão previsível e tão melodramática.

O APELO ERA TÃO FORTE, que no doutoramento continuei a pesquisar a imprensa feminina, agora numa abordagem histórica e mais abrangente. Levantei a imagem da mulher em textos representativos de época. João Alexandre Barbosa continuou como orientador. Encerrava-se a passagem pelas Letras, passagem das mais enriquecedoras enquanto conhecimento e enquanto convívio.

Curso de Jornalismo

5.º Semestre

1 — História da Comunicação — História do Jornalismo	3
2 — Linguagem Jornalística e Editorial	3
3 — Redação e Edição (Jornalismo Informativo)	5
4 — Paginação e Revisão (Artes Gráficas)	3
5 — Fotografia	3
6 — Psicologia da Comunicação	3
Palestras e Seminários	4
TOTAL	24

6.º Semestre

1 — Jornalismo Interpretativo	3
2 — Jornalismo Opinativo	3
3 — Diagramação	3
4 — Fotojornalismo	3
5 — Jornalismo Radiofônico	6
6 — Sociologia da Comunicação	3
Palestras e Seminários	4
TOTAL	24

7.º Semestre

1 — Produção e Emissão (Funções de Direção e Secretaria no Jornalismo)	4
2 — Documentação Jornalística	2
3 — Jornalismo Televisado	5
4 — Legislação do Jornalismo	3
5 — Jornalismo Especializado I	3
6 — Antropologia da Comunicação	3
7 — Problemas Brasileiros	2
Palestras e Seminários	2
TOTAL	24

8.º Semestre

1 — Agências Noticiosas	4
2 — Jornalismo Cinematográfico	4
3 — Administração de Empresas Jornalísticas	3
4 — Jornalismo Especializado II	4
5 — Filosofia da Comunicação	3
6 — Problemas Brasileiros	2
Palestras e Seminários	4
TOTAL	24

COMPREENSÕES E APREENSÕES

O PRIMEIRO DINHEIRO vindo de trabalho: aulas de português, num cursinho de reforço escolar. Estava no clássico: as sementes do futuro ofício foram lançadas aí. Repórter na Abril, pós-graduanda na Letras, a vontade da pesquisa: dar aulas seria um bom caminho. Falei com Gileno Fernandes Marcelino, meu ex-professor de Administração Jornalística e executivo na Abril. Ele conversou com o professor José Marques de Melo, coordenador do Departamento de Jornalismo e em 1972 comecei a dar aulas na escola onde estudara.

JORNALISMO ESPECIALIZADO foi a primeira disciplina que ministrei. Considerou-se matéria próxima à minha experiência, pois trabalhava em revista. Porém, como era dada no 7º semestre, quase ao final do curso, não foi fácil à jovem jornalista trabalhar com a turma que incluía vários alunos mais velhos. Ou jovens que depois vieram a ser também professores: Ciro Marcondes Filho, hoje titular, Gisela Ortriwano. Ou futuros jornalistas de marcante carreira, como Paulo Markun e Dilêa Fratte.

LINGUAGEM e literatura eram as preocupações na pós. O professor Marques sugeriu-me que ministrasse uma disciplina no Curso de Editoração que havia sido implantado em 1970.

Em 1973 só dei aulas em Editoração; mas Jornalismo falava mais forte e em 1974 voltei para o Jornalismo. Caminhos paralelos que duraram até 1977, quando a concentração em torno do jornalismo definiu-se. Já nos primeiros trabalhos com Linguagem Jornalística (1974) delineava-se a necessidade do exercício textual com os alunos. Trabalhos de redação, pastas individuais, feitura de edição-laboratório eram tentativas de vivenciar pedagogicamente o lidar com as palavras.

TEMPOS DIFÍCEIS. Conciliar a postura crítica da docente com o cerceamento político e com a atividade profissional em revistas de massa. A pós-graduação, a pesquisa, o casamento, dois empregos, a convivência com as artes plásticas e o tempo para lazer. O querer viver tudo com intensidade e as muitas coisas que sabíamos e que tínhamos de calar. Não dava para falar tudo o que sentíamos. Na militância jornalística, reuniões de pequenos grupos com políticos de oposição. E o movimento para reviver o sindicato: reuniões para apoiar a candidatura de Audálio Dantas, colega de "andar" na Abril, da Realidade, redação vizinha. No Instituto dos Arquitetos, Audálio, de calça e jaqueta "jeans", a anti-imagem do poder, dizia que quase nunca tinha posto terno na vida.

AUDÁLIO venceu. E 1975 chegou para marcar fortemente minha vida. Tornei-me mãe. Durante a licença-gestante, talvez a maior crise da ECA: greve durante o 1º semestre, em protesto

...a ...
...a ...
...a ...



VLADO

...a ...
...a ...
...a ...

contra perseguição a professores. A partir de agosto, tivemos que ministrar os dois semestres para compensar as aulas não dadas. Essa acumulação didática persistiu na escola até todas as turmas atingidas se formarem: a cada semestre, ministrávamos dois semestres de curso.

EM OUTUBRO, o choque, a tristeza. Vlado morre. Numa das salas de aula do prédio da ECA, eu conhecera o novo colega uma semana antes de ser preso; ele começara a dar aulas na escola naquele semestre. Conhecia-o de nome; todos me falavam bem de seu trabalho e de suas atitudes. Jornalista competente, trabalhara na BBC, estava na TV Cultura. Uma professora apresentou-o e conversamos. Gostei de seu jeito calmo, reflexivo. E francamente sincero. Imaginei que poderíamos trabalhar juntos.

AS NOTÍCIAS no jornal e principalmente as notícias boca-a-boca nunca doeram tanto. Os colegas presos, os relatos de tortura física e moral, uma jovem mãe presa, e os torturadores pressionando na sala ao lado seu marido também preso. Tínhamos medo. Mas pressentíamos que era um momento limite, embora não imaginássemos que seria tão decisivo. Acho que nunca sentimos tanta necessidade de ver certas informações nos jornais.

UNIDADE, o jornal do sindicato dos jornalistas publicou um mês depois uma edição dedicada a Vladimir Herzog. Vozes do Brasil inteiro juntaram-se. Os jornalistas descobriam sua identidade nesse jogo de forças desproporcionais.

Na imprensa, receitas de bolo, páginas em branco e textos truncados gritavam silêncios plenos de significado.

NA UNIVERSIDADE, silêncios obrigados também eram comuns. Tive listas de bibliografia censuradas: por que tal autor? E uma crucial ruptura pedagógica. Dera um texto sobre seca, xerocado, do Jornal da Tarde, para os alunos reescreverem. Fui chamada à diretoria e cobrada por ter dado o texto (que não fora censurado no jornal). O problema é que o diretor estava com uma cópia do xerox que eu distribuía aos alunos. Difícil foi continuar a dar aula para aquela classe. TRISTES TEMPOS.

ESCOLA AINDA muito nova, professores titulados de outras áreas vindo para coordenar e dirigir, e muitas vezes para abafar os ímpetos de turbulência contestadora das comunicações e das artes. E os cursos eram dados basicamente por auxiliares de ensino, que se equilibravam como podiam entre a pouca experiência pedagógica e as conjunturas atemorizantes. Logicamente, havia falta de articulação entre os docentes do mesmo semestre, e entre as matérias do currículo, tema recorrente até os dias de hoje, em semanas de jornalismo, de avaliação, reuniões pedagógicas. As condições impediam a formação de áreas, com docentes que liderassem e aglutinassem discípulos. Éramos catedráticos de nós mesmos.

CONTRATOS NÃO renovados, como o do professor José Marques de Melo, que passara pesquisando um ano nos EUA e que, pela praxe,

deveria continuar outro tanto na Universidade; o do professor Thomaz Farkas; um professor preso, Jair Borin; demissões em protesto. Os poucos que ficamos, uma resistência possível.

INTIMIDAÇÕES em todos os níveis. Foi aberto concurso de ingresso na disciplina que eu ministrava, e eu não podia me inscrever, pois ainda não terminara o mestrado. A congregação, num gesto corajoso, suspendeu o concurso, depois de já estar publicada a abertura no Diário Oficial.

CONTINUÁVAMOS. Os cursos sem infra-estrutura, tentávamos levar adiante os projetos de jornal-laboratório e da agência de notícias. Eles saíam a duras penas. A prática pedagógica ia-se construindo em brechas. A vivência jornalística na Editora Abril, a participação no sindicato, nós jornalistas, irmanados. A colaboração em jornais feministas, como Nós Mulheres e Mulheres, da Fundação Carlos Chagas. Apesar de tudo buscávamos possibilidades, experimentações. Associei-me à INTERCOM — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação — fundada em 1977, que criou um estimulante espaço de discussão para pesquisadores e profissionais de comunicação, aglutinando reflexões e projetos.

ALUNOS LANÇANDO publicações alternativas. O Avesso. O Beijo. Texto e imagem juntando-se e disjuntando-se em unidades outras. Política, ideologia, arte, prazer. O mestrado defendido em 1977, grávida do segundo filho. A imprensa

feminina se legitimando como objeto acadêmico. A imprensa feminina de massa, também tentando brechas. Capricho, a redação com alguns profissionais vindos da Realidade, fazendo matérias de defesa do consumidor e até ousando publicar informações que não podiam aparecer nos jornais, como reportagens sobre o Movimento do Custo de Vida.

EM EDITORAÇÃO, iniciativas como a criação, pela professora Sônia Luyten, de uma revista especializada em quadrinhos — a Quadreca —, totalmente feita por alunos também significavam pesquisa de linguagens e maneiras mais concretas de atuação pedagógica. Era a década do jornalismo alternativo, que até foi disciplina do currículo.

VENTOS MAIS ABERTOS estavam começando. O contato com políticos de oposição, uma reaproximação (pessoal) com a igreja. A igreja que fizera a opção preferencial pelos pobres. Apesar dos filhos pequenos, a necessidade de um trabalho junto às classes baixas. Paulo Freire estava para voltar: a colaboração com grupos que formavam círculos de cultura ou conscientização em comunidades de base; a preparação de material de comunicação, textos, fotos, ilustrações, a atuação concreta, testando alguns módulos de discussão. Trabalhar com pessoas que haviam sido colaboradoras de Paulo Freire e finalmente conhecer o mito em pessoa, e conviver com ele. Foi um tempo de muita reflexão pedagógica, sobre o meu papel de docente, sobre o meu papel de profissional da comunicação.

COLABORAR com o jornal "O São Paulo" da Cúria Metropolitana foi uma tentativa de lidar diretamente com uma imprensa que buscava formas mais populares de comunicação. No entanto, certos problemas estruturais impediam mudanças. 1979 também foi o ano da grande greve da USP. Carvalhosa, Antonio Cândido, Marilena Chauí: as assembléias de comparecimento maciço, provas da mobilização em torno de projetos sociais, deixaram lembranças de vibração e efetiva participação. A filha de 4 anos, acompanhando-me numa assembléia, também levantou a mão na hora da votação.

DESDE O MESTRADO, era representante suplente dos mestres no Conselho do Departamento. Junto com as professoras Maria do Socorro Fernandes e Jeanne Marie de Freitas empreendemos ações no sentido de que os professores "saídos" voltassem ao CJE. José Marques de Melo, Jair Borin, Thomaz Farkas voltaram à ECA. Os projetos pedagógicos começavam a se rearticular e a presença deles veio trazer mais força às perspectivas de curso que defendíamos.

ELEITA representante suplente de doutor junto à congregação da ECA, passei a ver como funcionavam as engrenagens do poder acadêmico. Ficava sem entender muita coisa, como ainda não entendo. Mas me surpreendia tristemente a diferença entre os discursos e as ações. O representante titular era Timochenco Wehbi e sempre trabalhamos em conjunto, alternando-nos nas reuniões.

JÁ HAVIA um professor titular no Departamento de Jornalismo e Editoração: a professora Dra. Antonia Fernanda Pacca de Almeida Wright, que viera da História para a área de Editoração. Em 1983, as livre-docências — José Marques de Melo, Gaudêncio Torquato e Ciro Marcondes — trouxeram mais organicidade ao campo do Jornalismo. O Departamento começava a se estruturar em linhas de pesquisa tanto na graduação como na pós-graduação. Os órgãos-laboratório passaram a ter maior peso pedagógico na formação dos alunos.

NOVOS TEMPOS de construção. Agindo concretamente no sentido de maior participação democrática dentro da Universidade, alunos, professores e funcionários realizaram eleição direta para a chefia do Departamento. A estrutura administrativa foi dividida em colegiados. Durante o meu mandato como presidente da Comissão de Ensino do Departamento foi efetuado um longo estudo curricular, que resultou na implantação do novo currículo a partir de 1985. Houve um esforço conjunto do departamento, em torno de melhoria dos cursos.

A UNIVERSIDADE também se preparava para mudar. O Brasil das diretas, da Constituinte. A USP também discutiu, votou e aprovou um novo estatuto.

CONSONÂNCIAS

SE OS ANOS 70 foram a década de formação, de trabalhar no mestrado e no doutorado, de exercitar a prática docente e jornalística, os anos 80 trariam a definição pela atividade docente. A escola me absorvia cada vez mais: membro de Conselho de Departamento e da Congregação, membro de comissões pedagógicas, aulas para duas ou mais turmas no mesmo semestre, aulas de manhã e à noite.

DAR AULAS na pós-graduação: o trabalho com alunos de diferentes áreas, uma possibilidade estimulante que faz parte da natureza da ECA; lidar com diferentes suportes de texto e imagem; pesquisar os discursos da mídia; tudo contribuía para encaminhar meus esforços para a docência em todas as suas formas: escrever, ensinar, refletir, investigar. Perguntas, respostas, perplexidades, descobertas: a circulação do conhecimento.

PERPLEXIDADE, condição do saber. Tive muitos momentos de perplexidade, de buscas. As zonas de fronteira trazem o encanto e o risco da diversidade, o caminhar em meio-fio. Houve momentos de desequilíbrio, de alguma parada, mas houve muito mais o encontrar. Ainda que fosse uma certeza provisória, retomada e retificada algum tempo depois.

ENCONTRAR AUTORES que falavam a língua do saber, da construção do saber. Um saber que, de quando em quando, pára para pensar. Um saber que inclui o não-saber. Bachelard, um dos meus indicadores de caminho, diz que precisamos esquecer o saber para encontrá-lo noutros pontos. Muitas vezes me comporto assim. Já aprendi muito ao participar de bancas de mestrado e doutorado, seja com professores que eram mito para mim, seja com colegas recém-doutorados. Aprendi também ao examinar dissertações e teses; aprendi com meus orientandos. Aprendi e continuo aprendendo com meus alunos de graduação e pós-graduação. Aprendo todos os dias.

APRENDER, uma atitude tão necessária quanto respirar. A posição de aluna ainda me encanta; quando posso vivê-la, passo para o lado da escuta, da anotação, da absorção. Mania dos bancos escolares — continuada no bloco de repórter, tenho o hábito da anotação. De uma simples observação, podem surgir reflexões, práticas pedagógicas, artigos, idéias para dissertações e teses de alunos. Acredito em toda uma circulação fenomenológica do conhecimento, em que pessoas trabalhando sem nenhum contato chegam a confluências.

CONFLUÊNCIAS é uma palavra boa para caracterizar dinâmicas do conhecimento, principalmente do saber humanístico que se faz muito de trocas, interações, encontros. O colega que me passa um texto que eu não conheço, o aluno que

traz uma pauta para discussão, a pós-graduanda em psicologia que me dá um artigo de sua autoria, após eu julgar seu exame de qualificação, os funcionários que me ensinam encaminhamentos administrativos, a funcionária que me conta um problema pessoal, a participação na Associação de Pais da Escola de Aplicação — são pessoas e momentos que vão trazendo conhecimento. Somos todos mestres e aprendizes.

BARTHES, o teórico, o apaixonado pelas palavras, pelo estudo, pela docência: desde minha entrada na Escola de Comunicações, um autor fascinante, mostrando que não há objetos não acadêmicos. Podemos analisar as fotos de culinária e a vanguarda do romance, a luta de box e o discurso amoroso, as narrativas do homem e da mulher, as imagens do homem, da mulher e do mundo. Mitologias antigas e modernas.

BACHELARD, o filósofo da ciência e da poesia, o leitor dos caminhos do pensamento e da imaginação, compositor de textos acadêmico-poéticos, foi outro encontro que me desvendou mundos. Já estava dando aulas na pós-graduação; um dia, sem nenhum objetivo prévio, peguei um livro seu na minha biblioteca. A partir de então tornou-se um dos meus autores preferidos, e muito me ajudou na liberdade.

A FENOMENOLOGIA, a visão-processo da ação humana, o perceber mais abrangente, a busca da integração entre o pensar, o fazer,

o sentir, a experiência emocional e existencial presentes na construção do saber acadêmico e na prática jornalística — passaram a confluir cada vez mais nas minhas posturas.

NESSA LINHA DO VIVENCIAR, Ecléa Bosi (por que o sobrenome dos meus autores prediletos começa por B?) ocupa um espaço muito sensível na minha trajetória intelectual e na minha vida acadêmica. Eu conheci seu livro "Leitura de Operárias", e usei-o na dissertação de mestrado. Ecléa fez parte da banca, iniciando uma interação cada vez mais profícua. Esse primeiro contato, a arguição atenta, palavras que ficaram na minha memória. Uma delas: oficina.

TRÊS ANOS DEPOIS, o doutorado sobre a imprensa feminina brasileira, e novamente Ecléa na minha banca, lembrando as mulheres idosas, tão esquecidas por jornais e revistas. Antonio Cândido: "despojamento". José Marques de Melo, a presença do professor e do jornalismo: "trabalho que foge ao modelo sociológico-antropológico". Walnice Galvão: "análise despretenciosa, não mistifica a metodologia; indústria cultural: indústria de carências". João Alexandre, o orientador: "Mudou Dulcília ou mudei eu?".

NA LIVRE-DOCÊNCIA e no concurso de professor adjunto, Ecléa permaneceu no seu acompanhamento cheio de delicadeza. Seu livro "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos" desempenha um papel fundante nas minhas aulas de pós-graduação.

Combinamos em 1989, um trabalho conjunto para um Congresso de Psicologia Social em Buenos Aires; infelizmente só eu pude ir. Este ano, participei da banca de qualificação de uma orientanda sua. As trocas continuam, a nível emocional, acadêmico, pedagógico — para mim, emblemas da vida universitária verdadeira.

PRÁTICAS E TEORIAS: dar aulas, estudar, pesquisar, escrever. Os anos 80 me encaminhavam para a dedicação integral à universidade. Desde o final da década de 70 eu vinha me dedicando cada vez mais à ECA, inclusive às atividades administrativas. Quando finalmente passei para o regime de dedicação exclusiva, em 1982, estava trabalhando de fato nesse sistema há alguns anos.

ENQUANTO ADMINISTRAÇÃO, guardo boas lembranças do professor Ferri, diretor duas vezes, numa eu era aluna, e noutra, professora; a ponderação e o respeito do professor França, a equanimidade do professor Zanini. Participando da Congregação, aprendi muito com os professores França e Zanini.

AS ARTES FORAM-se introduzindo no meu trabalho também no final dos anos 70. Nessa década mantive intenso contato com artistas plásticos que participavam das Bienais Nacionais e Internacionais: a expressão artística me atraía enquanto forma de representar o mundo — e às vezes intervir no mundo. Desenvolvi um intercâmbio muito produtivo com o grupo Etsedron (Nordeste ao contrário),

originário da Bahia, que participou de várias Bienais e tinha uma proposta de utilização de materiais nacionais sem perder de vista a universalidade.

A APROXIMAÇÃO com as Artes aconteceu via fruição e leitura das artes plásticas e a vivência direta com arte - educação, através de uma experiência pedagógica pré-escolar (relatada depois na livre-docência). Nesse ponto, devo muito a Tereza Pagani, exemplo de educadora — permanente interatividade durante anos. A presença estimulante de almas próximas com Ana Mae Barbosa, lutadora das maiores no campo das Artes, contribuiu para chamar minha atenção para a arte enquanto pedagogia do conhecer.

DURANTE A SEMANA de Arte e Ensino, realizada em setembro de 1980 na ECA, e ao colaborar com Ana Mae inclusive realizando um projeto de jornal ("Artimanha") com os alunos de jornalismo, fiquei definitivamente convencida da importância da arte enquanto momento pedagógico decisivo. A arte vivida — a arte na pré-escola de meus filhos — e a arte como forma de conhecer no persuasivo discurso de Ana Mae passaram a fazer parte de minha vida.

JORNALISMO, LINGUAGEM E ARTES uniram-se definitivamente na tese de livre-docência, quando refleti sobre a representação da realidade e produzi um texto-documentário sobre um trabalho de arte-educação. Nesse texto, imagino que consegui colocar a pesquisadora, a jornalista, a mãe, a professora, a mulher, todos os meus papéis em interati-

vidade. Ponto de chegada de buscas que começaram no início dos anos 80, com o ter feito um ano de curso de psicodrama pedagógico e ter iniciado um trabalho de arte e expressão corporal (que perdurou até 1990), com Naíza de França.

OS CAMINHOS que as Artes me abriram, incluindo a convivência com pessoas preciosas e solares, têm trazido a chance de orientar alguns trabalhos relacionados à produção artística, bem como participar de bancas nessa área. Assim, estar na banca de livre-docência de Ana Mae Barbosa, ao lado de alguém como Paulo Freire, foi motivo de intensa satisfação. Provas, avaliações, defesas — e Ana Mae mostrando a visceralidade da Arte no processo de conhecer.

O TRABALHO JORNALÍSTICO, para mim, deve pelo menos indicar alguma modificação, deve ter alguma finalidade. Desse ponto de vista, talvez a pesquisa mais "realizada" e "realizável" seja a parte da livre-docência que resultou no livro Quintal Mágico — nada mais que uma grande reportagem. As vivências pedagógicas relatadas no Quintal Mágico têm influenciado concretamente educadores de todo o Brasil. Às vezes recebo telefonemas da Paraíba, de Santa Catarina, cartas, pessoas querendo informações e logicamente eu mostro que não sou educadora de pré-escola, sou apenas a jornalista que relatou uma pedagogia. Meus outros livros — sobre imprensa feminina —

tornaram-se fonte bibliográfica básica, e eu também fico contente ao verificar quantas dissertações e teses eles já originaram. Trata-se, no entanto, de circulação de conhecimento teórico, de aprofundamento da reflexão. Porém, o Quintal Mágico (e sua ligação com a Arte enquanto processo de conhecer) tem me trazido gratas surpresas, como a notícia de que ele está sendo traduzido para o espanhol, por uma professora colombiana que fez seu mestrado na ECA. O projeto é publicar uma edição na Colômbia, pois a professora Sofia Del Corvo considera que existe pouquíssima bibliografia sobre pré-escola em seu país.

A ARTE IMPLÍCITA no Quintal Mágico e a concretização de algumas atitudes ali descritas, a possibilidade desse efeito multiplicador, a possibilidade de contribuir para que muitas crianças tenham acesso a processos pedagógicos mais sentidos e vividos — esse retorno tem me alegrado bastante.

HOUVE UM TRABALHO QUE, apesar de burocrático, sempre me agradou, pelo que apresentava de abordagem pedagógica: o trabalho com a comissão de pós-graduação. Primeiro como suplente, depois como titular, fiz parte da Comissão de Pós-Graduação da ECA, chegando a ser vice-presidente durante dois mandatos (de 1985 a 1989). Vi as duas grandes áreas da pós, Ciências da Comunicação e Artes, irem ganhando corpo e constituindo, dentro de seus âmbitos, campos espe-

cíficos que hoje necessitam de uma independência maior. Convivi com dois presidentes, o professor Eduardo Peñuela e o professor Virgílio Noya Pinto, ambos leitores atentos das Comunicações e das Artes.

A COMISSÃO de Pós-Graduação não tinha representantes de todos os departamentos, em razão do pequeno número de seus membros: era um problema que dificultava os trabalhos, uma vez que certos casos necessitavam a palavra de um professor da área. Fizemos um projeto de ampliação do número de seus membros e no finzinho do mandato, em 1989, (quando passei a presidente em substituição ao professor Virgílio, que assumira a chefia de um departamento), coincidindo com a recente instalação do Conselho de Pós-Graduação, foi possível conseguir a aprovação dessa medida que trouxe mais representatividade e facilitou o funcionamento da Comissão.

SER PROFESSORA do Curso de Pós-graduação e ser orientadora, me permitem refazer o meu percurso como aluna e pesquisadora. Da seleção à entrega da dissertação, tento algumas práticas que me pareceram tão importantes quando fazia a pós em Letras. A reunião com todos os orientandos, a elaboração de projetos, a realização de seminários, o acompanhamento de textos e relatórios, enfim a pesquisa sendo construída passo a passo, e em conjunto.

EM 1981 recebi meus primeiros orientandos: Fátima Ugatti Cortezão e Valdir Mengardo, dois ex-alunos da ECA. Fátima

queria trabalhar com reportagens; fez um ano de curso, mas no segundo não conseguiu fazer as disciplinas, pois o trabalho na Televisão não lhe deixava tempo. Como não havia possibilidade de trancamento, teve que desistir do curso. Uma pena, na medida de sua grande vocação de pesquisadora. Hoje ainda continua na Televisão. Valdir propôs um trabalho sobre diagramação e ideologia e acabou o mestrado com uma bem pensada e bem pesquisada dissertação.

OS DOIS ORIENTANDOS que recebi no ano seguinte chegaram ambos à dissertação com pesquisas que me trouxeram muita satisfação. Paulo Cezar Alves Goulart, arquiteto, formado pela FAU, propôs um trabalho sobre álbum de figurinhas e conseguiu reunir um riquíssimo universo de dados históricos e documentais, além de realizar eventos paralelos como exposições, oficinas, álbuns com características pedagógicas, etc. Vera Simonetti Racy, fotógrafa, queria estudar a imagem de mulher nos jornais e acabou realizando um documentário sobre mulheres idosas, além de trabalhar comigo em outras pesquisas sobre fotografia e jornalismo e de colaborar na parte fotográfica de minha livre-docência. Paulo e Vera foram alunos parceiros de pesquisa, interlocutores sempre atentos e sempre instigantes. Eles são exemplos de como a relação orientador/orientando pode ser um crescimento mútuo.

HAVIA INTERSECÇÃO de áreas. Apesar de preferir orientandos com pesquisas sobre jornalismo, minha proximidade com Editoração, e a falta de orientadores de Editoração fazia com que às vezes eu aceitasse orientandos como Paulo, mais ligado à editoração. Mas havia a instrumentação teórica da semiologia, que permitia pontes. Assim, aceitei orientar uma professora de artes, Letícia Rauen Vianna, que fez uma dissertação sobre leitura visual e interferências textuais. Orientei também Bárbara Heller, outra grande vocação de pesquisadora, numa dissertação sobre leitura e a imagem da mulher leitora no começo do século. Aí, duas boas razões: minha pós em Letras, e a questão da mulher.

A MAIORIA de meus orientandos está relacionada a jornalismo. Trabalhei no sentido de criar um núcleo de texto-documentário, conceito nascido de pesquisas desenvolvidas a partir de minha atividade docente na pós-graduação. A cada ano, os dois alunos que podiam ser recebidos (segundo as normas da ECA) geralmente estavam ligados ao texto-documentário. Nessa linha, trabalharam Ruth Lomboglia, Helouise Lima Costa, Fausto Pires de Campos, Vera Racy, Marco Aurélio Borba. Dentro de linguagem e jornalismo, estão Mayra Rodrigues Gomes, Paulo Roberto de Oliveira Araújo, Maria Eliane Facciola Paiva, Sival Medina, Roberto Dante Cavalheiro (mestrado) e Terezinha Tagé Dias Fernandes e Carly Batista de Aguiar (doutorado).

Desses, apenas dois não terminaram: Ruth Lamboglia, que não conseguiu fazer a redação da pesquisa e Marco Aurélio, que sofreu um acidente e faleceu. Os outros, ou já concluíram ou estão cumprindo seus trabalhos.

RECEBI dois orientandos em transferência, Sílvia Lustig e Fausto Pires de Campos; ambos fizeram suas dissertações. Sílvia pesquisou o Suplemento Feminino do jornal O Estado de São Paulo e Fausto fez um texto-documentário sobre os índios guarani.

NARRATIVA, jornalismo, documentário. Linguagem e realidade. Meu trabalho na pós-graduação transita por esses campos. E agora, desde 1988, a orientação vem estendendo-se à graduação. Nesse ano começou a vigorar o Trabalho de Conclusão de Curso para os dois cursos ministrados pelo departamento: Jornalismo e Produção Editorial. O aluno não cursa nenhuma disciplina no último semestre: dedica-se apenas a desenvolver uma monografia ou um projeto, sob a orientação de um professor, e o trabalho será defendido perante uma banca de três membros. Apesar do tempo curto (quatro meses), os alunos têm apresentado trabalhos de nível, que já estão constituindo um razoável acervo de reflexão sobre o jornalismo e de projetos que envolvem o fazer jornalístico.

A NOVA ATIVIDADE de orientação proporciona a realização de uma pesquisa no momento em que o aluno está numa fase de passagem entre a formação e a vida profissional, quando

inquietações a respeito do seu papel na sociedade afloram mais ainda. No primeiro ano tive uma orientanda; no segundo, dois; em 1990 atingi o número de seis trabalhos de conclusão de curso orientados. Foi um número bastante grande, mas mesmo assim foi possível um acompanhamento individual.

OS PROFESSORES de outras unidades que têm vindo participar de bancas de TCC costumam apontar a validade de se concluir o curso com a realização de um trabalho que demanda pesquisa e reflexão — e que ajuda portanto, a finalizar a formação recebida. A instituição do TCC, sinal de maturidade da graduação, veio acrescentar um maior aprofundamento ao final do curso.

TEXTO PLURAL

HORAS E LUGARES JORNALÍSTICOS

TEMPO: UMA DIMENSÃO humana, o acontecendo, duração, percepção. Jornalismo é essencialmente temporal. Jornalismo é tempo e espaço. Nós somos espaço e tempo. A temporalidade e a espacialidade nos constituem. Palavra/tempo e imagem/espaço nos constituem e são por nós constituídos. Interatividade, para tentar um conceito menos estático. Pensemos então o jornalismo e a comunicação como sendo espaço e tempo e também constituindo o espaço e o tempo que nós vivemos (e não em que nós vivemos).

FRAGMENTAÇÃO, padronização, espetacularização são características do jornalismo contemporâneo: tempo e espaço estão no jogo de constituição da consciência humana. E hoje, quando pensadores mostram que nossa época é regida pela velocidade, o tempo torna-se um fator mais fundamental ainda. Percepção, tempo e relato estão indissolivelmente ligados. A rapidez com que as comunicações se processam está modificando as formas de percepção e de representação do mundo. Para pior, dizem muitos: a quantidade transforma os fatos em descartáveis e de curtíssima memória.

MAIS DO QUE A COMPLEXIDADE da realidade contemporânea, homens e mulheres talvez estejam diante da complexidade da percepção da realidade contemporânea — e sem instrumentos para apreendê-la. Um profissional liberal de um grande centro urbano brasileiro — e nós estamos no terceiro ou quarto mundo — tem a seu alcance, e se sente na obrigação de utilizar, dois ou três jornais diários, um jornal econômico, duas revistas semanais, umas quatro especializadas, rádio FM, canais de TV, videocassete, TV UHF, cinema, disco laser, videolaser, e mais três ou quatro artefatos que serão lançados até o fim do ano. E quase todo fim de dia, ele chega à conclusão que ainda não está bem informado, apesar de tudo. E que não tem tido tempo para viver.

SEDUTORES SIMULACROS, prometem conhecimento e informação com valor de mercadoria, mas não cumprem quase nada do prometido. Oferecem inteligibilidade, clareza, serviço: mas como articular a fragmentação? Onde os relatos significativos? Doses calculadas de susto, perplexidade, violência, ministradas no telejornal para manter a audiência até o próximo intervalo comercial, que por sua vez alterna ternura, emoção, erotismo, sucesso, pequenas apoteoses, uma atrás da outra. Tédio para alguns, sobressaltos controlados como num videoclip para outros. Crise, angústia, impotência: estados ao mesmo tempo per-

manentes e instantâneos da grande maioria das pessoas expostas à comunicação.

REPRESENTAÇÃO: OS MEIOS de comunicação trabalham com representação. Podemos entender conhecimento como a apropriação intelectual de um campo empírico de fatos ou de um campo ideal de conceitos — ambos já estão circunscritos, pensados. Isto é, tanto os fatos como os conceitos, do ponto de vista do conhecimento, são considerados dados. Entendido assim, o conhecimento é uma representação e implica em postular a exterioridade entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Já o pensamento é um trabalho reflexivo de compreensão do real que inclui um movimento simultâneo de constituição do sujeito e do objeto do pensamento.

NO PENSAMENTO, temos a reflexão ao invés da representação. Ora, o jornalismo utiliza-se de representações, mas essas representações não trariam nem mesmo o conhecimento como apropriação intelectual. Poderíamos dizer que o jornalismo trabalha com dupla representação, ou melhor, com repetição de representação. A repetição infunde tranquilidade — parece que sabemos o que vai acontecer. Além de realmente fazer parte das ações humanas, a repetição decorre da forma industrial de satisfazer as necessidades de informação. Repetição de padrões narrativos — para obedecer à razão técnica; e repetição de conteúdos — para dar lenitivos de sentido às almas inquietas: os

fazeres jornalísticos transformaram-se em estações repetidoras.

A REALIDADE PARECE existir somente através de canais; para muitas pessoas, o fato só se torna real quando se estabelece com ele algum contato via mídia. No caso, é repetição. Espaço e tempo são concebidos como receptáculos vazios e neutros. O espaço é o lugar onde os objetos estão; o tempo é o lugar onde os objetos acontecem na sucessão. No jornalismo impresso ainda há uma certa contextualização; mas a telinha da TV é um receptáculo vazio que lida com tempos e espaços intercambiáveis: o que importa é causar sensação. Nós, sujeitos, nunca estamos lá. A mobilização do nosso imaginário acontece o tempo todo, mas sempre com finalidades de consumo. Não se trata de aceitar a exposição da veracidade de um fato, ou a consistência de uma argumentação, mas sim da adesão não racional.

FORMALIZAÇÃO NARRATIVA das ações humanas, o jornalismo se reveste cada vez mais do caráter reprodutor e repetidor de relatos. Essa formalização narrativa está tão impregnada em nossos discursos, que muitas vezes até as conversas familiares adquirem estrutura de notícia. Percepção empobrecida do mundo, falas empobrecidas do mundo. Os relatos jornalísticos vêm operando uma inversão radical nas maneiras de percepção, mesmo se pensamos conhecimento como representação: a transformação da se-

quência em causalidade. É simples: a seqüência dos fatos está aí, ela é a própria causalidade. Fator e ao mesmo tempo produto da fragmentação, a seqüência que se torna causalidade isenta o trabalho jornalístico da procura de motivos e conseqüências. Basta mostrar a sucessão das coisas acontecendo. Viramos apenas leitores ou espectadores interessados em saber o que vai acontecer na próxima cena; a curiosidade cronológica substitui a necessidade de articulação ou de busca de sentido.

CADERNOS, EDITORIAIS, SEÇÕES, no jornalismo impresso; chamadas, blocos, correspondentes dos Estados Unidos ou da Europa conversando "ao vivo" com o apresentador, no telejornalismo: partições de tempo e espaço em nome da especialização, da simultaneidade, do informar sempre mais sobre tudo. Mas o resultado é um "show" caleidoscópico, cada vez mais panorâmico, intercalado por uma ou outra imagem impactante. Terminado o telejornal em cadeia nacional, poucos espectadores lembram de alguma coisa que viram. As tragédias ainda ficam um pouco, pela carga emocional que contêm. Mesmo assim, as modas influem na repercussão dos fatos. Uma árvore arrancada merece matéria de destaque na TV — ecologia sempre rende dividendos, e todo mundo é a favor — e causa mais emoção que o pivetinho de cinco anos que vive na rua.

AS NARRATIVAS fundamentais do ser humano foram sendo estilhaçadas pelo jornalismo contemporâneo, que multiplicou a

exaustão os simulacros do registrar, do contar, do comentar, banalizando-os e dando-lhes o mesmo estatuto de um videoclip ou de um anúncio, todos devidamente dotados de um apelo à adesão não racional. A ambição de exaustividade ajuda a reforçar a "necessidade" que devemos ter da mídia jornalística. Enquanto a ciência se contenta em explicar partes do mundo, ou descrever suas leis mais gerais, o jornalismo quer mostrar "todo" o mundo. Quer também dizer "tudo" a respeito de um acontecimento ou de uma questão. E persegue a diversidade: quer falar de "tudo", nações, cidades, culturas, classes, idades, ou ainda esmiuçando microcosmos, fornecendo um número enorme de detalhes como horários, locais, declarações redundantes, descrições de cenas. Afinal, é preciso ser exaustivo. No entanto, a ambição do todo, e o espaço e o tempo considerados como dados — ou coexistindo em simultaneidades artificiais — contribuem para uma saturação e para uma indeterminação do espaço e do tempo como constituidores do sujeito.

ESTILHAÇAMENTO, SEQUÊNCIA transformada em sentido (basta contar que o sentido aparece), as narrativas se resumindo a efeitos de cena — a constatação das principais características do discurso jornalístico produzido em escala industrial não traduz somente uma visão cética e pessimista; existem algumas possibilidades que vem sendo buscadas em diferentes pontos do planeta, mostrando que o

fim do século talvez não seja mera passagem temporal. Como em todos os caminhos realmente descortinadores, surgem confluências.

RESPOSTAS: AS CIÊNCIAS e as técnicas preocupam-se muito com as respostas. Respostas a tudo. O jornalismo dá as informações como respostas às necessidades relativas à atuação e à situação das pessoas no mundo. Essas respostas pretendem suprir toda e qualquer necessidade imediata da vida cotidiana: a informação devidamente catalogada e processada responde a tudo. Não há nada que não possa ser objeto de resposta. Todavia, as pessoas não têm encontrado resposta às suas necessidades narrativas básicas.

PERGUNTAS: OS SABERES e os fazeres estão muito pouco preocupados com as perguntas. Esquecemos que a ciência sempre caminhou mais pelas perguntas do que pelas respostas. Precisamos começar pelas perguntas. Nessa linha, seguimos Gaston Bachelard que diz que precisamos do não saber para chegar ao saber. As ciências têm perguntado pouco, mas existem alguns vislumbres do saber enquanto trabalho de construção do pensamento, enquanto pergunta e reflexão. Se analisarmos as direções preferenciais das condutas das ciências, podemos apontar algumas características, embora haja uma certa redução, como em toda classificação.

O ENFOQUE QUANTITATIVO, com medições, estatísticas, amostragens domina o cenário da pesquisa norte-americana — e é bastante válido para uma sociedade evidentemente quantitativa. Seu jornalismo segue os mesmos parâmetros — também quer se assentar em critérios emprestados à ciência, na ânsia de se legitimar baseando-se em "objetividades" em levantamentos de opinião pública. A contínua diminuição dos textos, para facilitar a leitura, a partição dos temas e das páginas em caixas e seções, mais condizentes com a velocidade da produção industrial, e a busca da visualidade copiada da televisão fazem do jornalismo norte-americano um mosaico de peças atraentes e coloridas, mas que apenas sobrevoam o real. E é esse fazer jornalístico que está servindo de modelo à imprensa brasileira.

O DOMÍNIO FRANCÊS privilegia o enfoque teórico que, antes de medir, procura marcos teóricos de referência, esquemas interpretativos, instrumentos de pensamento, para organizar a possibilidade de compreensão do real.

A INGLATERRA, com forte tradição empirista, parece reconhecer que investigar é fazer, que não se conhece senão o que se faz: não são as idéias que originam o saber, mas sim as experiências que o produzem. Em suma, as idéias se confrontam com a experiência vivida, dela surgem e a ela se submetem. Na Alemanha, ao enfoque teórico do pensamento enquanto construção, junta-se também uma ten-

dência experimental. Essas modalidades de trabalhar a pesquisa, e por conseguinte a ciência, ainda continuam mais dirigidas às respostas do que às perguntas. No entanto, pensadores como os franceses Bachelard e Merleau-Ponty, o americano Bronowski e o alemão Habermas costumam fazer muitas perguntas.

NA AMÉRICA LATINA, é possível reconhecer o interesse ou o desejo por um modo diferenciado de investigar, de chegar a conhecer a realidade social e que consiste em dar "voz" às pessoas consideradas como sujeitos, em fazer os problemas e as questões falarem. Depoimentos, histórias de vida, documentários em cinema e vídeo, crônicas antropológicas, memória narrativa tem trazido mais que dados: têm trazido vozes e caras. Aqui também as perguntas importam mais que as respostas. Jesus Martin Barbero é um dos que indaga e abre espaço às vozes latino-americanas.

O JORNALISMO também precisa perguntar mais. Tentativas de dar conta desse mundo em transformação, sem contribuir para a concepção fragmentada da realidade — que é, sim, multifacetada e fragmentada, mas necessita do relato que articule, ao invés do relato caleidoscópico ditado pela razão industrial e pela lógica do consumo. — têm surgido. O novo jornalismo norte-americano foi uma tentativa, embora enfatizasse o sujeito narrador e não o sujeito captador. O jornalismo de autor foi uma variante que

buscava equiparações com a literatura. Muitos falam em jornalismo literário, na medida em que há uma exacerbação do experimentalismo verbal. De qualquer modo, trata-se de um deslocamento do real: o ponto de partida é a linguagem.

A PAIXÃO INVESTIGATIVA deu outros passos na construção de narrativas mais orgânicas. Porém, o jornalismo investigativo, apesar de intervenções conjunturais que até mudaram o curso dos acontecimentos, concentra-se demais na precisão dos dados e geralmente adquire um tom processual, à semelhança de inquéritos judiciais. Mais recentemente, conceituou-se na Espanha o jornalismo informativo de criação, que une jornalismo literário e jornalismo investigativo. O compromisso vai além da estética, abrangendo posturas éticas e políticas. O jornal *El País*, peça fundamental na transição democrática espanhola, trabalha na linha do jornalismo informativo de criação e tem apresentado belos trabalhos em profundidade, além de não lidar burocraticamente com a informação de "subsistência", parte integrante de qualquer grande diário.

NO BRASIL, além das às vezes um pouco mitificadas reportagens da revista *Realidade* — para ficar no passado mais recente — exemplos de busca de um relato mais articulador continuam surgindo, embora esporadicamente, numa página ou noutra do *Jornal da Tarde*, do *Jornal do Brasil*, das revistas semanais — apesar da pasteurização reinante —

num Globo repórter, nos vídeos populares. Um fator de ânimo é o aparecimento de vozes na universidade que trabalham na construção desses relatos, embora com instrumentais diferentes, mas sempre mais preocupados com as perguntas do que com as respostas. Assim, no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA encontramos alguns professores com as mesmas inquietações. Mais animador ainda é o eco que está sendo encontrado nos alunos de graduação e de pós-graduação, que estão produzindo relatos ou análises nessa direção.

A INCORPORAÇÃO DA IMAGEM visual vem acontecendo ao longo dos últimos anos em nossos trabalhos. Além da grande demanda visual da civilização contemporânea, acreditamos, como Herbert Read, que a concretização da ordem visual caracteriza os tempos culturais e os espaços culturais da humanidade. Assim como uma ordem visual se desenvolve no indivíduo em virtude de certas formas arquetípicas elementares — lembremos mais uma vez Bachelard — uma civilização se desenvolve em virtude da combinação e do apuramento de suas formas. Outra razão determinante da incorporação do visual é a convicção de que a expressão visual possibilita a ampliação do exercício dos nossos cinco ou mais sentidos na apreensão do mundo. Enfim, esse raciocínio implica na aceitação das artes plásticas (ou visuais) como propulsoras do desenvolvimento integral da inteligência. O pensamento visual precisa in-

teragir mais e mais com o pensamento verbal. Logicamente, o fazer jornalístico tem muito a ganhar com o pensamento visual; daí nossas preocupações em trabalhar a expressão visual no jornalismo.

JORNALISMO É PROJETO. Pedagógica e profissionalmente, deve ser encarado como projeto; um projeto onde pensamento verbal e pensamento visual sejam usados como instrumentos de pré-concepção e de realização. Projeto não é apenas um trabalho lógico-dedutivo; a intuição se faz necessária. A reunião das partes é que promove o valor; o pensamento verbal e o visual, integrados, constroem as articulações. Assim, na medida em que jornalismo seja considerado como projeto, a estruturação dos cursos precisa ser repensada.

JORNALISTA É CAMALEÃO. Podemos assumir várias profissões, às vezes ao mesmo tempo. Um pouco parecido com o ator; viver muitas vidas. Talvez esse seja um dos motivos da grande atração que o jornalismo exerce sobre as pessoas, principalmente os jovens. Podemos ser historiadores e então tentamos construir narrativas que expliquem e interpretem os eventos e movimentos da diacronia social, embora quase sempre fiquemos em retrospectivas. Podemos ser geógrafos, descrevendo espaços; podemos ser antepólogos, analisando discursos culturais, inclusive fazendo antropologia urbana, debruçando-nos sobre as conformações comportamentais dos grandes centros. Podemos

ser escritores, desenvolvendo características de estilo e criando novas formas de texto. Podemos ser cientistas sociais, analisando política e sociedade e até contribuindo para reviravoltas concretas, testando a divulgação desta ou daquela informação; o laboratório social muitas vezes vira um mero campo de experiências. Podemos ser psicólogos, fazendo entrevistas e perfis que desvendem os inconscientes individuais e coletivos. Podemos ser agentes culturais, promovendo as diversas ações de cultura. Podemos ser professores, divulgando e explicando a ciência. Podemos até ser artistas, trabalhar no rádio e na televisão, e ficarmos mais conhecidos que um ator de novela ou um campeão de vendagem de discos. Podemos também ser simples operários de imensas fábricas de informação.

DIZEM OS PSICÓLOGOS que a vocação nasce de alguma coisa que foi mutilada na infância. Se assim for, os jornalistas devem ter muita coisa mutilada nos seus dias infantis. Onde essa necessidade tão grande conhecer tudo? Um texto iluminado de Julio Cortázar, num livro de fotografias sobre Buenos Aires, espelha esse desejo que sabe nunca saciado: "Com que direito se entra na cidade que é sonho e é distância, simulacro de reflexos? Ela mesma contesta e consente, também Buenos Aires é uma abstração. Da cidade, só temos as pálpebras, a pele, o riso ou o desprezo, a movente superfície de todos os dias. Inútil

obstinar-se, querer possuí-la a fundo, a vida bastará para conhecer casas, uma casa cada tantos milhares de casas, e portas, uma porta entre incontáveis portas, e cafés, ali onde páginas e páginas da lista telefônica se alinham ironicamente. E o demais? Falo apenas das coisas, de túneis e galerias por onde murmura o imenso enxame da cidade. Quem pode gabar-se de conhecer mais que as fachadas que dão sobre essas ruas portenhas, e umas poucas ruas pelas quais infinitamente flue seu sangue cotidiano? Tudo na cidade é inalcançável, enigma, proibição; não se pode tocar cada campainha, não se pode discar cada número de telefone, não se pode andar em todos os seus automóveis. Na rua onde vivemos há vinte anos e que cremos tão nossa, por trás de cada parede e cada janela se abre o território do inalcançável, as profundidades dos pátios que não veremos nunca, e em cada pátio os objetos que não veremos nunca, e nos quartos que dão para cada pátio, as mesas de luz e os espelhos que não veremos, e em cada torre de alumínio e vidro os apartamentos aos quais nunca subiremos, as salas e os quadros e as cozinhas e os chuveiros que não nos será dado conhecer. Não falo senão de coisas; estamos fora, irremissivelmente fora das coisas que fazem a cidade, e desta exclusão inventamos um contato e uma permanência e um conhecimento com a secreta e admirável desesperação com que inventamos tudo".

PODERES: OS JORNALISTAS podem ser vários. Impossibilidades e limitações: queremos conhecer tudo, mas conhecemos tão pouco. Vivemos no conflito entre a forma de produção industrial da notícia, tão avassaladora e a carência de narrativas mais articuladoras e fundantes; entre os ditames econômicos e tecnológicos e os apelos das crianças, dos homens e mulheres desta terra. Sabemos que a circulação dos conhecimentos contribui para a emancipação das pessoas e a democratização da vida pública, ao mesmo tempo que contribui para a dominação em vários níveis. A informação amplia o círculo de cidadãos, mas também os transforma em meros consumidores, que simplesmente compram candidatos aos cargos políticos mais decisivos.

ONDE A NOSSA AÇÃO, neste Brasil a nove anos do século XXI e conservando tantas antigas cadeias de miserabilidade em seu organismo social? Como agir? Atuando na concretude ou trabalhando para a consciência e a visibilidade de nossas cadeias? Como pensar em modernidade diante da morte de um garoto de 13 anos, baleado por um vigilante de um escritório, morte emblemática de tantas outras dos meninos do Brasil? Jornalistas reagiram: "Que fabulosos tesouros guardam os escritórios das empresas de uma movimentada avenida paulistana e quaisquer escritórios de quaisquer empresas, que valham uma vida humana? Ou esta vale menos do que a cal e a tinta de um muro cidadão?"

(...) Quem pretende ser moderno na cidade em que morreu William, moderno na acepção de contemporâneo do mundo, está pronunciando uma bobagem inominável. Não haverá esperança de contemporaneidade enquanto qualquer um puder organizar a sua própria polícia, os seus janizaros particulares, pagos por soldo vil, com o mínimo salário mínimo que é a própria antítese do chamado capitalismo moderno". (Editorial da revista Isto é Senhor de 26/06/90. Podia ser repetido mais centenas de vezes, tantas as mortes que se seguem.).

O JORNALISTA muitas vezes está contra — e esta parece ser uma atitude essencial. Ou está frente a, ou em cima. Quase sempre fora da ação retratada, espectador privilegiado, narrador privilegiado, comentarista privilegiado, câmera privilegiado. Raramente está dentro — será utopia pedir esse envolvimento? Se pensamos em narrativas mais orgânicas, se precisamos perguntar mais do que responder, precisamos nos envolver. Um envolver que exige muita troca pessoal, mais do que contatos mediatos e impessoais via rápidas chamadas telefônicas para as mesmas fontes de sempre. Costura de declarações, legitimação burocrática da informação. As "modernas" grandes redações contactuam com o mundo basicamente através do telefone, ou reproduzindo informações veiculadas por jornais, rádios e tevês, numa auto-referencialidade antropofágica que caracteriza o jornalismo contemporâneo. Provavelmente,

não deveríamos falar em comunicação; mais adequado seria difusão.

SE QUEREMOS COMUNICAÇÃO, se queremos mudança, precisamos de relatos articuladores, que são possíveis mesmo dentro da estrutura espaço-temporal da civilização industrial mediatizada técnico-cientificamente. Aliás, temos que pensar a necessidade desses relatos a partir da constatação do quanto nossas vidas estão sendo alteradas pela exposição constante à comunicação e de quão pouco a mídia nos faz mais íntegros e felizes. A dinâmica econômica tinha como suporte a instrumentalização da energia (vapor, eletricidade, etc.). Esse suporte está sendo substituído pela instrumentalização da informação, que hoje é o suporte das forças que dinamizam a economia.

AS RELAÇÕES espaço-temporais estão em mutação e podem atingir a vida de cada um. Alguns autores apontam que em termos mundiais estamos passando de uma geopolítica para uma cronopolítica — e na cronopolítica a comunicação é fundamental. Na guerra, a ocupação territorial não está sendo considerada tão determinante; atualmente conta mais a decisão e a velocidade de quem apertar primeiro o botão. O princípio espacial está sendo substituído pelo princípio temporal. Antes, os contingentes dos exércitos, a deslocação no espaço eram essenciais. Hoje, com as comunicações operando principalmente no eixo temporal — e assim aproximando espacialidades e tornando-as

simultâneas — a possibilidade de efeitos conjunturais (de alteração no curso dos acontecimentos, e que é uma das características do fazer jornalístico) cresceu assustadoramente. A Guerra do Golfo foi uma guerra onde a comunicação entrou diretamente na batalha. Víamos os mísseis caindo em Bagdá ao vivo, e Bagdá ficou perto de São Paulo. A guerra videoeletrônica, a estratégia cronopolítica: muitas pessoas de Israel ligaram para seus parentes do Brasil para saber o que estava acontecendo no front pois lá as informações eram censuradas. Embora com sabor de ficção, vivíamos aqui a realidade da guerra em transmissões que estavam sendo subtraídas às populações diretamente afetadas

A CRONOPOLÍTICA também avança sobre o jornalismo. O jornalismo de polêmica tinha repercussões conjunturais, mas atuava mais localmente. A notícia, símbolo da implantação progressiva da velocidade na produção da informação jornalística, a cada dia se torna um produto mais industrial, transformando-se num índice da intervenção do tempo no jornalismo. Hoje, o tempo é fundante, ainda mais quando pensamos na utilização da TV e suas redes nacionais e internacionais. Mas o Brasil, país em que a dimensão espacial é constitutiva, de modo geral, de todas as ações sociais, e com certo grau de predominância, em virtude até de sua extensão territorial, a convivência com a comunicação cronopolítica gera mais tensões ainda.

O BRASIL GEOPOLÍTICO do interior, das grandes distâncias, da Amazônia, do imenso litoral, convive com a comunicação cronopolítica e quer andar junto com os ponteiros dos relógios hegemônicos do Rio e de São Paulo. Diferentes tempos, diferentes espaços, em disjunção. Vácuos éticos. Podemos trabalhar pela conjunção, para que os espaços e tempos brasileiros se constituam em função das pessoas e não por imposição tecnológica ou mercadológica. A comunicação provoca, ao mesmo tempo, estados permanentes e instantâneos de angústia e de perplexidade: mais uma intervenção temporal em nossos sentimentos. Porém, a aflição por mudanças continua, apesar da anestesia comunicacional e consumista. Muitos não querem ficar sô na representação e trabalham a mente em ação — o pensamento. Afinal, os jornalistas podem construir com palavras e com imagens, coisas que já existiram e não existem mais e podem construir coisas que querem ver existir.

DADOS PESSOAIS

Nome : DULCÍLIA HELENA SCHROEDER BUITONI

Filiação : Ricardo Brasília Paes de Barros Schroeder
e Sylvia Helena Schroeder

Nascimento : 05 de agosto de 1947

Nacionalidade : Brasileira

Naturalidade : São Paulo - Estado de São Paulo

Estado Civil : Casada / Esposo: Ademir Buitoni

Filhos: Cássia Schroeder Buitoni
(16 anos)

Lucas Schroeder Buitoni
(13 anos)

Gláucia Schroeder Buitoni
(08 anos)

Documentos : Identidade RG. 3.786.959 (SSP-SP)
Título de eleitor Nº 0033171601-16 - Zona 2 - Seção 330
CIC Nº 527.426.018-72

Profissão : Professora universitária e jornalista

Jornalista profissional diplomada: Registro no Ministério do
Trabalho e Previdência Social nº 10.752, às
fls. 40 do livro 35, conforme processo DRT
nº 16.108.

O.A.B. : Inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil,
secção São Paulo sob o nº 25.221.

Residência : Rua Saramenha, 89
CEP 01259 - Sumaré - São Paulo

ATIVIDADES REALIZADAS

1 CAMPOS PRINCIPAIS DE ATUAÇÃO

Campos, áreas ou linhas de pesquisa: algumas delimitações são possíveis, outras nem tanto. Escolhi o termo mais genérico, para depois passar a áreas mais específicas.

1.1 Jornalismo e linguagem

Os estudos sobre linguagem estão presentes em minha trajetória desde a graduação em jornalismo. A linguagem foi-se constituindo matriz de todos os meus trabalhos acadêmicos. O encaminhamento para a pós-graduação em Letras foi decorrência, pois inicialmente a ECA dispunha de poucas opções em termos de linguagem, no seu curso de pós. Disciplinas ligadas à redação formam o meu campo de atuação no curso de Jornalismo da ECA. Na integração com a prática jornalística, participei de projetos pedagógicos como a AUN (Agência Universitária de Notícias), edições de jornais comunitários e da implantação do Jornal do Campus, com seus acertos e desacertos, mas que finalmente se tornou o órgão-laboratório mais importante do curso. Os trabalhos com linguagem, na graduação, referem-se mais ao Jornalismo Impresso. O conjunto de disciplinas sobre Redação Jornalística tem uma abordagem seqüencial e integradora. Ministro Redação Jornalística IV, a última da série, proposta como uma disciplina mais reflexiva. Depois de passarem por várias experiências de redação e de trabalharem com mídia impressa e eletrônica, os alunos podem ter um aprofundamento teórico nas questões que envolvem Jornalismo e Linguagem. Nos últimos anos, venho trabalhando com a análise do jornalismo cultural.

Já na pós-graduação, ao trabalhar com a representação da realidade, formulei a proposta de texto-documentário que acabou se transformando numa área de reflexão específica, que incluiu também a representação visual.

1.1.1 Texto-documentário

A pesquisa sobre texto-documentário resultou na livre-docência e continua seu percurso, refletindo sobre a questão da interdisciplinaridade, debruçando-se sobre novos objetos concretos e aprofundando seus pressupostos teóricos. Gaston Bachelard, Pierre Bourdieu e Michel de Certeau, assim como os autores franceses que preconizam a Nova História, têm sido fonte de instigantes idéias.

Um dos frutos dessas reflexões foi a proposta de uma disciplina de pós-graduação — "Narrativa jornalística e imaginário: aproximações e refrações" — ministrada nos anos de 1988 e 1989.

Vários orientandos trabalharam com texto-documentário e alguns já concluíram suas dissertações. A pesquisa sobre a utilização, com objetivos jornalísticos, de suportes como foto e vídeo resultaram num desdobramento da reflexão sobre o visual:

1.1.2 Jornalismo e imagem

Tenho desenvolvido pesquisas sobre a utilização da imagem estática ou em movimento pelo jornalismo. São meus estudos mais recentes, e neste ano vou ministrar na pós-graduação (e fazendo parte do novo programa de Jornalismo) uma disciplina que discutirá a representação visual da realidade. O novo programa de Jornalismo tem uma área de concentração sobre Jornalismo e Linguagem, dentro da qual eu me incluo.

1.1.3 Jornalismo e Narrativa

A articulação de narrativas verbais ou visuais estão intrinsecamente relacionadas aos meus trabalhos sobre Jornalismo e Linguagem. Além de estudos sobre a grande reportagem, estou pesquisando o "docudrama" (documentário com elementos ficcionais) e suas aplicações ao jornalismo televisivo. Essas preocupações estão também vinculadas a um projeto sobre memória narrativa e telenovela, analisando a questão da intertextualidade.

1.2 Comunicação e mulher

Articulação básica nas pesquisas do mestrado e doutoramento, comunicação e mulher tiveram suas intersecções analisadas na imprensa feminina. Houve um desdobramento em disciplinas ministradas na pós-graduação, além de eu ter continuado a desenvolver pesquisas sobre publicações destinadas às mulheres. Nesse sentido, a cooperação, a partir de 1985, com o CIEC (Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos), da UFRJ, coordenado por Heloísa Buarque de Holanda resultou em redação de trabalhos e em seminários muito produtivos.

No âmbito da USP, participei do grupo da ProfªDra. Eva Blay que visava reunir os pesquisadores que trabalhassem com a questão feminina. O grupo evoluiu para a formação de um núcleo de estudos da mulher e, após o novo estatuto da universidade, estudamos em conjunto um anteprojeto de regimento para transformação em núcleo institucional. Assim, com o regimento aprovado em todas as instâncias, ficou criado o Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero, do qual sou conselheira.

1.3 Relação com as especialidades do Departamento de Jornalismo e Editoração que fazem parte do programa do curso:

Estou mais relacionada à especialidade Teoria e Pesquisa do Jornalismo, embora também trabalhe com temas de Jornalismo, Informação e Sociedade e Processos de Jornalismo Impresso. Da especialidade Jornalismo Eletrônico, trabalho com linguagem de telejornalismo e vídeo.

2 TÍTULOS ACADÊMICOS

2.1 Cursos Superiores - Graduação

2.1.1 Bacharel em Jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da USP (1967-1970)

2.1.2 Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da USP (1966-1970)

2.2 Pós-Graduação

Inscrita na pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, em 1971, tendo como orientador o professor Dr. João Alexandre Barbosa, na área de Concentração de Teoria Literária e Literatura Comparada, do Departamento de Lingüística e Línguas Orientais.

2.2.1 Mestrado

- Exame de qualificação - 24/09/1975 - Nível "A"
- Proficiência em francês
- Defesa da Dissertação: "O Quadrado Amoroso - Algumas considerações sobre a narrativa de fotonovela" em 24/06/1977, aprovada com distinção pela seguinte Banca:
 - . Prof. Dr. Boris Chnaiderman (Orientador Substituto) DLLO - FFLCH - USP
 - . Prof^a Dra. Ecléa Bosi, do Instituto de Psicologia - USP
 - . Prof^a Dra. Lígia Chiappini de Moraes Leite - DLLO - FFLCH - USP

2.2.2 Doutoramento

- Exame de qualificação para doutoramento em 1978.
- Proficiência em inglês e espanhol
- Defesa da Tese "Mulher de Papel - A representação da mulher na imprensa feminina brasileira", em 06/06/80, aprovada com distinção pela seguinte Banca:
 - . Prof. Dr. João Alexandre C. Barbosa (Orientador) - DLLO - FFLCH - USP
 - . Prof. Dr. Antonio Cândido - DLLO - FFLCH - USP
 - . Prof^ª Dra. Ecléa Bosi - Instituto de Psicologia - USP
 - . Prof^ª Dra. Walnice Nogueira Galvão - DLLO - FFLCH-USP
 - . Prof. Dr. José Marques de Melo - CJE - ECA - USP

2.3 Livre-Docência

Inscrição em agosto de 1986. Realizada em novembro de 1986.

Tese: "Texto-Documentário: Espaço e Sentidos". Aprovada no Concurso de Livre-Docência com a média 10 (dez), pela seguinte Banca:

- . Presidente: Prof^ª Dra. Ecléa Bosi - Instituto de Psicologia - USP
- . Prof. Dr. Boris Chnaiderman - Professor aposentado da FFLCH - USP
- . Prof. Dr. José Marques de Melo - CJE - ECA - USP
- . Prof. Dr. Virgílio Noya Pinto - CCA - ECA - USP
- . Prof. Dr. Celso Beisiegel - Faculdade de Educação - USP

2.4 Adjunção

Inscrição para professor-adjunto do Departamento de Jornalismo e Editoração em 29 de agosto de 1988; julgamento pela seguinte Banca, em 25 de outubro de 1988:

- . Prof. Dr. Francisco Gaudêncio Torquato do Rego - CJE - ECA-USP
- . Prof. Dr. João Alexandre Costa Barbosa (FFLCH - USP)
- . Prof^a Dra. Eva Blay (FFLCH - USP)
- . Prof^a Dra. Ecléa Bosi - Inst.de Psicologia - USP
- . Prof. Dr. Virgílio Noya Pinto - CCA - ECA - USP

A aprovação teve parecer da C.J. e foi homologada pelo Magnífico Reitor José Goldemberg, em 23 de novembro de 1988.

3 CARREIRA UNIVERSITÁRIA

3.1 Contratada como professora auxiliar de ensino junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes, em 1972, em RTP, passando a RTC no mesmo ano.

3.2 Concurso de ingresso à carreira docente, realizado em inícios de 1981.

Banca: Prof^a Dra. Antonia Fernanda Pacca de Almeida Wright
(ECA - USP)

Prof. Dr. Alfredo Bosi (FFLCH - USP)

Prof. Dr. João Alexandre Barbosa (FFLCH - USP)

Classificada em 2^o lugar.

Candidatos: Prof. Dr. José Marques de Melo

Prof^a Dra. Dulcília H. Schroeder Buitoni

Prof. Jair Borin

Efetivação como professor assistente-doutor.

(Mestrado defendido em 1977 e Doutorado em 1980)

3.3 Passei a RDIDP no 2º semestre de 1982. Realizei a pesquisa proposta e terminei o estágio probatório, no período previsto, sendo então confirmado o regime de trabalho no qual me encontro até hoje.

3.4 Livre-docência realizada em 1986:

Inscrição: agosto de 1986

Realização: novembro de 1986.

Aprovação homologada em 22 de janeiro de 1987, pelo Magnífico Reitor.

3.5 Professora - adjunta em 1988

Inscrição em 29 de agosto de 1988.

Aprovação homologada em 23/11/88 pelo Magnífico Reitor.

4 ATIVIDADES PROFISSIONAIS

4.1 Estagiária no jornal "Notícias Populares" da Empresa Folha da Manhã, em 1970.

4.2 Estagiária na Editora Abril - São Paulo, 1970.

4.3 Contratada como repórter da revista "Intervalo" - Editora Abril, 1971. Em 1972, a publicação, dedicada à televisão, foi reestruturada, tornando-se uma revista de atualidades, com o nome "Intervalo 2.000".

4.4 Passei a redatora da mesma revista em 1972.

4.5 Redatora das revistas femininas "Capricho", "Ilusão", "Contigo" e "Noturno", em 1973, da Editora Abril.

4.6 Passei a editora de texto, no mesmo grupo de revistas femininas, ainda em 1973. Fiz o projeto de reestruturação da Revista Feminina "Noturno".

4.7 Continuei como editora de texto até 1975. Responsável pela seleção de contos e poesias publicadas em "Capricho".

- 4.8 Redatora-chefe da revista "Capricho" em 1977, a maior revista feminina brasileira da época.
- 4.9 Ainda em 1977 e 1979, como free-lancer, fui responsável pela seção "Viver Melhor" de "Capricho" e pela seção de contos a serem publicados.
- 4.10 Em 1976, escrevi matérias de pesquisas para a revista feminina "Carícia" da Editora Abril.
- 4.11 Em 1976, escrevi várias reportagens e matérias de pesquisa para a revista "Casa de Cláudia", da Editora Abril.
- 4.12 Em 1978 e 1979, escrevi reportagens e matérias de pesquisa para a revista "Cláudia" da Editora Abril.
- 4.13 Em 1977, colaborei escrevendo reportagens e artigos para o Jornal Alternativo "Nós Mulheres", São Paulo.
- 4.14 Em 1976 e 1977, colaborei com a revista "Escrita", revista de literatura, da Editora Vertente, São Paulo, com resenhas literárias e seleção de textos.
- 4.15 Textos para áudio-visuais de educação e treinamento, para empresa especializada em áudio-visuais - "Compor" em São Paulo, em 1976 e 1977.
- 4.16 Em 1979 e 1980 colaborei com a Revista "Psicologia Atual", com reportagens e artigos.
- 4.17 Em 1979, fiz parte do Conselho Editorial do Jornal "O São Paulo" da Fundação Metropolitana Paulista, sendo responsável por reportagens e matérias opinativas.
- 4.18 Em 1980, elaborei um projeto de "Jornal da Bíblia" para as Edições Paulinas.
- 4.19 Em 1983 e 1984, escrevi várias reportagens assinadas sobre Ciência e Tecnologia para a revista semanal "Senhor", da Editora Três.
- 4.20 Em todas essas atividades, tive muitas matérias assinadas, das quais escolhi algumas para servirem de amostragem.

5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA, LITERÁRIA, FILOSÓFICA OU ARTÍSTICA

5.1 Teses

- 5.1.1 BUITONI, Dulcília H.S. O Quadrado Amoroso. Algumas considerações sobre a narrativa de fotonovela. São Paulo, FFLCH/USP, 1977, 430p., 2v. Diss. (Mestrado).
Orientador: João Alexandre Costa Barbosa
- 5.1.2 BUITONI, Dulcília H.S. Mulher de Papel - a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo, FFLCH/USP, 1980, 222p. Tese (Doutorado).
Orientador: João Alexandre Costa Barbosa
- 5.1.3 BUITONI, Dulcília H.S. Texto-documentário: espaço e sentidos. São Paulo, ECA/USP, 1986, 256p., 2v.ilus. Tese (Livre-Docência).

5.2 Livros (autoria individual)

- 5.2.1 BUITONI, Dulcília H.S. Mulher de Papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo, Loyola, 1981, 170p.
- 5.2.2 BUITONI, Dulcília H.S. Imprensa Feminina. 1a.ed. São Paulo, Ática, 1986, 96p.
- 5.2.3 BUITONI, Dulcília H.S. Quintal Mágico: Educação-Arte na Pré-Escola. São Paulo, Brasiliense, 1988, 156p.
- 5.2.4 BUITONI, Dulcília H.S. Imprensa Feminina. 2a.ed. São Paulo, Ática, 1990, 96p.

5.3 Trabalhos em coletâneas

- 5.3.1 "Transamazônica" - poema premiado com menção honrosa em concurso nacional e publicado no livro Tempo de Estrada - Vinte Poemas da Transamazônica, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/Serviço de Documentação do Ministério dos Transportes/Grupo de Planejamento Gráfico Editores, 1972, p.73-78.
- 5.3.2 Verbete sobre Fotonovela. In: Temas Básicos em Comunicação. São Paulo, Paulinas, 1983, p.77-80.
- 5.3.3 "Fotonovela, infelizmente ainda um quadrado amoroso". In: AVERBUCK, Lígia (Org.) Literatura em tempo de comunicação de massa. São Paulo, Nobel, 1984, p.57-75.
- 5.3.4 Revistas femininas: Modelos Italianos Importados. In: MELO, J.M.; DISTANTE, C. (Org.) Imprensa Italiana: Perspectivas Brasileiras. São Paulo, IPCJE/ECA/USP, 1987, p.27-34. (Comunicação Jornalística e Editorial, Série Pesquisa, 5).
- 5.3.5 "Mulher de Papel". In: SANTANA, C.; DIDONÉ, I.M., (Coords) Meu Nome é Mulher. São Paulo, Loyola, 1989, p.38-40.
- 5.3.6 "Consciência e Inconsciência da mídia". In: ARRUDA, Silvani e CAVASIN, Sylvia (Org.) Sexualidade na adolescência: educação e mídia. São Paulo, ECOS, 1991, p.98-104.

5.4 Revisão Técnica de Tradução

- 5.4.1 MATTELART, Armand e Michèle. O Carnaval das Imagens. São Paulo, Brasiliense, 1989, 208p.

5.5 Apresentação, editorial

- 5.5.1 Apresentação. Pós-Graduação. Programas de 1988. São Paulo, CJE/ECA/USP, p.5.
- 5.5.2 "Editorial. Revista Comunicação e Artes. São Paulo, ECA/USP, ano 15, nº 23, maio/ago.1990, p.3-4.

5.6 Artigos em revista

- 5.6.1 "Vida Prática" - pequena crítica sobre Domingos Carvalho da Silva. Escrita, 17, São Paulo, Ano III, 1977, p.43-44
- 5.6.2 "O impasse da imprensa universitária". Cadernos de Editoração, nº 11, São Paulo, ECA/USP, 1979, p.54-59.
- 5.6.3 "Nossa mulher de papel: tão multinacional". Psicologia Atual, 15, São Paulo, Grupo Editorial Spagat, 1980, ano III, p.46-48.
- 5.6.4 "A ideologia da fotonovela". Psicologia Atual, 11, São Paulo, Grupo Editorial Spagat, 1980, Ano III, p. 49-54
- 5.6.5 "A narrativa da imprensa feminina". Almanaque (Modos Menores de Ficção), 14, São Paulo, Brasiliense, 1982, p.60-65.
- 5.6.6 "Fotonovela". Almanaque (Modos Menores de Ficção). 14, São Paulo, Brasiliense, 1982, p.29-33.
- 5.6.7 "O fato é que o fato merece ser re-visto". Revista Briefing. São Paulo, set/out. 1982, p. 8-12.
- 5.6.8 "Ciência e Tecnologia: um novo ministério?" Revista Brasileira de Tecnologia, 6, nov./dez. 1984, p.48-49.
- 5.6.9 "Administração em C & T reúne latino-americanos". Revista Brasileira de Tecnologia, 6, nov./dez. 1984, p.52-53.

- 5.6.10 Crônica/Mulher, Mulher/Crônica. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, 46(1-4):81-89, jan/dez.1985.
- 5.6.11 "Texto-documentário: o fazer na pós-graduação". Cadernos de Jornalismo e Editoração. São Paulo, ECA/USP, 17, março de 1986, p.55 a 59.
- 5.6.12 "Jornalismo: o tecido e o acontecido". Revista USP. São Paulo (6):175-182, jun./ago. 1990.

5.7 Resenhas

- 5.7.1 Resenha "Derrida, mais citado do que lido", sobre o livro: SANTIAGO, Silviano, Glossário de Derrida, São Paulo, 1976. In: Folha de São Paulo, 20/10/76.
- 5.7.2 "Histórias dos anos 60 para espectadores pouco comuns", sobre o livro: COSTA, Flávio Moreira da, Os espectadores. São Paulo, 1976. In: Folha de São Paulo, 06/11/76.
- 5.7.3 Resenha "Mishima, perigoso e inquieto", sobre o livro: MISHIMA, Yukio. Confissões de uma máscara. São Paulo, 1976. In: Folha de São Paulo, 11/12/76.
- 5.7.4 Resenha crítica sobre o livro: ERBOLATO, Mário. Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo, Petrópolis, Vozes, 1978. In: Leia Livros, São Paulo (2) de 15/06/78 a 14/07/78.
- 5.7.5 Resenha: Independência ou morte: administração em Ciência e Tecnologia, sobre o livro: MARCOVITCH, Jacques (Coord.), Administração em Ciência e Tecnologia, São Paulo, 1983. In: Senhor, São Paulo, 121, 13/07/1983, p.61-62.

5.8 Trabalhos para Congressos, Semanas de Estudos, Seminários

Enumero aqui apenas os trabalhos mais significativos em relação ao meu universo de pesquisa. Outras participações em seminários e semanas, mesmo com texto apresentado, estão relacionadas no item 11. Participação em Congressos, Semanas de Estudos, Seminários.

5.8.1 Comunicação à 35ª reunião da SBPC, realizada de 06 a 13 de julho de 1983: Carmem da Silva: propostas e respostas - Volume de resumos da reunião anual, p.112.

5.8.2 Participação na elaboração do Simpósio:
"O sensacionalismo no trabalho jornalístico: necessidade ou opção", que foi apresentado pelos outros integrantes do grupo na 40ª reunião da SBPC, de 10 a 16 de julho de 1988. Não pude comparecer por motivos de saúde.

5.8.3 Colóquio no ILET (Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales) com o Prof. Héctor Schumucler e a Profª Patricia Terreiro, em 1987. Fiz relatório sobre as modificações curriculares do Curso de Ciências da Comunicação, na Universidade de Buenos Aires.

5.8.4 Texto para Congresso Internacional

From popular to massa communication: narrative memory and soap opera - "paper" enviado como trabalho a ser apresentado no grupo: "Mass: Media & Popular Fiction" - "working group" coordenado pelo Prof. Ib Bondebjerg, da Dinamarca, dentro da IAMCR Conference (XVI Congresso da International Association for Mass Communication Research) que

se realizou em Barcelona de 24 a 28 de julho de 1988, com o tema geral: "Comunicação de Massa e Identidade Cultural".

Meu texto foi aprovado pelo coordenador do grupo e incluído na programação do dia 25/07/88. Infelizmente, não pude ir à Espanha, apesar de ter recebido a passagem pelo CNPq, por haver sofrido uma fratura no braço direito.

O texto foi incluído em coletânea preparada pela IAMCR e também vendido em separatas.

- 5.8.5 Apresentação de trabalho - Memória e linguagem, no XXII Congresso Interamericano de Psicologia Social e do Trabalho - 25 a 30 junho de 1989 - Buenos Aires, Argentina.

O trabalho, aceito pelo Comitê Científico Internacional do Congresso, foi apresentado na Sessão temática - nº 265, dia 28 de junho - Salão C, do Centro Cultural General San Martin. CAPES forneceu a passagem aérea.

- 5.8.6 Pequeno texto com sugestões sobre o ensino de Jornalismo, encaminhado à Comissão que organizou a Semana de Jornalismo de 1991.

5.9 Trabalhos técnico-profissionais

Das reportagens jornalísticas classificadas como Jornalismo Científico, selecionei as mais significativas:

- 5.9.1 "A pesquisa comunitária - um estudo da USP sobre a revolução científica da França socialista" . Senhor, nº 17, São Paulo, 06/04/83, p.56-57.
- 5.9.2 "Surge uma nova classe - As empresas promovem a união dos seus centros de tecnologia". Senhor, nº 114, São Paulo, 25/05/83, p.63-65.
- 5.9.3 "A revolução do biogás" - matéria especial, destaque da edição Senhor, nº 133, São Paulo, 09/10/83, p.14-17.
- 5.9.4 "A união do Terceiro Mundo". Senhor, nº 189, São Paulo, 31/10/84, p.122-123.
- 5.9.5 "Alternativas para o progresso". Senhor, nº 127, São Paulo, 24/08/83, p.77-78.

5.10 Pesquisas

Principais pesquisas já concluídas

- 5.10.1 A primeira pesquisa realizada na ECA foi A edição de livros de ficção em São Paulo, projeto apresentado para estágio em RTC, concluída em 1975.
- 5.10.2 Pesquisa: A narrativa de fotonovela - feita durante a pós-graduação, que resultou na Dissertação de Mestrado, O Quadrado Amoroso - Algumas considerações sobre narrativa de fotonovela. Concluída em 1977.
- 5.10.3 Pesquisa: A Imprensa Feminina Brasileira, também realizada em nível de pós-graduação, tendo resultado na Tese de Doutorado, Mulher de Papel - A representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira. Concluída em 1980.
- 5.10.4 Pesquisa sobre Texto-documentário, iniciada em 1981 e concluída em 1986, resultando na tese de Livre-Docência.
- 5.10.5 Depois de 1980, continuei a trabalhar com Imprensa Feminina, realizando pesquisa com o título Imprensa feminina: produção industrial x produção marginal. Um dos resultados foi a redação do livro Imprensa Feminina, editado pela Ática. Também foram ministradas disciplinas em pós-graduação com base nessa pesquisa. Além disso, coordenei o grupo de estudos Mulher e Comunicação da Intercom em 1982 e 1983, tendo participado com uma comunicação à reunião da SBPC em 1983.

5.10.6 A pesquisa sobre Jornalismo e Linguagem é constante; vem desde o ano de 1974. Dentro desse campo, a reformulação do currículo de Jornalismo em meados da década de 80 envolveu estudos específicos sobre Redação Jornalística.

Ao participar, como presidente da Comissão de Ensino do CJE e membro da Comissão de Graduação da ECA, da elaboração dos novos currículos de Jornalismo e Editoração, dirigi minhas maiores preocupações ao eixo de Linguagem, além de trabalhar na articulação dos currículos como um todo.

Na área de redação propus uma seriação que abrangia 4 semestres: Redação I (Informação e Opinião), Redação II (Rádio e Telejornalismo), Redação III e Linguagem e Jornalismo, que foi aceita pelo Departamento e aprovada pelos demais Órgãos superiores. A proposta envolvia uma dose maior de prática nos três primeiros semestres (correspondentes ao 4º, 5º e 6º do curso), sendo que o 7º semestre, Linguagem e Jornalismo, implica numa reflexão teórica mais aprofundada. Afinal, depois de passarem por uma série de matérias de caráter profissionalizante e de terem exercitado uma certa prática, os alunos reuniriam melhores condições para refletir sobre Linguagem e Jornalismo. A idéia era, inclusive, fornecer subsídios teóricos para a realização do trabalho de conclusão de curso no 8º semestre. Na discussão desse planejamento pedagógico tive a colaboração da Profª Jeanne Marie de Freitas.

A abordagem seqüencial e integradora da Redação Jornalística foi muito discutida e analisada durante o Curso de Aperfeiçoamento para Pro-

fessores de Jornalismo, realizado em dezembro de 1987 e por mim organizado. O curso propiciou um clima de intensa pesquisa de currículos e de metodologias. Coordenei uma edição com os textos produzidos pelos alunos e pelas professoras, que não chegou a ser publicada por falta de verbas.

Dentro da pesquisa de currículos, estive em Buenos Aires em agosto de 1987, participando de um colóquio no ILET (Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales), com Prof. Héctor Schumucler. Pude verificar as grandes modificações estruturais que estavam se operando no curso de Ciências da Comunicação, na Universidade de Buenos Aires.

Pesquisas em andamento

- 5.10.7 Jornalismo e imagem: da fotografia ao movimento. Iniciada em 1989, essa pesquisa analisa o pensamento visual aplicado ao jornalismo. Das imagens estáticas, da fotografia e da ilustração, ao movimento do cinema e do vídeo, a pesquisa está fazendo um percurso teórico-prático em que se experimentam também produções visuais com finalidades jornalísticas.

A proposta da disciplina que ministrarei na pós-graduação no 2º semestre de 1991 é um dos resultados dessa pesquisa. Vários orientandos meus estão trabalhando com o suporte imagem.

- 5.10.8 Jornalismo e documentário. Continuação da pesquisa de livre-docência. Há reflexão sobre pressupostos epistemológicos do documentário, bem

como análise de documentários jornalísticos. Atualmente estou mais voltada para os documentários televisivos, realizando análises sobre programas como Globo Repórter, Globo Rural e Documento Especial. Nesse sentido, estou desenvolvendo estudos sobre o uso jornalístico do "docudrama".

5.10.9 Imprensa feminina: o consumo segmentado

A imprensa feminina nunca deixou de ser meu objeto de pesquisa. Sempre continuei analisando os produtos de imprensa destinados ao público feminino.

No 2º semestre de 1986, participei do Seminário "Repensando a Diferença", coordenado por Heloísa Buarque de Holanda, no CIEC (Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos), na UFRS.

Um grupo de pesquisadores apresentou suas pesquisas sobre mulher, com apresentação e circulação anterior dos trabalhos produzidos. O seminário foi dos mais produtivos de que já participei, com sessões de manhã e à tarde, com apresentação e discussão dos trabalhos. O número restrito de participantes — cerca de 20 professores e alunos de pós-graduação — contribuiu para uma integração muito grande em torno da discussão de metodologias e objetos. Os trabalhos resultantes, devidamente acrescidos, foram reunidos em forma de antologia, coordenada por Silviano Santiago, mas a publicação ainda não aconteceu.

Ao longo de 1988, mantive contatos com Heloísa Buarque de Holanda. Estava pesquisando matrizes narrativas de textos ficcionais dedicados à mulher.

Em agosto de 1988, voltei ao Rio de Janeiro novamente, para participar do Seminário "Feminismo e pós-modernismo", promovido pelo CIEC. A pesquisadora inglesa Jean Franco, professora da Universidade de Columbia (EUA), ministrou o seminário, que possibilitou um grande aprofundamento teórico em relação aos caminhos da pesquisa sobre a mulher. Jean Franco, que utiliza conceitos de Michel Foucault em sua análise, propõe introduzir mais uma categoria de análise: gênero, além das que já são correntemente utilizadas, como classe e raça.

Dentro desse universo, também preparei um ensaio comparativo sobre a imprensa feminina brasileira e italiana, que serviu de base à aula ministrada no curso de imprensa italiana: Imprensa Italiana - Perspectivas brasileiras, em 1987.

Atualmente a análise implica em segmentação de consumo, com o estudo de três revistas: Cláudia e Marie-Claire (para a mulher adulta) e Capricho (para a adolescente). Trabalho com o conteúdo de maneira qualitativa.

5.10.10 Memória narrativa, telenovela e espetáculo

Em 1988, montei um projeto juntamente com a Profª Dra. Jerusa Pires Ferreira sobre memória narrativa e espetáculo, que se propunha a analisar as matrizes populares de produtos de massa

como a imprensa e as novelas de televisão. O projeto denominado "Do popular ao massivo: memória narrativa e espetáculo" foi apresentado em 1988 ao acordo CAPES-COFECUB e incluía também o envolvimento de professores franceses e pesquisadoras na França. Houve um parecer altamente favorável de Brasília, mas apesar disso, o projeto não teve mais tramitação e nós acabamos desistindo, embora já tivéssemos iniciado a pesquisa.

O conceito de memória narrativa utilizado por Jesus Martin Barbero, entre outros, é um ponto de partida fecundo para se analisar o trânsito entre narrativas que parecem diferentes na superfície mas que conservam raízes fortes e poderosas entre si, o que garante sua permanência e enorme difusão em versões reproduzidas e reaproveitadas sucessivamente.

Dentro dessa pesquisa produzi um "paper" para o Congresso da IAMCR (International Association for Mass Communication Research), que se realizou em julho de 1988, em Barcelona. O texto, em inglês, foi aprovado pelo coordenador do grupo e enviado previamente a todos os participantes, e depois teve reprodução em anais.

Em 1990 retomei a idéia de pesquisar a memória narrativa, agora direcionada mais às estruturas da telenovela brasileira. Já realizei alguns levantamentos e análises e estou tentando montar um grupo de trabalho.

5.11 Realização de audiovisual

5.11.1 Realização de audiovisual: "Quintal Mágico", contando com 160 diapositivos e duas trilhas sonoras: uma apenas musical e outra com colagem de depoimentos. O audiovisual foi uma apresentação complementar da livre-docência, e tem sido utilizado em palestras e conferências, além de servir como material de análise no curso de pós-graduação. Fui auxiliada em sua elaboração pela fotógrafa Vera Simonetti, minha orientanda.

5.12 Conselhos editoriais

5.12.1 Membro do Conselho Editorial das Publicações do CJE, 1984-1986.

5.12.2 Membro do Conselho Editorial dos Cadernos de Jornalismo e Editoração, de 1987 até agora.

5.12.3 Jornalista responsável pela revista AR'TE - Estudos de Arte-Educação, 1985-1986.

5.12.4 Professora responsável pelos trabalhos da AUN - Agência Universitária de Notícias em 1981.

5.12.5 Membro da Comissão Didática do Jornal do Campus, órgão-laboratório do Departamento de Jornalismo e Editoração - 1988.

5.12.6 Membro da Comissão de Publicação da Revista Comunicações e Artes, da ECA, eleita pelo Conselho do CJE, indicação publicada no D.O. de 16/12/89, mandato de dois anos.

5.12.7 Designada Editora da Revista Comunicações e Artes, da ECA, conforme Portaria do Diretor, de 28/12/89 e publicada no D.O. de 29/12/89. Venho desempenhando o cargo de editora desde essa época, reunindo o Conselho de Publicação pelo menos uma vez por mês e procedendo ao trabalho editorial de seleção de textos e encaminhamento para publicação, bem como o acompanhamento da produção gráfica e de secretaria da revista.

No ano de 1990 a Comissão de Publicação preparou dois números, um já editado (nº 23) e outro entregue em novembro de 1990 à gráfica da ECA, e que até agora ainda não pôde ser impresso. A Comissão de Publicação está preparando as duas edições correspondentes ao ano de 1991.

5.13 Consultoria e Concursos Externos

5.13.1 Sou consultora Ad-hoc do CNPq, tendo já emitido pareceres.

5.13.2 Fui um dos juízes do concurso de pesquisas sobre mulher promovido pela Fundação Carlos Chagas - 5º Programa de dotação de pesquisas sobre a mulher - 1988.

Analisei os projetos de pesquisa concorrentes à dotação de bolsas.

5.13.3 Tenho emitido pareceres para a EDUSP, analisando obras para publicação.

5.14 Participação em Núcleo de Apoio à Pesquisa

5.14.1 Conselheira do Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero - NEMGE, da USP, e participante do grupo inicial que deu origem ao Núcleo.

5.15 Emendas e pareceres

5.15.1 Emendas propostas para o Anteprojeto do Regimento da ECA - em março de 1991.

Foram aprovados pela Congregação da ECA, em reunião extraordinária de 10/04/91, as emendas propostas ao art. 6º, art.12, art.15 inciso III, art.15 inciso IX.

5.15.2 Parecer sobre a criação de curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação. nível mestrado e doutorado. Este parecer foi aprovado pela Comissão de Pós-Graduação da ECA e pela Congregação, sendo enviado ao Co.Pgr. - 1º semestre 1991.

6 ATIVIDADE DIDÁTICA UNIVERSITÁRIA - GRADUAÇÃO

Ao longo destes 20 anos de atividade docente, iniciados com Jornalismo Especializado, disciplina de 4º ano do curso de Jornalismo e com passagens pelo curso de Editoração (hoje Produção Editorial) — sempre vinculadas a tratamento de texto ou à narrativa —, minha atuação na graduação voltou-se, principalmente, para as intersecções entre Jornalismo e Linguagem. Assim, já em 1974 ministrei a disciplina Linguagem Jornalística e Editorial que, mais tarde, devido a alterações curriculares, passou a chamar-se Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo (em 1981) e finalmente, Redação Jornalística (a partir de 1986), com seriação de I a IV e englobando outras disciplinas. Já ministrei Redação Jornalística I (Informação e Opinião) e estou ministrando Redação Jornalística IV (Linguagem e Jornalismo) — disciplina que está sob minha responsabilidade desde 1988.

O conjunto formado pela seqüência das matérias sobre redação representa a espinha dorsal do curso de Jornalismo, que reserva uma grande carga horária — quatro horas semanais por semestre — para essas disciplinas.

Em nível de Graduação, ministrei as seguintes disciplinas junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP:

- 6.1 Jornalismo Especializado I - (CJE-131) para o 7º semestre matutino do curso de Jornalismo no 1º semestre de 1972.
- 6.2 Teoria e Técnica Editorial I - (CJE-164) para o 6º semestre vespertino do curso de Editoração, no 2º semestre de 1972.
- 6.3 Bibliografia (CJE-162) para o 5º semestre vespertino do curso de Editoração no 1º semestre de 1973.

- 6.4 Teoria e Técnica Editorial I (CJE-164) para o 6º semestre vespertino do curso de Editoração, no 2º semestre de 1973.
- 6.5 Linguagem Jornalística e Editorial - (CJE-102) para o 5º semestre matutino do curso de Jornalismo no 1º semestre de 1974.
- 6.6 Linguagem Jornalística e Editorial - (CJE-102) para o 5º semestre vespertino de Editoração no 1º semestre de 1974.
- 6.7 Teoria e Técnica Editorial I - (CJE-164) para o 6º semestre vespertino de Editoração, no 2º semestre de 1974.

Em 1975, no 1º semestre estava em licença-gestante. No entanto houve uma paralização das atividades discentes, e o 1º semestre foi transferido para o 2º semestre. Assim, ministrei, no 2º semestre de 1975:

- 6.8 Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre matutino do curso de Jornalismo.
- 6.9 Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre vespertino do curso de Editoração.
- 6.10 Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre noturno do curso de Jornalismo no 1º semestre de 1976.
- 6.11 Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre vespertino do curso de Editoração no 1º semestre de 1976.
- 6.12 Em virtude da escassez de professores na ECA, fui convidado a assumir a disciplina "Comunicação Lingüística I" (normalmente ministrada por professores do Departamento de Comunicações e Artes - CCA), para o 2º semestre matutino do Curso Básico, nesse mesmo 1º semestre de 76. Isso significava aulas de manhã, à tarde e à noite, num único semestre.

6.13 Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre matutino do curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1976.

Linguagem Jornalística e Editorial (CJE-102) para o 5º semestre noturno do curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1976.

6.14 Redação e Edição de Livros de Atualidade para o 7º semestre noturno do curso de Editoração no 2º semestre de 1976.

6.15 Teoria e Técnica Editorial I (CJE-164) para o 6º semestre vespertino, do curso de Editoração no 1º semestre de 1977.

6.16 Aulas para a disciplina "Introdução às Técnicas de Comunicação" ministradas ao Curso Básico no 1º semestre de 1977.

6.17 Linguagem Jornalística e Editorial para o 5º semestre do curso de Jornalismo, noturno. Ministrei aulas até o dia 10 de novembro, entrando em licença-gestante a partir de 16 de novembro de 1977, tendo dado à luz em 13 de novembro. Fui substituída pela Profª Sonia Luyten nas aulas restantes. No entanto, ainda em licença, corrigi os trabalhos finais feitos pelos alunos desse semestre.

Linguagem Jornalística e Editorial para o 5º semestre do curso de Jornalismo, matutino. Também ministrei aulas até 10 de novembro de 1977, tendo corrigido os trabalhos finais e entregado as notas já em licença.

6.18 Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196) para o 5º semestre matutino do curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1978. Apesar de licenciada até meados de março, iniciei meu trabalho no começo do ano letivo.

- 6.19 Colaborei com a disciplina Redação e Edição de Livros e Atualidade, ministrando uma série de aulas ao 7º semestre noturno do curso de Editoração, no 1º semestre de 1978.
- 6.20 Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196, para o 5º semestre noturno do curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1978.
- 6.21 Colaborei com algumas aulas de "Preparação de Textos" em substituição à profª Maria do Socorro Nóbrega Fernandes.
- 6.22 Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196) para o 5º semestre matutino de Jornalismo, no 1º semestre de 1979.
- Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196) para o 5º semestre noturno de Jornalismo, no 1º semestre de 1979.
- 6.23 Jornalismo Opinativo (CJE-145), para o 6º semestre matutino do Curso de Jornalismo no 2º semestre de 1979.
- Fui coordenadora Pedagógica do semestre.
- 6.24 Editoração de Livros de Ficção (CJE-186) juntamente com a professora Maria do Socorro Nóbrega Fernandes, para o 7º semestre noturno de Editoração, no 2º semestre de 1979.
- 6.25 Algumas aulas de História da Editoração, para o 2º semestre noturno do Curso Básico, no 2º semestre de 1979.
- 6.26 Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196) para o 5º semestre matutino do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1980. Linguagem Jornalística (Redação e Edição) (CJE-196) para o 5º semestre noturno de Jornalismo, em colaboração com a profª Maria do Socorro Nóbrega Fernandes, no 1º semestre de 1980. Por designação da Chefia do Depto., passei a Supervisora do Curso de Jornalismo matutino.

Após o doutoramento:

- 6.27 Jornalismo Opinativo (CJE-145) para o 6º semestre matutino do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1980.
- 6.28 História da Editoração (2 aulas), para o 2º semestre noturno do Curso Básico no dia 24 de outubro de 1980.
- 6.29 Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo (CJE-196) para o 5º semestre matutino do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1981.
- 6.30 Jornalismo Opinativo (CJE-240) para o 6º semestre matutino do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1981.
- 6.31 Captação e Pesquisa em Jornalismo (CJE-199) para o 5º semestre matutino do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1982.
- 6.32 Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo (CJE-196) para os 4ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1982.
- 6.33 Jornalismo Opinativo (CJE-240) para os 6ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1983.
- 6.34 Editoração de Histórias em Quadrinhos (CJE-209) para o 7º semestre noturno do Curso de Editoração, no 1º semestre de 1984.
- 6.35 Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo (CJE-196) para os 4ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1984.

- 6.36 Técnicas de Codificação Verbal em Jornalismo (CJE-196) para os 4ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1985.
- 6.37 Editoração de Livros Traduzidos (CJE-222), para o 5º semestre matutino do Curso de Editoração, no 1º semestre de 1986.
- 6.38 Redação Jornalística I (Informação e Opinião) (CJE-408) para os 4ºs. semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1986.

Após a Livre-Docência:

- 6.39 Redação Jornalística I (Informação e Opinião) (CJE-444) para os 4ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 2º semestre de 1987.
- 6.40 Redação Jornalística IV (Linguagem e Jornalismo) (CJE-447) para os 7ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1988.

Após a Adjunção:

- 6.41 Redação Jornalística IV (Linguagem e Jornalismo) (CJE-447) para os 7ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1989.
- 6.42 Redação Jornalística IV (Linguagem e Jornalismo) (CJE-447) para os 7ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1990.
- 6.43 Redação Jornalística IV (Linguagem e Jornalismo) (CJE-447) para os 7ºs semestres matutino e noturno do Curso de Jornalismo, no 1º semestre de 1991.

7 ATIVIDADE DIDÁTICA UNIVERSITÁRIA - PÓS-GRADUAÇÃO

Inicialmente, apresentei à Comissão de Pós-Graduação da ECA programas de disciplinas que relacionavam jornalismo e a questão da mulher, em decorrência das pesquisas de mestrado e doutorado, que continuavam a ser desenvolvidas em outros termos. Houve uma disciplina diretamente ligada à linguagem (Incidências da Ciência da Linguagem no Projeto Teórico - Prático do Jornalismo) mas que foi formulada e ministrada em colaboração com a Prof.^a Dra. Jeanne Marie de Freitas.

Em 1982, ministrei pela primeira vez uma disciplina sobre texto-documentário na pós-graduação da ECA: A possibilidade do texto-documentário. Ao propor essa matéria imaginava um meio de estimular, dentro da pós-graduação, uma prática que incorporasse o instrumental jornalístico. A maioria das disciplinas de pós-graduação na área de Ciências da Comunicação tem um enfoque teórico-analítico, e os trabalhos desenvolvidos pelos alunos quase sempre são monografias. Queria sair um pouco desse caminho. Sem abandonar a reflexão, pensava que se pudesse fazer um trabalho que envolvesse a prática jornalística. Enfim, tentei incorporar a prática jornalística ao curso de pós; não a prática vigente, mas a possibilidade de utilização de novas formas.

A disciplina de texto-documentário foi ganhando identidade, com a realização de alguns trabalhos realmente significativos. Em 1984, vários alunos de cinema cursaram a matéria, e a questão do documentário cinematográfico foi um dos pólos de discussão. Aliás, nesse ano, uma aluna realizou como trabalho final, o vídeo "Osmar en-cena Osmar", que trazia algumas inovações enquanto documento e que permitiu uma série de reflexões feitas pela classe. Num texto que foi editado pelos Cadernos de Jornalismo e Editoração nº 17 (São Paulo - CJE/ECA/USP), relato a experiência dos cursos sobre texto-documentário.

O texto-documentário amadurecera como idéia. Em função da força da problemática da foto e do cinema, senti necessidade de formular outro programa, que desse mais espaço à imagem visual: "Texto-documentário: imagem, ação, imaginação", ministrado em 1985 e 1987. Alunos de diferente formação vieram cursar a matéria, e o intercâmbio de conhecimentos tem-se revelado muito produtivo. O nível dos trabalhos realizados (em texto, foto, áudio e vídeo) me entusiasmou sobremaneira a continuar nessa linha de trabalho.

A discussão entre jornalismo e realidade e a incorporação da imagem visual à pesquisa acabou resultando na tese de livre-docência, diretamente ligada às preocupações desenvolvidas na pós-graduação.

Os objetos e as abordagens por mim trabalhados na pós pressupõem interdisciplinaridade, em que Antropologia, Sociologia, História, Ciências da Linguagem, entre outras, contribuem diretamente para a análise do discurso jornalístico e para a pesquisa de novos processos, novas formas de expressão. Estou tentando aplicar o conceito de interatividade ao trabalho desenvolvido nas disciplinas e nas pesquisas que desenvolvo ou que oriento. Além disso, suportes como foto, cinema e vídeo vêm sendo utilizados na realização dos trabalhos propostos dentro do curso, comprovando mais ainda o caráter interdisciplinar, não só nos seus pressupostos metodológicos, estratégias e instrumentos de pesquisa, como também na materialidade da apresentação.

A partir da constatação, compartilhada por outros professores, de que às vezes os alunos não dominavam um referencial teórico comum, em 1986 houve a proposta de que os professores do departamento deveriam cobrir determinadas tendências do pensamento contemporâneo sobre comunicação e jornalismo, e assim foram programadas disciplinas sobre teorias correntes nos EUA e Europa. Foi então que apresentei o programa "Contribuições francesas para leitura da Comunicação", ministrado no 1º

semestre de 1987. A disciplina teve boa receptividade e a avaliação feita pelos alunos mostrou que o enfoque de fundamentação teórica era importante dentro do curso de pós-graduação. Gostaria de ter ministrado mais vezes essa disciplina, mas os encargos com a graduação tornam difícil ministrar duas disciplinas de pós a cada ano e eu precisava continuar com minha linha de pesquisa principal.

A inclusão de reflexões sobre o imaginário gerou mais uma disciplina: "Narrativa jornalística e imaginário: aproximações e refrações", ministrada em 1988 e 1989. Houve um desdobramento, com a retomada das preocupações sobre imprensa feminina — tema sobre o qual nunca deixei de trabalhar — e em 1990 ministrei uma disciplina que reuniu jornalismo, moda e imaginário, e que contou com significativos trabalhos dos alunos, oriundos de diferentes áreas (Arquitetura, Psicologia, História, Jornalismo, Publicidade, etc.).

Em 1990, o Departamento de Jornalismo e Editoração elaborou o projeto de um Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, para desvincular-se da grande área Ciências da Comunicação. Para esse Programa, formulei propostas para algumas disciplinas, além de ter participado ativamente na discussão do projeto. O projeto como um todo está em fase de aprovação final no Conselho de Pós-Graduação da USP, mas algumas disciplinas já foram aprovadas para este ano de 1991, caso de "Jornalismo e Imagem", que ministrarei no 2º semestre.

"Jornalismo e Imagem" trabalhará com a presença do visual no discurso jornalístico, suas inter-relações e implicações.

Disciplinas ministradas na Pós-Graduação da ECA-USP, curso de Ciências da Comunicação:

- 7.1 A Constituição do Feminino na Imprensa dirigida à Mulher (CJE-717), 2ª semestre de 1980.
- 7.2 Incidência da Ciência da Linguagem no Projeto Teórico-Prático do Campo de Estudos de Jornalismo (CJE-719).
Esta disciplina foi dada com a colaboração da Prof^a Jeanne Marie de Freitas, no 1ª semestre de 1981.
- 7.3 A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira (CJE-722), 2ª semestre de 1981.
- 7.4 A Possibilidade do Texto-Documentário (CJE-729), no 2ª semestre de 1982.
- 7.5 A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira (CJE-722), no 2ª semestre de 1983.
- 7.6 A Possibilidade do Texto-Documentário (CJE-729), no 1ª semestre de 1984.
- 7.7 Texto-Documentário: Imagem, Ação, Imaginação (CJE-752), no 1ª semestre de 1985.
- 7.8 Texto-Documentário: Imagem, Ação, Imaginação (CJE-752), no 1ª semestre de 1986.
- 7.9 Contribuições francesas para a leitura da Comunicação (CJE-762), no 1ª semestre de 1987.
- 7.10 Texto-Documentário: Imagem, Ação, Imaginação (CJE-752), no 2ª semestre de 1987.
- 7.11 Narrativa jornalística e imaginário: aproximações e re-frações (CJE-788), no 2ª semestre de 1988.

- 7.12 Narrativa jornalística e imaginário: aproximações e re-frações (CJE-788), no 2º semestre de 1989.
- 7.13 Texto-Documentário: imagem, ação, imaginação (CJE-752), no 1º semestre de 1990.
- 7.14 Jornalismo, moda e imaginário feminino: o efêmero e a permanência (CJE-810), no 2º semestre de 1990.
- 7.15 Jornalismo e imagem (CJE-831), programada para o 2º semestre de 1991.

Esta disciplina faz parte do novo programa de pós-graduação em Jornalismo.

8 ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E ORIENTAÇÃO DE DISCÍPULOS

8.1 Orientação de dissertações e teses

8.1.1 Dissertações de mestrado já concluídas

- 8.1.1.1 LUSTIG, Sílvia. Mãe, obrigada. Uma leitura da relação mãe/filho no Suplemento Feminino do jornal O Estado de São Paulo, 1953-1979. São Paulo, ECA-USP, 1984. Diss. (mestrado), 133 p.

Foi a primeira dissertação defendida sob minha orientação. A partir de um minucioso levantamento do conteúdo de todas as edições do Suplemento Feminino publicadas no período 1953-1979, a autora concentrou-se nas matérias sobre saúde. A análise desenvolveu-se em torno do modo como era tratada a relação mãe/filho versus o papel do profissional de saúde.

Da tradução de textos estrangeiros de médicos a instruções dadas por pediatras e a defesa da necessidade de novas habilitações profissionais (fonoaudiólogo, psicólogo, psicomotricista, etc.) o Suplemento Feminino ilustra admiravelmente a absorção do discurso científico pelo jornalismo, que se utiliza da autoridade do especialista para legitimar a informação.

Enfim, uma questão de linguagem. O trânsito do discurso científico, a necessidade de uma informação "abalizada", o jornalismo adaptando-se às novas profissões surgidas, a mulher cada vez mais profissional, fora do lar — um jogo onde diferentes modalidades de discurso interferem-se mutuamente: o discurso pedagógico, o discurso científico, o discurso informativo, o discurso de divulgação, o discurso do senso comum — produzindo, quase sempre, um discurso autoritário que privilegia o saber instituído

e não permite várias falas, nem consulta a principal interessada, a mulher.

A dissertação insere-se, portanto, nas minhas preocupações de pesquisa sobre imprensa feminina e sobre linguagem, levantando questões como a utilização do discurso científico pelo jornalismo — questão que rendeu até a formulação de uma disciplina para a pós-graduação, dentro do novo programa de Jornalismo proposto pela Departamento de Jornalismo e Editoração.

Aprovada com a nota máxima, a dissertação "Mãe, obrigada" constitui-se no único estudo existente sobre o Suplemento Feminino do OESP, suplemento que teve importante papel como veículo de idéias e práticas dentro de um jornal politicamente conservador.

8.1.1.2 CAMPOS, Fausto Pires de. Por uma terra sem mal: documentação fotográfica e identidade indígena. Vida comunitária e a luta dos guarani pela terra. São Paulo, ECA-USP, 1987. Diss. (mestrado), 210 p.

O autor, biólogo e fotógrafo, convivendo há muitos anos com a causa indígena, realizou um documentário fotográfico sobre comunidade guarani, no território do Estado de São Paulo. Levantou pontos para a discussão sobre a construção da identidade indígena, mostrando os signos visuais de aspectos físicos e gestuais dos indivíduos e sua vida em comunidade.

Ao mesmo tempo, Fausto Pires de Campos discutiu a sua posição enquanto enunciador, enquanto fotógrafo dentro de uma comunidade com outros parâmetros culturais. Essa reflexão foi bastante produtiva ao problematizar a função do repórter-intruso (no caso da foto, soma-se a intervenção tecnológica) que quer documentar, que até objetiva uma pesquisa-ação, mas mesmo assim não está livre da interferência no desenrolar da ação e da manipulação ao realizar o registro visual ou verbal.

As questões da linguagem novamente emergem como fundantes. A dissertação "Por uma terra sem mal" trouxe para mim o lidar mais aprofundado com a imagem fotográfica e incluía-se em minhas pesquisas — que continuam até hoje — sobre a leitura do visual com finalidades jornalísticas. A dissertação não obteve notas altas em virtude de um dos examinadores, antropólogo, cobrar a necessidade de procedimentos antropológicos. Mas o trabalho, a meu ver, alcançou bons níveis de discussão sobre o fazer jornalístico e a representação visual da realidade. A utilização do suporte fotográfico para uma dissertação de mestrado (além do texto) também foi um recurso pioneiro.

8.1.1.3 MENGARDO, Valdir. O olhar domesticado: um estudo sobre o discurso gráfico da imprensa. São Paulo, ECA-USP, 1988. Diss. (mestrado), 133 p.

Nessa dissertação, o estudo sobre a linguagem é preponderante. Ao aceitá-lo em 1981, quando recebi meus primeiros orientandos, Valdir apresentara o projeto de analisar diagramação e ideologia, que foi desenvolvido com algumas modificações quanto ao corpus, mas manteve a proposta original. Desde o início de minha atividade como orientadora busquei projetos que lidassem com questões de linguagem. Apesar de trabalhar principalmente com o texto verbal, a interação texto/imagem sempre me instigou; daí ter dirigido minhas pesquisas também para o visual.

Assim, o trabalho de Valdir proporcionou-me um debruçar sobre o aspecto gráfico e suas relações ideológicas. Citando-o: "Aparente simplicidade de tipos, fios, brancos e clichês; caminho de mão única para um olhar desatento, o jornalismo gráfico erige-se num supostamente claro conjunto de normas assentadas numa lógica de lugares comuns,

onde a tradição, por um lado, e o tecnicismo, mais recentemente, guiam até portos conhecidos." (op.cit., p.7)

A formatação visual dos jornais parece advir só de decisões técnicas, sendo muito pouco discutida pelos manuais que dela tratam, ou pelos profissionais que a constroem. Desse modo, o processo que articula uma ideologia mais ampla, que rege o jornalismo enquanto produção social, parece não atingir as normas técnicas que determinam o aspecto gráfico. Para mostrar isso, foram analisados os elementos mais significativos do discurso gráfico-jornalístico da página impressa, numa amostragem de jornais diários da grande imprensa paulista e de jornais da imprensa alternativa.

Vê-se então que o discurso gráfico de nossa imprensa erige-se num conjunto de normas pouco discutidas, onde o aspecto técnico e a tradição estilística determinam parâmetros pouco maleáveis a uma produção questionadora.

Valdir comprova o viés tecnicista de uma ideologia que perpetua a reprodução acrítica de padrões. Ele postula que o ensino das técnicas deveria vir acoplado a um desenvolvimento das potencialidades criativas do "designer" — numa proposta que inclui a mudança da postura pedagógica de nossas escolas de Comunicação.

O trabalho une, portanto, a reflexão crítica à necessidade de procedimentos mais criativos, numa visão mais integradora da pedagogia das artes gráficas no jornalismo. Dentro dessa linha de preocupação, outra orientanda minha, Maria Eliana Facciola Paiva, está concluindo sua dissertação.

8.1.1.4 RACY, Vera Lúcia Simonetti. Além das recordações: fotografia e velhice explícita. São Paulo, ECA/USP, 1989. Diss. (mestrado), 122 p.

A dissertação de Vera Racy representou a concretização de uma proposta de pesquisa longamente trabalhada e defendida por mim na pós-graduação em jornalismo: a realização de uma dissertação utilizando principalmente o suporte visual. Um audiovisual inteiramente fotografado e montado pela aluna forma o corpo da dissertação. Há um texto verbal de apoio, mas "Além das recordações" é, antes de mais nada, o audiovisual "Club da (sic) Saudades", onde são mostradas as senhoras que formam um clube cuja finalidade primordial é a dança e a festa. O audiovisual apresenta fotos do cotidiano dessas senhoras idosas de Ibitinga, suas festas, suas danças, suas lembranças, com uma trilha sonora que mescla músicas e uma colagem de depoimentos colhidos jornalisticamente. A banca, composta pelos professores Dra. Ecléa Bosi e Dr. Ismail Norberto Xavier, teve acesso ao audiovisual uma semana antes, para elaborar a arguição.

Considerando o audiovisual um meio privilegiado de representação, indagação e conhecimento, e com formas de expressão e comunicação ainda não totalmente exploradas, Vera Racy procurou realizar um documentário que desse conta da existência do prazer na vida de mulheres idosas, que o buscam através da dança, da música, da fantasia. Por que não as imagens em movimento do vídeo ou do cinema? A autora acredita que a fotografia, com sua imagem fixa, permite uma aproximação e um mergulho no seu interior, e no interior de cada um, possibilitando emergir sentimentos, emoções, afetos em relação às pessoas e coisas. E ela realmente conseguiu dar vida e voz às suas entrevistadas.

No texto escrito há reflexão sobre fotografia e jornalismo e os procedimentos usados na pesquisa, além de uma parte com uma edição jornalística dos temas recorrentes nas falas das mulheres. Essa dissertação discute ques-

tões de linguagem e trabalha com o universo feminino, inserindo-se, portanto, dentro das linhas de pesquisa por mim desenvolvidas.

A banca examinadora, em arguição acurada e sensível, salientou que a dissertação alcançara uma dimensão estética, embora Vera tivesse se referido à foto principalmente como registro. Preocupada com uma série de sobrevivências — mulher, velhice, desocultamento de uma experiência recalcada — e em dar expressão à experiência do outro, a autora evita uma presença explícita de própria voz. Há a ausência de voz "off", do narrador que explica, que contextualiza. As relações espaciais e temporais também foram discutidas, mostrando como o uso criativo de suportes visuais possibilita a reflexão sobre a representação jornalística. No caso, os procedimentos acrescentaram ainda uma grande afetividade às imagens e relatos apresentados.

8.1.1.5 VIANNA, Maria Letícia Rauen. Assim na terra como no sol: uma leitura em diagrama. São Paulo, ECA/USP, 1989. Diss. (mestrado), 55 p.

Letícia havia apresentado um projeto sobre o resgate de formas de bordado e suas inter-relações com as mulheres: um trabalho documental e estético. Arte-educadora e artista plástica, as reflexões sobre texto e imagem sempre a inquietaram. Ao fazer minha disciplina sobre Texto-documentário, resolveu transformar em dissertação um trabalho sobre leitura de imagens realizado durante o curso de pós-graduação. A partir de desenhos de árvores trabalhados de diferentes maneiras e reproduzidos xerograficamente, a aluna realizou uma pesquisa de natureza artístico/conceitual sobre a questão da leitura de imagens, cujo pressuposto considera a leitura como linguagem. Baseando-se num referencial de base semiótica, há

o questionamento das noções compartimentalizadas e/ou opositivas entre escrita/leitura, imagem/texto, escritor/leitor e artista/fruidor.

Na dissertação, a interação imagem/texto ocorre o tempo todo, explorando muito bem recursos de xerografia (redução, ampliação, contraste, etc.) e de diagramação. A apresentação da defesa teve toques de ineditismo: Letícia montou uma exposição com uma seqüência de quadros que permitiam uma leitura visual paralela de elementos presentes na dissertação. Esse trabalho de leitura de imagens que integram textos propiciou-me reflexões sobre a natureza relacional dos signos icônicos e lingüísticos. Letícia chegou a planejar a realização da dissertação em audiovisual, mas o resultado final, texto com as imagens — que eram, ao mesmo tempo, produto e processo — somado à exposição, atingiu plenamente seus objetivos. Desenhos e "diagramas" provocaram leituras que respondem às suas preocupações: "Imagino que talvez o meu leitor encontre dificuldades na leitura do 'texto-desenho'. Em cada quadro, por onde iniciará sua varredura visual? Como ocupará o espaço da visibilidade? Seguirá o meu 'percurso-discurso' ou fará outro 'percurso-leitura'? O texto-desenho, sendo estático em sua materialidade, será lido a partir de onde pouse o 'olhar-leitor'. Ponto determinado pelo desejo ou pelo acaso. Aí, se deterá... seguirá... (não se pode prever ritmo, duração, direções...)" (op.cit., p.51).

A banca, formada pelos professores Dra. Anamae Barbosa e Dr. Eduardo Peñuela Cañizal, fez instigantes leituras dos dissertativos desenhos.

8.1.1.6 GOULART, Paulo César Alves. Álbum de figurinhas: configurações é história. São Paulo, ECA/USP, 1989. Diss. (mestrado), 259 p.

Formado pela FAU-USP e apaixonado pelas artes gráficas, Paulo César apresentou-me um projeto de mestrado sobre a trajetória histórica e a análise desse objeto gráfico tão particular: a figurinha. Enquanto história da cultura e enquanto análise da imagem a pesquisa me atraiu, ainda mais por relacionar-se com o campo da editoração, onde eu já fizera algumas incursões.

Foi uma longa e minuciosa pesquisa, com ramificações para atividades correlatas. Pesquisador incansável, com raro talento para levantar dados e materiais quase inacessíveis, Paulo César chegou a várias histórias, na ânsia de maior contextualização. Havia a história dos cartões postais, a história da indústria do fumo, a história das indústrias alimentícias, a história das editoras de figurinhas, a história das figurinhas propriamente ditas. Além disso, conseguira uma vastíssima documentação iconográfica que até rendeu algumas exposições paralelas. Havia ainda o filão pedagógico — o álbum de figurinhas como recurso no ensino — e o filão estético — a figurinha como objeto de arte ou de pesquisa de linguagem. Obviamente, foi preciso reduzir para que a dissertação chegasse a termo. O resultado é de uma grande riqueza histórica e documental: podemos ler toda uma história das mentalidades nessas imagens cotidianas e corriqueiras por ele reunidas. As relações econômicas e sociais, a articulação com a publicidade, a criança sendo descoberta como público e como mercado (até então os anúncios e produtos eram dirigidos aos adultos) emergem na caracterização desse objeto gráfico tão peculiar.

Temas, tratamento de imagem, tecnologia gráfica, padrão visual, composição textual — foram os pontos levantados

para a caracterização da figurinha, pontos estes permeados por contextos imediatos: colecionismo, marketing, premiação, etc. Além do álbum de figurinhas constituir uma manifestação gráfica, é também um sistema lúdico, pois envolve colecionismo, imprevisibilidade, socialização, organização, referências estéticas, brincadeiras e informação; daí ser possível entendê-lo como performance gráfica, na visão de Paulo Cêzar. Objeto tão rico em elementos gráficos e extragráficos, a figurinha suscita a pergunta: qual o seu significado e seu espaço no contexto da produção visual contemporânea?

A apresentação da dissertação à banca (Prof. Dr. Virgílio Noya Pinto e Prof. Dr. Antonio Luís Cagnin) envolveu um trabalho gráfico do autor, que utilizou reproduções de figurinhas e ilustrações em xerox em papel colorido e técnicas de redução, ampliação, colagem, num uso metalingüístico do discurso analisado.

8.1.1.7 HELLER, Bárbara. Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira no início do século XX. São Paulo, ECA/USP, 1990. Diss. (mestrado), 143 p.

Linguagem, mulher, leitura e literatura são tratadas nessa dissertação. A aluna realizou uma pesquisa documental, localizando e articulando textos — de livros literários ou paradidáticos — que tratavam da formação da mulher leitora. Graduada em Letras e com experiência no campo da editoração impressa, Bárbara procurou a pós-graduação em Ciências da Comunicação para unir as duas áreas. Na medida em que existem poucos orientadores na área de Editoração, aceitei orientá-la em virtude de minha experiência em Letras e também pela análise que envolvia a imagem da mulher.

Em busca das configurações letradas a respeito da mulher leitora, Bárbara garimpou prefácios de livros escolares da época e textos de literatura que teciam considerações sobre a educação feminina e a respectiva conveniência ou não da leitura. A dissertação resgatou todo um percurso histórico da constituição da mulher enquanto leitora e enquanto cidadã, mostrando concretamente, em textos do fim do século XIX e começo deste, como essa "pedagogia cultural" deixava suas marcas e se inseria na produção de ideologia. História da leitura, história da leitora, história das mentalidades: a dissertação transita por esses caminhos. Bárbara recorreu até a textos jornalísticos, em procedimentos por vezes intuitivos mas que chegaram a resultados que ilustram muito vivamente o clima de cem anos atrás e a não muito animadora perspectiva da mulher como leitora. A banca, formada pelas Professoras Dra. Marisa Lajolo e Dra. Alice Mitika Koshiyama, apontou o valor da pesquisa documental, que recuperou dados pouco acessíveis e redescobriu textos esquecidos, mas muito significativos. A análise ideológica feita pela dissertação realça traços que compõem a imagem dessa mulher a quem a leitura era oferecida com reservas. Vemos também que o preconceito não é só contra a mulher leitora, mas contra a leitura.

8.1.2 Teses de doutoramento já concluídas

- 8.1.2.1 FERNANDES, Terezinha Fátima Tagé Dias. Jorge Andrade, repórter Asmodeu: leitura do discurso jornalístico do autor na Revista Realidade. São Paulo, ECA/USP, 1988. Tese (doutoramento), 207 p.

O projeto apresentado por Terezinha objetivava o estudo da narrativa jornalística da grande reportagem na revista

Realidade. Havia total coincidência com minhas linhas de pesquisa sobre tratamento do texto jornalístico e o trabalho de orientação foi iniciado, com muita troca a nível de discussão de idéias e sobre material redigido. A princípio, foram trabalhadas reportagens de vários autores; depois, concluímos que seria melhor concentrar-se num único autor e o escolhido foi Jorge Andrade. De formação em Letras, Terezinha incorporou alguns procedimentos jornalísticos e recolheu depoimentos para enriquecer a análise da narrativa.

A tese analisou acuradamente seis reportagens de Jorge Andrade: Três perfis (Wesley Duke Lee, Sérgio Buarque de Holanda e Érico Veríssimo), duas reportagens da "Terra" (Canavial e Frente de Trabalho da Sudene) e uma recriação histórica (Quatro Tiradentes Baianos). Terezinha Fernandes apontou as características da narrativa do escritor-jornalista e articulou-as com o princípio interpretativo descoberto em texto do próprio Jorge, segundo o qual o repórter é um "farejador de fatos, Asmodeu moderno que espia dentro dos outros, descobre no menor sinal o rumo dos acontecimentos". Asmodeu era uma entidade demoníaca de livros apócrifos judaicos, e sua característica principal era o dom de "espiar" a verdade oculta no interior das pessoas e dos fatos sociais. Essa visão norteia a escolha dos procedimentos narrativos ligados a um instrumental literário e dramatúrgico muito rico.

O trabalho apresenta uma leitura aprofundada de textos jornalísticos de um grande autor, produzidos para a revista Realidade, num momento histórico especial. Pelas características do autor e pelo contexto político, o desvelamento de formas de construção dos textos contribuiu significativamente para o estudo das relações jornalismo/linguagem.

8.1.3 Orientação de mestrados em andamento

8.1.3.1 PAIVA, Maria Eliana Facciola (início em 1987)

Dissertação, em fase final, sobre o projeto gráfico e sua figuração para uso em jornalismo, editoração e publicidade. Há toda uma discussão de práticas do ensino do projeto gráfico nos cursos de Comunicação. Já fez exame geral de qualificação; a entrega da dissertação será no 2º semestre de 1991.

8.1.3.2 COSTA, Helouise Lima (início em 1988)

Dissertação sobre o fotojornalismo da revista O Cruzeiro. Créditos de disciplinas já concluídos, pesquisa adiantada, está preparando relatório para exame geral de qualificação.

8.1.3.3 MEDINA, Sinval (início em 1988)

Dissertação sobre a grande reportagem da revista Realidade. Créditos de disciplinas já concluídos.

8.1.3.4 GOMES, Mayra Rodrigues (início em 1986)

Dissertação sobre títulos de revistas semanais de informação, analisando a relação com a matéria: verificação de jogos lingüísticos tais como ironia, duplo sentido, antecipação. Créditos de disciplinas já concluídos.

8.1.3.5 ARAÚJO, Paulo Roberto de Oliveira (início em 1986)

Dissertação sobre a crônica no Rio Grande do Sul e sua representação da realidade. Coursou todas as disciplinas; está redigindo a pesquisa.

8.1.3.6 CAVALHEIRO, Roberto Dante (início em 1990)

Dissertação sobre a crítica de música do jornal O Estado de São Paulo. Está cursando disciplinas e já iniciou a pesquisa.

8.1.4 Orientação de doutorado em andamento

8.1.4.1 AGUIAR, Carly Batista de (início em 1988)

Tese sobre o discurso jornalístico de opinião durante as eleições presidenciais de 1989. Estão sendo analisados: editoriais, colunas assinadas, comentários e ensaios assinados, suplementos especiais dos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Jornal do Brasil.

Créditos de disciplinas e outras atividades já concluídos. A redação da tese está bem adiantada; a aluna está preparando o relatório para exame geral de qualificação.

8.1.5 Orientação de trabalhos de conclusão de curso

8.1.5.1 ROTENBERG, Elsie Laura Klabin

Revistas femininas - Imprensa em constante mutação. São Paulo, ECA/USP, 1989. Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, 194 p.

A grande imprensa feminina brasileira (Cláudia, Desfile, Nova, Elle, Vogue, Minha, Doçura, Mulher de Hoje, Capricho, Carícia, Carinho) foi analisada enquanto forma e conteúdo num trabalho cuidadoso, que também envolveu entrevistas com os editores dessas publicações.

8.1.5.2 PEREIRA, Eveliny do Carmo Bastos

A revista Vogue: Moda ou Estilo. São Paulo, ECA/USP, 1989. Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, 87 p.

Análise de forma e conteúdo da revista Vogue brasileira, trazendo ainda um breve histórico.

8.1.5.3 AZEVEDO, Marcelo Sereicikas

O mundo nas páginas da "Folha de São Paulo" e do "The New York Times". São Paulo, ECA/USP, 1989. Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, 176 p.

Trabalho de jornalismo comparado, com decomposição das editorias de Exterior dos dois jornais, acompanhada de análise crítica do material recolhido, a nível quantitativo e qualitativo.

8.1.5.4 DOLMADJIAN, Eliana Rachel

O preconceito mata, a hanseníase não. São Paulo, ECA/USP, 1990. Trabalho de conclusão de curso de Jornalismo, 84 p.

Grande reportagem sobre o problema da hanseníase no Brasil, mostrando os preconceitos em relação à doença, as práticas informativas, associações de ajuda e trazendo ainda histórias de vida.

8.1.5.5 DONDON, Ana Paula Pavan

A comunicação empresarial: evolução, prática atual e perspectivas de futuro. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 78 p.

Trabalho de análise da comunicação empresarial. Após uma contextualização da comunicação empresarial, a aluna realizou três estudos de caso, a respeito de informações que envolviam conflito para as empresas.

8.1.5.6 CAVALCA, Cláudio Lucchesi

Balada. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 91 p. ,
mais encarte com fotos de 12 p.

Ensaio fotográfico sobre fantasias femininas, acompanhado de texto ficcional e texto de reflexão sobre o fazer fotográfico. Além da interação texto/imagem, foi um trabalho pioneiro enquanto utilização do suporte fotografia.

8.1.5.7 MIGUEL, Mônica Manir

Sinal de Mais (A revisão e os manuais como supervisores do texto jornalístico). São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 84 p.

Trabalho de análise dos manuais de Redação dos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e o Manual de Estilo da Abril, relacionando-os com a questão da supervisão de texto e do desaparecimento gradual dos setores de revisão nas grandes empresas jornalísticas. A autora localizou um Manual inédito preparado por um profissional da Abril, José Teixeira Neto, e fez uma edição desse material, acrescentada na íntegra.

8.1.5.8 MORETTO, Ana Lúcia

Economia: Pergunte ao Tamer. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 72 p.

Trabalho expositivo e analítico sobre o programa de economia "Dinheiro Vivo", veiculado na Televisão. Há toda uma recuperação do histórico do programa, as modificações por que passou, bem como uma análise da linguagem e dos recursos utilizados.

8.1.5.9 PONTE, Carla Gil

Falares do Bonete. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 124 p.

Grande reportagem sobre uma comunidade caiçara — Bonete — que se localiza no costão sul da ilha de São Sebastião — ou Ilhabela — no litoral norte de São Paulo. A aluna realizou uma extensa pesquisa, que resultou num documentário, onde estão presentes as vozes dos moradores do Bonete, num trabalho de edição fonético-sintática que buscou preservar todo um falar dessa comunidade isolada. O TCC traz ainda um levantamento histórico, geográfico e uma complementação em fotos. A aluna conseguiu atingir um nível de excelente qualidade na construção desse texto-documentário, aprovado com nota máxima pela banca composta pelas Professoras Dras. Maria Aparecida Baccega e Cremilda Medina.

8.1.5.10 SOARES, Denise Carreira

Brasil, mostra tua cara. São Paulo, ECA/USP, 1991, TCC, 79 p.

Texto-colagem sobre os "jeitinhos" brasileiros e o desprestígio da identidade nacional. O trabalho integra uma colagem de discursos literários e jornalísticos, uma edição de falas do povo e depoimentos de artistas (um dramaturgo de TV, um dirigente de escola de samba e um pintor primitivo).

9 PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES JULGADORAS DE LIVRE-DOCÊNCIA, DOUTORADO, MESTRADO, EXAMES GERAIS DE QUALIFICAÇÃO E TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

9.1 Participação em Comissões Julgadoras de Livre-Docência

9.1.1 Fui formalmente indicada pela Congregação da ECA como membro titular de duas bancas de concurso de livre-docência, que se realizaram em 1988:

- a) concurso de livre-docência junto ao Departamento de Cinema e Rádio e Televisão - ECA/USP, em que o candidato Prof.Dr. Eduardo Leone, apresentou uma tese sobre montagem cinematográfica.
- b) concurso de livre-docência junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração - ECA/USP; em que a candidata ProfªDra. Jerusa Pires Ferreira, apresentou uma tese sobre o livro de S.Cipriano.

Acabei desistindo de participar, pois fui informada de que não podia fazer parte da banca por estar em licença-saúde. Somente quando o segundo concurso ia se realizar, soube que poderia ter estado nas bancas sem nenhum óbice jurídico. Infelizmente, não havia mais tempo, pois a Congregação indicara nova banca. Foi uma pena, porque os dois concursos tinham muito a ver com áreas de meu interesse.

9.1.2 Membro titular da Comissão Julgadora do Concurso de livre-docência junto ao Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Propaganda (CRP) da ECA-USP, 1989.

Candidato: Ivã Santo Barbosa

Tese: Jogada publicitária: a construção lúdica de um projeto social. 369 p.

- 9.1.3 Membro titular da Comissão Julgadora do Concurso de livre-docência junto ao Departamento de Letras Modernas - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. 07 a 10 de novembro de 1988.
Candidata: Christl Martha Katharina Brink
Tese: A nova literatura da mulher na Alemanha e no Brasil (1975-1985): convergências e divergências. 32 p.
- 9.1.4 Membro titular da Comissão Julgadora do Concurso de livre-docência junto ao Departamento de Artes Plásticas (CAP) da ECA/USP - 03 a 05 dezembro 1990.
Candidata: Ana Mae Tavares Bastos Barbosa
Tese: Arte na educação: anos 80 e novos tempos. 259p.
- 9.1.5 Membro titular da Comissão Julgadora do Concurso de livre-docência junto ao Departamento de Cinema, Rádio e TV (CTR) da ECA/USP - 27 a 29 de maio de 1991.
Candidata: Ana Maria Balogh
Tese: Adaptações: conjunções - disjunções - Transmutações (Do literário ao fílmico e ao televisual). 304 p.
- 9.1.6 Presidente da Comissão Julgadora do Concurso de livre-docência junto ao Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da ECA/USP - 17 a 19 de junho de 1991
Candidata: Maria Aparecida Baccega
Tese: Comunicação, Ficção e História: a Literatura Angolona. 319 p.

9.2 Comissões Julgadoras de Teses de Doutorado

- 9.2.1 SILVA, Carlos Eduardo Lins da - Muito além do Jardim Botânico - ECA/USP, 1984.
- 9.2.2 LUYTEN, Joseph - A notícia na literatura de cordel - ECA/USP, 1984.
- 9.2.3 LIMA, Solange M. Couceiro de - Mulher e família negras: realidade e representação na obra de Nina Rodrigues - ECA/USP, 1984.
- 9.2.4 FREITAS, Jeanne Marie Machado de - O preto no branco - ECA/USP, set/1986.
- 9.2.5 COELHO SOBRINHO, José - A liberdade como pressuposto para a aprendizagem - A integração professor-aluno no aprendizado de Artes Gráficas - ECA/USP, set/1986.
- 9.2.6 PELLEGRINI FILHO, Américo - Folclore: comunicação escrita e urbana - ECA/USP, 1987
- 9.2.7 SILVA, Antonio Gomes da - Luiz Gonzaga - O migrante nordestino na música popular brasileira - FFLCH - Departamento de Ciências Sociais, 1987.
(A defesa acabou não se realizando)
- 9.2.8 VICENZO, Elza Cunha de - Dramaturgia feminina no teatro brasileiro contemporâneo: a contribuição de São Paulo - ECA/USP, 1987.
- 9.2.9 LUYTEN, Sônia Bibe - Poder e difusão dos quadri-nhos japoneses como reflexo da sociedade nipônica - ECA/USP, 1988.

- 9.2.10 MELO, Maria Therezinha Ferraz Negrão de - O espetáculo dos moradores do símbolo (a mobilização por "Diretas Já" da perspectiva de Brasília - ECA/USP, 1988.
- 9.2.11 RENNÓ, Maria Helena - Televisão e educação - Dois caminhos tortuosos e paralelos. Uma proposta do vídeo aplicado ao método Paulo Freire - ECA/USP, 1988
- 9.2.12 SOARES, Ismar de Oliveira - Do Santo Ofício à Libertação: O discurso (e a prática) do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a Comunicação Social. São Paulo, ECA-USP, 1986.
- 9.2.13 FERNANDES, Terezinha Tagé D. - Jorge Andrade, repórter Asmodeu: leitura do discurso jornalístico do autor na Revista Realidade - ECA/USP, 1988, 207p. (presidente).
- 9.2.14 CAPORALI, Maria Luiza Salum. Geração e percurso da comunicação das transformações teóricas: um passo à frente no despertar da sensibilidade. São Paulo, ECA/USP, 1990, 225p.
- 9.2.15 LIMA, Sandra Lúcia Lopes. Espelho de mulher: Revista Feminina (1916-1925). São Paulo, FFLCH-USP, 1991. Tese apresentada ao Departamento de História, 235p.

9.3 Comissões Julgadores de Dissertações de Mestrado

- 9.3.1 ROQUE, Mauren Leni de - Trabalho, capacitação profissional e participação comunitária da mulher de periferia de São Paulo - ECA/USP, 1982.
- 9.3.2 MASCARO, Sônia de Amorim - A Revista Feminina: imagens de mulher (1914-1930) - ECA/USP, 1982
- 9.3.3 VALLADA, Kardec Pinto - Revistas Especializadas no Brasil: desenvolvimento, taxionomia e dinâmica editorial - ECA/USP, 1983.
- 9.3.4 PROENÇA, José Luiz - Contribuição para o estudo do jornal de bairro como elemento de integração das comunidades na metrópole - ECA/USP, 1985.
- 9.3.5 LUSTIG, Sílvia - Mãe, obrigada (já referenciada, pois foi minha orientanda) - ECA/USP, 1985.
- 9.3.6 D'ÁVILA, Antonio Carlos da Silva - Anatomia da imagem fotográfica - ECA/USP, 1987.
- 9.3.7 GUARANYS, Maria Betânia Queiroz dos - Mover-se: uma proposta metodológica para aprendizagem da movimentação do corpo visando ao equilíbrio vital - ECA/USP, 1987.
- 9.3.8 DO BEM, Arim Soares - Telenovela e doméstica: da catarse ao distanciamento - ECA/USP, 1988.
- 9.3.9 RODRIGUES, Vera Lúcia - A questão da independência no Jornal da República - ECA/USP, 1988.

- 9.3.10 PEREIRA, Maria Lúcia Toralles - Arte na pré-escola e desenvolvimento psicomotor - ECA/USP, 1988.
(Não participei porque estava em licença médica; somente depois soube que poderia ter participado da banca).
- 9.3.11 CAMPOS, Fausto Pires de - Por uma terra sem mal: documentação fotográfica e identidade indígena, vida comunitária e a luta dos guarani pela terra - ECA-USP, 1989, 210p. (presidente).
- 9.3.12 MENGARDO, Valdir - O olhar domesticado: um estudo sobre o discurso gráfico da imprensa. ECA/USP, 1988, 133p. (presidente).
- 9.3.13 RACY, Vera Lúcia Simonetti - Além das recordações: fotografia e velhice explícita. São Paulo, ECA-USP, 1989, 122p. (presidente).
- 9.3.14 GOULART, Paulo Cezar Alves - Álbum de figurinhas: Configurações e História - São Paulo, ECA/USP, 1989, 259p. (presidente).
- 9.3.15 VIANNA, Maria Letícia Rauen - Assim na terra como no sol: uma leitura em diagrama. São Paulo, ECA/USP, 1989, 55p. (presidente).
- 9.3.16 JURADO, Alícia Agripina Concha - Revistas pornográficas: a fantasia do prazer. Um estudo documental. São Paulo, ECA/USP, 1990.
- 9.3.17 ANTUNES, Sêrvulo Sérgio Donizate Alves - Das raízes às sementes: edição de uma antologia poética do Jequitinhonha nos anos 80. São Paulo, ECA/USP, 1990.

- 9.3.18 HELLER, Bárbara - Mulheres entre linhas: imagens da leitora brasileira do início do século XX. São Paulo, ECA/USP, 1990, 143p. (presidente).
- 9.3.19 NUNES, Aparecida Maria - Clarice Lispector, jornalista. São Paulo, FFLCH/USP, 1991, Departamento de Letras Clássicas e Vernâculas, 285p.
- 9.3.20 ABDELMALACK, Genny - Momentos da História do Brasil através da caricatura (1900-1937). São Paulo, ECA/USP, 1991, 165p (aguardando data para defesa).

9.4 Comissões julgadoras de Exames Gerais de Qualificação

9.4.1 HOLANDA, Ricardo Antonio Rosado - Mestrado
ECA/USP, 1981.

9.4.2 VIANCIN, Henriette Grande Magne - Mestrado
ECA/USP, 1982.

9.4.3 ROQUE, Mauren Leni de - Mestrado
ECA/USP, 1982.

9.4.4 ROXO, Maria Aparecida Antero - Mestrado
ECA/USP, 1982.

9.4.5 MASCARO, Sônia de Amorim - Mestrado
ECA/USP, 1982.

9.4.6 LUSTIG, Sílvia - Mestrado
ECA/USP, 1983.

9.4.7 LUYTEN, Joseph - Doutorado
ECA/USP, 1983.

9.4.8 LIMA, Solange Martins Couceiro de - Doutorado
ECA/USP, 1983.

9.4.9 FONSECA, Ouhides da - Mestrado
ECA/USP, 1983.

9.4.10 SILVA, Carlos Eduardo Lins da - Doutorado
ECA/USP, 1983.

9.4.11 PEREIRA, Maria Lúcia Toralles - Mestrado
ECA/USP, 1983.

9.4.12 LUZ, Inês Pereira da - Mestrado
Instituto Metodista de Ensino Superior, 1984.

- 9.4.13 MENGARDO, Valdir - Mestrado (meu orientando)
ECA/USP, 1984.
- 9.4.14 SOARES, Ismar de Oliveira - Doutorado
ECA/USP, 1985.
- 9.4.15 MENANDRO, Patrícia Mollo - Mestrado
ECA/USP, 1985
- 9.4.16 MELLO, Maria Therezinha Ferraz de - Mestrado
ECA/USP, 1985.
- 9.4.17 NOVELINO, Aida Maria - Mestrado
PUC/SP, 1985.
- 9.4.18 FREITAS, Jeanne Marie - Doutorado
ECA/USP, 1985.
- 9.4.19 COELHO SOBRINHO, José - Doutorado
ECA/USP, 1986.
- 9.4.20 MOTA, Solange M.Alves da Silva - Mestrado
ECA/USP, 1986.
- 9.4.21 RODRIGUES, Vera Lúcia - Mestrado
ECA/USP, 1986.
- 9.4.22 D'ÁVILA, Antonio Carlos da Silva - Mestrado
ECA/USP, 1986.
- 9.4.23 DO BEM, Arim Soares - Mestrado
ECA/USP, 1987.
- 9.4.24 CAMPOS, Fausto Pires de - Mestrado (meu orientando) - ECA/USP, 1987.

- 9.4.25 VICENZO, Elza Cunha de - Doutorado
ECA/USP - 1986.
- 9.4.26 LUYTEN, Sônia Bibe - Doutorado
ECA/USP, 1987.
- 9.4.27 TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira -
Doutorado - ECA/USP, 1987.
- 9.4.28 JURADO, Alícia Agripina Concha - Mestrado
ECA/USP, 1990.
- 9.4.29 BACELLI, Ronei - Doutorado
ECA/USP, 1988.
- 9.4.30 RACY, Vera L. Simonetti - Mestrado (minha orientanda)
ECA/USP, 1988.
- 9.4.31 GOULART, Paulo Cezar Alves - Mestrado (meu orientando) - ECA/USP, 1988.
- 9.4.32 VIANNA, Maria Letícia Rauen - Mestrado (minha orientanda) - ECA/USP, 1988.
- 9.4.33 MOTTER, Maria de Lourdes - Doutorado
ECA/USP, 1990.
- 9.4.34 HELLER, Bárbara - Mestrado (minha orientanda)
ECA/USP, 1990.
- 9.4.35 LOPES, Ana Maria - Doutorado
ECA/USP, 1990.
- 9.4.36 AMARAL, Lígia Assumpção - Doutorado - Departamento de Psicologia Social - Instituto de Psicologia, USP - 1991.

9.4.37 PAIVA, Maria Eliana Facciola - Mestrado (minha orientanda) - ECA/USP, 1991.

9.5 Comissões julgadoras de Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (TCC)

- 9.5.1 BELLEI, Sibelle Cristina - Tendências para a avaliação da Universidade de São Paulo. São Paulo, ECA/USP, 1989, TCC, 39 p.
- 9.5.2 BALTHAZAR, Ricardo de Oliveira - As cicatrizes no papel: o registro da repressão política do regime militar no Brasil. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 56 p.
- 9.5.3 SANDRONI, Tânia - Caleidoscópio da SÉ (anotações para uma reportagem humanizadora). São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 53 p.
- 9.5.4 SCHARF, Regina Cláudia Gross - A participação da imprensa na construção da notícia. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 86 p.
- 9.5.5 FRANCO, Carla Cancino - Fetos & Fatos. Vivência e reflexões sobre o aborto. São Paulo, ECA/USP, 1990, TCC, 58 p.
- 9.5.6 MELLO, Andréa Luiza Miranda Michel Ferreira - Jornalismo, linguagem e subjetividade (Leitura do discurso jornalístico de Paulo Francis, no jornal Folha de São Paulo, em 1990). São Paulo, ECA/USP, 1991, TCC, 189 p.
- 9.5.7 ASTIZ, Ana Luiza - À procura de um jornalismo vivo: inquietudes, lições holísticas e o jornalismo literário espanhol como propulsores para a nova era. São Paulo, ECA/USP, 1991, TCC, 82 p.

- 9.5.8 ANAZ, Sílvia Antonio. - O último dos polemistas
(Um estudo de caso sobre Paulo Francis). São
Paulo, ECA/USP, 1991, TCC. 36 p.

10 ATIVIDADES RELACIONADAS À EXTENSÃO E À PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS À COMUNIDADE

Muitas das atividades listadas como palestras, conferências e aulas estariam melhor situadas nesta subdivisão, uma vez que seu caráter foi predominantemente de extensão ou de serviço à comunidade. No entanto, vou me restringir a algumas atividades que considero marcantes em meu percurso de docente e pesquisadora:

10.1 Logo no início do meu trabalho na ECA, organizei o ciclo de conferências "O Escritor, o Livro e o Editor", com dez aulas proferidas pelo escritor Osman Lins em outubro de 1972. O contato com Osman Lins, personalidade rica e fascinante, deixou muitas inquietações em relação a texto e narrativa que depois iriam se refletir em minhas pesquisas. Lembro também que na época Osman Lins estava em estágio probatório de RDIDP, e que sua pesquisa tinha características inéditas: ao invés de um estudo sobre literatura, ele propusera a realização de um romance de ficção (que foi efetivamente escrito, e publicado: Avalovara).

10.2 Coordenadora e organizadora da XI Semana de Estudos de Jornalismo: "Da crise da reportagem à reportagem da crise: a atuação do jornalismo brasileiro de 1964 a 1984", realizada de 13 a 17/08/84. A Semana de Jornalismo é um evento tradicional do Departamento de Jornalismo e Editoração e reuniu docentes, estudantes e profissionais não só de São Paulo como de outros Estados do Brasil.

10.3 Organizadora e coordenadora do Seminário "Imprensa Feminina", realizado de 12 a 16 de setembro de 1983. O seminário trouxe importantes profissionais da área que debateram com o público em produtivas sessões de trabalho.

10.4 Organizadora e coordenadora do seminário "Imprensa Feminina: Vitrine, Jornalismo ou Ação", realizado de 10 a 13 de setembro de 1984. Mais ampliado que o anterior, e contando com representantes da imprensa alternativa, o seminário desenvolveu-se com muito debate e participação.

10.5 Nos anos de 1983 e 1984, fui coordenadora do programa de cooperação CJE/Editora Abril, destinado a oferecer treinamento especializado em jornalismo de revistas para os alunos graduados pela ECA. Em fins de 84, a seleção também serviu para classificar alunos que foram participar de um seminário na Folha de São Paulo. Os alunos do 8º semestre inscreviam-se e submetiam-se à prova escrita. Participei da elaboração e da correção de prova, juntamente com dois outros professores.

10.6 Além de ser um laboratório pedagógico, o Jornal do Campus tem sido um órgão de prestação de serviços. Participei de sua implantação no 2º semestre de 1983, sendo responsável pelo fechamento de uma página e continuei ainda a colaborar diretamente no projeto em 1984. Depois passei a fazer parte de seu Conselho Editorial.

10.7 Organizadora e coordenadora do III Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, realizado em dezembro de 1987. Este curso aconteceu num momento pedagógico decisivo, em que a abordagem seqüencial e integradora das disciplinas de Redação Jornalística na ECA estava começando a dar resultados, pois fora implantada no novo currículo iniciado em 1985. Reunindo professores de redação jornalística de todo o Brasil, o curso, ministrado por mim e pelas professoras Cremilda Medina e Terezinha Tagê Dias Fernandes, discutiu e integrou diferentes pedagogias de jornalismo, e analisou a relação com órgãos-laboratório.

Houve uma aprofundada pesquisa de currículo e de metodologias. O grupo de professores trabalhou em ritmo intenso e do curso surgiram várias propostas pedagógicas que seriam utilizadas em seus estados de origem.

10.8 Venho colaborando com o ECOS - Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana, ministrando palestras, participando de debates, encontros e assessorando algumas pesquisas que envolvem mulher e comunicação. ECOS é um núcleo de pesquisa composto por profissionais de Comunicação, Sociologia, Psicologia e Administração que vêm desenvolvendo trabalhos numa linha reflexiva e também informativa e pedagógica; daí a sua característica de extensão. As atividades de ECOS estão direcionadas para desenvolver estudos e diagnósticos, produzir material informativo e reflexivo - visual e impresso - e capacitar recursos humanos. Em outubro de 1990 proferi palestra e participei de debate no seminário "Sexualidade na Adolescência: Educação e Mídia"; os textos produzidos foram reunidos em livro, referenciado no item 5. Produção científica, literária, filosófica ou artística.

10.9 Aula no Curso de Extensão: Comunicação, Educação e Arte na Cultura Infanto-Juvenil, coordenado pela Prof^ª Dra. Elza Dias Pacheco do Departamento de Comunicações e Artes da ECA e realizado no auditório da Escola de Aplicação da FEUSP, no dia 24/10/90.

10.10 O Departamento de Jornalismo já teve algumas experiências de cooperação internacional. Neste ano de 1991 foi possível a realização de um programa de três meses de estágio para profissionais de comunicação angolanos. Durante abril, maio e junho esses profissionais realizaram cursos e estágios, alguns destes em órgãos de comunicação como jornais, estações de rádio e de TV. De 06 a 17 de maio foi mi-

nistrado o curso (aberto também a alunos da comunidade) : "Meios de Comunicação: Ficção, História e Realidade", pelas professoras Maria Aparecida Baccega, Maria de Lourdes Motter e por mim. Trabalhar com profissionais oriundos de um país africano foi uma experiência muito enriquecedora.

Nota: Apesar de não estar diretamente ligada à minha atividade como docente, participei ativamente dos grupos de trabalho que redigiram o anteprojeto de regimento da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, bem como das assembléias que o aprovaram. Foi um trabalho que demorou mais de ano; considero que a Escola de Aplicação é um serviço à comunidade, além de ser um laboratório pedagógico para a universidade — laboratório que ainda não está sendo utilizado em suas plenas potencialidades.

11 PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS, SEMANAS DE ESTUDOS, SEMINÁRIOS

- 11.1 Semana de Estudos e Editoração - Tema Geral: "Editoração das Histórias em Quadrinhos", em setembro de 1972. Debatedora do tema "Técnica e Temática dos Quadrinhos Brasileiros". ECA/USP.
- 11.2 Semana de Estudos de Editoração Tema Geral: "Mercado de Trabalho e Dinamismo da Indústria Editorial no Brasil" - de 04 a 08 de novembro de 1974. Participei da Comissão Especial encarregada de organizar o evento. E fui expositora do sub-tema "Panorama do Livro Didático e Literário do Brasil", na noite de 05/11/74.ECA
- 11.3 Semana de Estudos de Editoração - de 16 a 20 de agosto de 1976. Coordenadora do debate "Editoração e Indústria da Informação". CJE/ECA/USP.
- 11.4 Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, promovido pela INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação no Brasil, em Taboão da Serra (SP), de 04 a 06 de setembro de 1980.
- 11.5 Semana de Estudos de Jornalismo: "O Ensino de Jornalismo". Fui observadora do grupo de estudos sobre "Estrutura Curricular - Formação Profissional, em 1972. Promoção ECA-USP.
- 11.6 Semana de Estudos de Jornalismo: "Tendências do Jornalismo Brasileiro: Tecnologia e Profissionalização". de 14 a 18 de maio de 1973. Promoção ECA-USP.

- 11.7 Semana de Estudos de Jornalismo - "Teoria e Prática no Ensino de Jornalismo - Panorama Nacional e Internacional" de 10 a 14 de junho de 1974. Promoção ECA-USP, tendo apresentado uma comunicação ao grupo de estudos "Dimensão dos Órgãos Laboratoriais".
- 11.8 Semana de Estudos de Jornalismo de 14 a 18 de junho de 1976. Promoção ECA-USP.
- 11.9 Semana de Estudos de Jornalismo - "A Imprensa Alternativa no Brasil" de 23 a 27 de maio de 1977. Promoção ECA-USP.
- 11.10 Semana de Estudos de Jornalismo - "A imprensa comunitária", de 29 de maio a 02 de junho de 1978. Promoção ECA-USP.
- 11.11 Semana de Arte e Ensino - realizada na ECA-USP, de 15 a 19 de setembro de 1980. Participante da Comissão da Imprensa.
- 11.12 Congresso Brasileiro de Comunicação Social promovido pela UCBC - União Brasileira de Comunicação Social em São Bernardo do Campo. Tema: "Comunicação e Educação Popular", de 15 a 19 de outubro de 1980. Coordenadora do Painel "Experiências comunitárias de jornais laboratórios".
- 11.13 XI Semana de Estudos de Jornalismo - "Da crise da reportagem à reportagem da crise: a atuação do jornalismo brasileiro de 1964 a 1984", realizada de 13 a 17/08/84. Coordenadora e organizadora.
- 11.14 Extensão cultural: organizadora e coordenadora do Seminário "Imprensa Feminina", realizado de 12 a 16 de setembro de 1983.

- 11.15 Extensão cultural: organizadora e coordenadora do Seminário "Imprensa Feminina: Vitrine, Jornalismo ou Ação", realizado de 10 a 13 de setembro de 1984.
- 11.16 Palestra: "Os comunicadores internacionais no I Curso de Jornalismo Internacional promovido pelo CJE, em 21 de agosto de 1981.
- 11.17 Fiz o curso de extensão universitária "A Formação e a Atuação do Editor", de 03 a 04 de maio de 1982, promovido pelo CJE-ECA.
- 11.18 Palestra: "Imprensa Feminina" na FIAM, em 20 de novembro de 1984.
- 11.19 Coordenadora do Grupo de Estudos Mulher e Comunicação da Intercom, em 1982 e 1983.
- 11.20 Fui eleita, em 19 de setembro de 1983, em eleição direta pelos docentes da ECA, representante docente da ECA junto ao Conselho Universitário da Secretaria de Estado de Informação e Comunicações.
- 11.21 Participei da série de debates sobre a Escola de Aplicação da FEUSP (27 a 29/08/1985). Participei de grupos de trabalho.
- 11.22 Participei do 1º Encontro Pré-Escola em Destaque, na Faculdade Anhembi Morumbi, em 1985.
- 11.23 Participei como debatedora em "A contribuição dos distintos saberes da produção de conhecimento sobre a mulher no Brasil" e integrante de grupo de trabalho do I Encontro Nacional de investigação sobre a mulher, em Porto Alegre, encontro esse promovido pelo CEPEA-mulher, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e CNPq (de 04 a 07/11/1985).

- 11.24 Conferência sobre Imprensa Feminina para os alunos das 2^{as} séries do 2^o Grau da Escola de Aplicação da FEUSP, em 24 de junho de 1986.
- 11.25 Seminário sobre as "Transformações Sociais e as relações de gênero".
Exposição: Imprensa, pintura e música: espaços divididos, em 20 de junho de 1986, em conjunto com a Prof^a Maria Stella Orsini, para alunos de pós-graduação de Ciências Sociais da USP.
- 11.26 Debatedora no simpósio Moda em Debate, que reuniu pesquisadores e professores universitários que tratam ou já trataram do tema moda.
Dia 11 de agosto de 1986, no Centro Empresarial de São Paulo. As palestras e debates serão editados.
- 11.27 Curso "A imprensa italiana: perspectivas brasileiras" 1^o semestre de 1987.
Aula ministrada: Revistas femininas: modelos italianos importados.
- 11.28 Participação em Seminário Acadêmico sobre Direito à Informação, Direito de Opinião.
Na Reitoria da USP - 25/08/87.
- 11.29 Trabalho apresentado ao Seminário "Repensando a diferença", realizado no CIEC (Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos), na UFRJ, em outubro de 1987.
- 11.30 Participação no Seminário "Feminismo e Modernismo", realizado no CIEC, UFRJ, em agosto de 1988

- 11.31 Palestra: "Quintal Mágico - Educação-Arte na pré-escola", em 08/06/88, integrando o "Seminário sobre Expressividade Infantil", promovido pelo SESC de Ribeirão Preto.
(Não pude ir por me encontrar recém-operada).
- 11.32 Participação com "paper" no XVI Congresso da IAMCR (International Association for Mass Communication Research), em Barcelona, de 24 a 28 de julho de 1988.
(Também não pude comparecer por estar com o braço direito engessado).
- 11.33 Participei da elaboração do Simpósio "O sensacionalismo no trabalho jornalístico: necessidade ou opção", que foi apresentado na 40ª Reunião da SBPC, de 10 a 16 de julho de 1988. Meu trabalho "Espalhar fatos é necessário? O espalhafato é necessário" deixou de ser apresentado por motivos de saúde.
- 11.34 Participação no I Simpósio Internacional de História da Arte-Educação. São Paulo, ECA/USP, 01 a 04 de agosto de 1989.
- 11.35 Participação no III Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História. São Paulo, USP, 14 a 18 de agosto de 1989.
- 11.36 Participação no Seminário de Avaliação da Pós-Graduação em Comunicação e Artes. São Paulo, ECA/USP, agosto a outubro de 1990.
- 11.37 Participação no Seminário dos Cursos de Graduação. São Paulo, ECA/USP, novembro de 1990.

- 11.38 Participação em colóquio no ILET (Instituto Latino-americano de Estudos Transnacionais) com o Prof. Héctor Schumucler, em agosto de 1987, Buenos Aires, Argentina.
- 11.39 Coordenadora do debate "Mulher e Meios de Comunicação", com Renata Palottini e Carlos Queiroz Telles, CJE, 06/06/89.
- 11.40 Participação com apresentação de trabalho no XXII Congresso Interamericano de Psicologia Social e do Trabalho. Buenos Aires, junho 1989.
- 11.41 Participação no IV Encontro Iberoamericano de Comunicação, ECA-USP, 30/08 a 02/09/1989.
- 11.42 Participação em encontros e seminários com o Prof.Dr. José Carlos G. Durand, coordenador do CECC - Centro de Estudos da Cultura e do Consumo, da Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em 1990.
- 11.43 Palestra e debate no Seminário "Sexualidade na Adolescência: Educação e Mídia". São Paulo, promoção ECOS - Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana, no auditório da Fundação Faria Lima, na Cidade Universitária, em 18/10/90.
- 11.44 Encontro com a prof^a Jacqueline Contras, especialista em Espaços Urbanos e seus usos pela mulher, na sede do NEMGE - Sala 709 - Reitoria Antiga. 26 de abril de 1991.
- 11.45 Participação no Encontro Nacional de Núcleos Universitários de Estudos sobre Relações Sociais de Gênero - março de 1991.

12 ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS

Escola nova, poucos professores titulados, muitas tarefas por fazer. Assim a participação em atividades administrativas sempre foi muito grande, e cresceu com o passar dos anos. Obviamente, nos primeiros anos a relação de atividades administrativas acaba sendo mais detalhada. Hoje, apesar da multiplicidade de encargos e incumbências, prefiro relacionar apenas as funções mais significativas.

12.1 Chefia do Departamento

Chefe suplente do Departamento de Jornalismo e Editoração de 18 de abril de 1989 a 17 de abril de 1991; eleita pelo Conselho do Departamento, após consulta a docentes, alunos e funcionários.

12.2 Conselho do Departamento de Jornalismo e Editoração

- 12.2.1 Suplente da categoria Mestre, de 1978 a 1980
- 12.2.2 Suplente de doutor em 1982
- 12.2.3 Titular de doutor de 17/05/83 até 17/05/85
- 12.2.4 Titular de doutor de 17/05/85 até 17/05/87.
Em 1986 passei a livre-docente.
- 12.2.5 Titular de livre-docente durante o ano 1987.
- 12.2.6 Eleita sucessivamente como representante titular da categoria dos professores livre-docentes e depois associados, permanece até agora como representante titular dos associados.

12.3 Comissão de Ensino do CJE

Vice-presidente da Comissão de Ensino do Departamento — 1982; em 10/11/82, reeleita por mais 2 anos em eleição para renovação de seus membros, passei a presidente dessa Comissão de Ensino, cargo que ocupei até o 1º semestre de 1985. Depois fui membro da Comissão de Ensino do CJE, representando o Colegiado de Pós-graduação.

12.4 Colegiados do CJE

Em 1983, foram formados colegiados objetivando a reestruturação pedagógica, científica e administrativa do CJE:

- 1983 - membro do Colegiado de Pós-Graduação do CJE.
- 1984 - coordenadora do Colegiado de Jornalismo do CJE.
- 1985 - coordenadora do Colegiado de Pós-Graduação do CJE, depois oficializado como Comissão de Pós-Graduação do CJE.

12.5 Comissão de Graduação da ECA

Durante o mandato como vice-presidente e como presidente da Comissão de Ensino do CJE (1982 a 1985) fui membro da Comissão de Graduação da ECA. Ressalte-se que durante o ano de 1984 coordenei os estudos para elaboração do novo currículo dos cursos de Jornalismo e Editoração com reuniões semanais no âmbito do Departamento e da Comissão de Graduação da Escola. Foram feitos anteprojetos de currículos, reuniões gerais com os professores do CJE e reuniões com os professores separados por áreas. Esse currículo, que implantou uma nova filosofia de ensino, com matérias de cunho prático desde o 1º semestre e com um trabalho de conclusão de curso no 8º semestre, precedido de disciplinas que envolvem aprofundamento teórico no 7º, foi fruto de intensos trabalhos que representaram uma enorme sobregarga para alguns professores, entre os quais me incluo.

12.6 Comissão de Pós-Graduação do CJE

Coordenadora da Comissão de Pós-Graduação do CJE. Em 1988, pela primeira vez o CJE editou um livreto com os programas das disciplinas ministradas. Coordenei a edição e redigi a apresentação. Na Comissão também desenvolvi um trabalho de definição das linhas de pesquisa do departamento, que ficaram assim distribuídas:

Sub-área: Comunicação Jornalística e Editorial

- . Informação e Sociedade
- . Comunicação Popular
- . Comunicação de Massa
- . Comunicação em Organizações Complexas
- . Pedagogia da Comunicação

Sub-área: Jornalismo

- . Processos Jornalísticos
- . Jornalismo Comparado
- . Jornalismo Impresso
- . Jornalismo Eletrônico
- . Jornalismo e Linguagem

Sub-área: Editoração

- . Processos Editoriais
- . Editoração Comparada
- . Editoração Impressa
- . Editoração Eletrônica
- . Editoração, História e Sociedade
- . Editoração, Cultura e Linguagem

Obs.: - Com a proposta do Curso de Pós-Graduação em Jornalismo, encaminhada em 1990, essas linhas foram rearticuladas.

Em 1989, fui eleita membro suplente na representação do CJE junto à Comissão de Pós-Graduação da ECA, continuando então a fazer parte da sub-comissão de pós-graduação do CJE.

12.7 Comissão de Pós-Graduação da ECA

Na época da Livre-docência era vice-presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA; cargo que ocupei até 1989. O mandato iniciara-se em fins do 1º semestre de

1985. Antes, já havia sido membro suplente (81-82) e titular (83-84).

Esta comissão, eleita por voto direto por alunos e professores de pós, e ratificada pela Congregação, propôs a realização de um programa de reestruturação dos cursos de mestrado e doutoramento da ECA, como redefinição de processos de seleção, de defesa de teses, de linhas de pesquisas, etc. Para tanto, realizamos reuniões semanais de estudo aprofundando questões de ensino e pesquisa com vista a uma nova articulação da pós-graduação na ECA. Colaborei na edição de um livreto com as normas da pós-graduação na ECA.

No final do mandato, no 1º semestre de 1989, o presidente da Comissão de Pós da ECA, prof.Dr. Virgílio Noya Pinto renunciou ao cargo por ter sido eleito para a chefia do Departamento de Comunicações e Artes e eu assumi a presidência. Nesse período foi instalado o Conselho de Pós-Graduação e pude participar de várias reuniões gerais e de reuniões de Câmaras. Foi uma experiência muito importante ter vivido esse momento de instalação de uma nova forma de coordenação da pós-graduação dentro da USP e constatar como a maior representatividade (membros de todas as unidades) melhorara a condução dos assuntos.

Houve então o trâmite de um projeto da Comissão de Pós-Graduação da ECA para que fosse ampliada a representação de modo que todos os departamentos tivessem os respectivos representantes. Aprovada na Congregação, a emenda ao regimento também foi acolhida no Conselho Central e a Comissão de Pós-Graduação pôde então contar com representantes de todos os departamentos.

12.8 Congregação da ECA

12.8.1 Suplente da categoria doutor em 1982 e 1983

12.8.2 Suplente da categoria livre-docente - 1987

12.8.3 Titular da categoria livre-docente - 1988

12.8.4 Membro titular da categoria professor associado - 1989 a 1990.

12.8.5 Novamente eleita membro titular da categoria professor associado em início de 1991.

12.9 Outras Comissões do CJE e da ECA

12.9.1 Comissão Supervisora da Editora de Comunicações e Artes: (Resolução CJE/26/72) na qualidade de Membro. Antes de ser constituída a Editora, era Membro da Editora de Textos (Resolução CJE/05/72) de 1972 a 1974.

12.9.2 Comissão Supervisora dos Cadernos de Jornalismo e Editoração (Resolução CJE/18/73) na qualidade de Membro. De 1972 a 1974.

12.9.3 No ano de 1972, participei da Comissão Especial encarregada de elaborar o relatório das atividades do Departamento de Jornalismo e Editoração durante o ano letivo de 1972. O relatório foi feito no período de 24 de novembro a 10 de dezembro (Ordem de Serviço CJE/11/72).

12.9.4 Participei da Comissão Especial encarregada de coordenar em 1973 a II Semana de Estudos de Editoração, na qualidade de Membro, conforme a Resolução CJE/09/73. Essa Semana não foi realizada por motivos de prazo de apreciação pelos órgãos competentes superiores.

12.9.5 No ano de 1974, novamente participei da Comissão Especial encarregada de organizar a II Semana de Estudos de Editoração na qualidade de Membro.

12.9.6 Membro da Comissão dos Cadernos de Jornalismo e Editoração, conforme Memo/CJE 231/75.

- 12.9.7 Membro da Comissão para estudo da implantação do Curso de Doutorado nesta Escola, em 1977.
- 12.9.8 Membro da comissão para coordenar uma revista bimestral dos alunos do 5º semestre de Jornalismo em 1977.
- 12.9.9 Membro da Comissão aprovada na 55ª reunião do CJE, realizada em 15/12/78, para revisar o Manual de informações da FUVEST.
- 12.9.10 Membro do Conselho Técnico da Revista da Escola de Comunicações e Artes, desde Março de 1976 até 1981.
- 12.9.11 Membro da Comissão para programar os eventos de 1981.
- 12.9.12 Membro da Comissão para estudar o horário de aulas e distribuição dos professores para 1981, tendo a referida comissão já encerrado seus trabalhos.
- 12.9.13 Membro da Comissão para elaborar o projeto do jornal.
- 12.9.14 Elaborei, juntamente com a professora Maria do Socorro N. Fernandes, o relatório anual de atividades do Departamento referente ao ano de 1982.
- 12.9.15 Membro da Comissão para estudar a questão de concurso no Departamento.
- 12.9.16 Membro da Comissão para elaborar o Regime Interno do CJE (1983).
- 12.9.17 Presidente da Comissão encarregada de dar Parecer Técnico sobre o curso de Extensão Universitária "Redação Editorial e Publicitária", proposto pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Hebraico Brasileira Renascença (1984) atendendo à solicitação da Secretaria da Educação do Estado.

- 12.9.18 Membro do Grupo de Trabalho encarregado de elaborar documento sobre a produção científica e profissional dos docentes do CJE (agosto de 1986).
- 12.9.19 Membro da Comissão Setorial de Avaliação dos Grupos de Apoio Operacional e Administrativo do Quadro de Pessoas não Docentes da USP, designada pelo Diretor da ECA e pelo Reitor da USP (a contar de 05/08/86).
- 12.9.20 Membro da Comissão para estudo da reorganização da área de Comunicação Social, de Turismo e de Biblioteconomia, face à criação do Instituto de Artes (julho de 1986).
- 12.9.21 Encarregada de providenciar, juntamente com a funcionária Ivete de Siqueira Mello, o cadastro de produção técnica, científica e artística do CJE, e encaminhamento ao Serviço de Biblioteca e Documentação da ECA (a partir de 1986).
- 12.9.22 Membro da Comissão para Cadastro de produção técnica, científica e artística da ECA (1986-1987).
- 12.9.23 Presidente da Comissão de elaboração do novo regimento da Biblioteca e Videoteca da ECA - SBD (Serviço de Biblioteca e Documentação da ECA), em 1988.
- 12.9.24 Presidente da Comissão de Sindicância tendo por objeto o desaparecimento de uma máquina de escrever elétrica marca Olivetti, mod. Praxis 20. Portaria interna ECA, nº 126, de 10/10/89.

12.10 Concursos de seleção de docentes

12.10.1 Presidente da comissão encarregada da seleção de candidatos a uma vaga de Auxiliar de Ensino, para a área de Jornalismo Audiovisual (1983).

12.10.2 Membro da comissão encarregada da seleção de Professor para a área de Notícia, Entrevista e Reportagem (Jornalismo Impresso) (set. 1985).

12.10.3 Presidente da comissão encarregada da seleção de Professor para a área de Produção Editorial Impressa. Seleção pública realizada em 06.10.87.

12.10.4 Membro da comissão encarregada da seleção de Professor para a área de Produção Editorial Impressa. Seleção pública realizada em 19 e 20.09.90, conforme edital publicado no D.O. de 04.07.90.

12.10.5 Presidente da comissão encarregada da seleção de Professor para a área de Produção Editorial Eletrônica. Processo seletivo realizado em 10 e 11.12.90, conforme edital publicado no D.O. de 19.10.90.

12.11 Seleção para preenchimento de vagas jacentes

12.11.1 Presidente da Comissão de Seleção para preenchimento das vagas jacentes do curso de Jornalismo. Portaria ECA de 16/02/90, publicada no D.O. de 20/02/90.

PÓS-ESCRITA

REDIGIR um memorial é sempre um repensar. Esperava fazer uma coisa mais tranqüila, incorporar imagens, nomear todas as pessoas que foram importantes na construção do meu fazer jornalístico, na construção da pedagogia e da pesquisa que tento desenvolver. Alunos, professores, funcionários, a muitos eu devo. Nesses 25 anos de USP, desde que entrei na São Francisco em 1966, nunca deixei de estar ligada à universidade. Saí da graduação, entrei na pós, depois comecei a dar aulas. O semestre em que escrevi este memorial desenvolveu-se em ritmo febril, tônica da maior parte de minha vida universitária. Oito horas semanais de aulas na graduação, turmas de manhã e de noite, vice-chefia de departamento até meados de abril, conselho, congregação, editoria da revista Comunicações e Artes, duas bancas de livre-docência, duas de doutoramento, duas de mestrado, duas de exame de qualificação, uma orientanda terminando a dissertação... Marido, três filhos e a casa em reformas estruturais. Só a paciência de Édina, companheira de uma tese e três memoriais, para datilografar meus textos produzidos em partes não seqüenciadas, e para entender tantas anotações à margem.

SEMPRE FICA a impressão de que faltaram coisas... Penso nas idéias para o curso de Jornalismo, algumas já antigas: a exis-

tência de um laboratório de redação, com trabalhos adequados a diferentes tipos de dificuldade e com oficinas sobre pontos específicos, um laboratório que funcionasse fora do horário das aulas; o maior desenvolvimento de jornalismo de revistas, setor pouco presente no curso; a necessidade de se ter uma revista como órgão laboratorial; a possibilidade de certas matérias serem ministradas intensivamente (por exemplo, em 4 semanas, ao invés de se alongar pelo semestre), para melhor aproveitamento.

PENSO EM TRABALHOS que me marcaram, como Anatomia da Imagem Fotográfica, toda argumentada visualmente, com recortes de uma foto desconstruída à exaustão: realmente Antonio Carlos D'Avila conseguiu fazer uma dissertação visual. Lembro da emoção de participar da livre-docência de Ana Mae Barbosa. E o Trabalho de Conclusão de Curso de Carla Gil Ponte, aprendizado de sensibilidade.

PENSO NA SENSACÃO de encontrar a cada ano uma nova turma. Ser mestre e aprendiz, ao mesmo tempo, como dizem e fazem duas educadoras que moram no meu coração e na minha mente: Tereza Pagani e Naiza de França. E sempre procurando narrativas vitais. Gosto de trabalhar com relatos; mas quando a relatada sou eu, o texto acaba saindo um pouco transbordante. Inflexão e reflexo: sentimentos são mares. É difícil se circunscrever, ainda mais quando a vida toda foi na direção da escrita não circunscrita.

MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI
MEMORIAL DULCÍLIA H.S. BUITONI

MEMORIAL
DULCÍLIA
H.S. BUITONI

Datilografia: Édina Chang
f. 65-7755

Capa: Joyce Buitoni

Desenho: Gláucia Buitoni